

SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ

FREI VENÂNCIO WILLEKE, OFM,
Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS
DE CANINDÉ

RESUMO HISTÓRICO

2ª Edição

CANINDÉ
1973

Este Livro se acha à venda no
- Convento de Stº Antônio,
Praça Frei Aurélio, s/n.
DIRETOS RESERVADOS

PREFÁCIO

O livro que Fr. Venâncio Willeke OFM entrega aos amigos de São Francisco de Canindé será a primeira obra de conjunto que se escreve sobre o célebre Santuário nordestino.

De artigos esparsos, de notas semeadas em outros cronistas e historiadores, de documento arquivais, de relatórios particulares, de experiências próprias e de tradições locais, o Autor conseguiu reunir um volume que será durante muito tempo a obra mais completa sobre S. Francisco de Canindé e suas romarias.

A cidadezinha cearense de Canindé fica no polígono das secas. Numa zona árida e queimada do sol. Sem belezas turísticas. E, no entanto para a basílica do Poverello que aí se levanta, peregrinam milhares de brasileiros, vindos de todos os Estados do Nordeste, do Norte e de mais longe.

Vão pagar promessas. Vão agradecer benefícios. Vão pedir graças.

Por mais que se critique a piedade às vezes ingênua, às vezes deformada do nosso sertanejo, restará sempre uma porção indiscutível de Fé sobrenatural que comove os homens e inclina o Coração do Pai que está nos céus.

É indiscutível que Canindé dá testemunho da graça divina e da santidade de São Francisco.

Durante o ano todo, ainda nos anos de seca geral, mas especialmente de julho a outubro, são milhares e milhares os romeiros que de carro, de ônibus, de caminhão, a pé ou a cavalo demandam o sertão, para visitarem Canindé.

Não temem sofrimentos. Qualquer privação é bem aceita. Sem pedirem nada à civilização, a boa gente sertaneja faz todos os sacrifícios para cumprir a promessa das horas angustiosas.

Fr. Venâncio deu-nos um quadro exato do que é Canindé hoje em dia e da sua evolução desde os meados do século XVIII. Lenda e história; trabalho de padres seculares e arrojado de capuchinhos e franciscanos, atividades espirituais e materiais, vicissitudes, fraquezas e virtudes, tudo aqui nos fala de homens bons e confiantes que recorreram a São Francisco, para agradecerem dons, para pedirem graças, para afirmarem sua Fé, para louvarem a Deus.

Voltando à sua terra, para o dia a dia pesado, o bom peregrino levará este livro que foi escrito com amor e o guardará como lembrança da piedosa romagem e das grandezas do Seráfico São Francisco de Canindé.

+ FR. Adriano Hipólito, OFM
Bispo de Nova Iguaçu

ESTA EDIÇÃO COMEMORA O CINQUENTENÁRIO DO APOSTOLADO FRANCISCANO EM CANINDÉ.

1923

1973

Os paroquianos e os romeiros relembram com gratidão os saudosos religiosos que em Canindé, cumpriram a sua sublime missão:

Frei Adalberto Kirschbaum	+	1948	
Frei Aurélio Bäumker	+	1947	Canindé
Frei Benigno Randebrock	+	1954	Canindé
Frei Boaventura münch	+	1963	Canindé
Frei Bonifácio Muller	+	1963	
Frei Capistrano Niggemever	+	1948	Canindé
Frei Diogo Hauptmann	+	1973	Canindé
Frei Estanislau Cleven	+	1963	
Frei Estevão Röttger	+	1955	
Frei Eugênio Koslar	+	1973	
Frei Feliciano Trigueiro	+	1955	
Frei Fidélis Textoris	+	1927	
Frei Gregório Renner	+	1970	
Frei Leopoldo Plass	+	1954	
Frei Lucas Vonnegut	+	1955	
Frei Mansueto Wollny	+	1968	
Frei Maurício Mellage	+	1932	
Frei Menandro Rutten	+	1963	
Frei Nicásio Kipashagem	+	1947	
Frei Niceto Schefer	+	1962	
Frei Odilon Gelhaus	+	1930	
Frei Oto Stohldreier	+	1973	
Frei Pacífico Wiesmann	+	1972	
Frei Paulino Ramalho	+	1966	
Frei Paulo Kleinken	+	1962	
Frei Pedro Westermann	+	1971	
Frei Policarpo Cornelius	+	1965	Canindé
Frei Própero Bröckelmann	+	1964	
Frei Teodoro Haerke	+	1972	Canindé
Frei Tito Wüstenberg	+	1957	

SUMÁRIO

	Pág.
Prefácio.....	5
Dedicatória.....	7
Sumário.....	9
Índice das ilustrações.....	11
Bibliografia.....	13
Duas Palavras.....	19
Datas Principais da vida de São Francisco.....	21
Datas históricas do culto franciscano.....	22
Introdução.....	25
I. O Desenvolvimento do Culto franciscano de São Francisco..	27
II. O Santuário de São Francisco das Chagas.....	35
III. A Imagem milagrosa de São Francisco.....	41
IV. Milagres e ex-votos.....	48
V. Romarias.....	56
VI. Privilégios concedidos ao Santuário e aos Romeiros.....	67
VII. A Paróquia de Canindé.....	71
VIII. Irmandades de Canindé.....	85
IX. Capuchinhos em Canindé.....	90
X. O Novo Santuário-Basílica.....	102
XI. Franciscanos em Canindé.....	107
XII. O Patrimônio de São Francisco e sua administração.....	115
XIII. O Colégio Stº Antonio.....	121
XIV. Juvenato São José.....	127
XV. Educandário Santa Clara.....	128
XVI. Hospital-Maternidade regional São Francisco.....	132
XVII. Canindé Cultural.....	133
XVIII. O 7º centenário da morte de São Francisco e outros jubileus em Canindé.....	141

Apêndice – Documentário

SUPLICA DOS CANINDEENSES (1796) pedindo a fundação de um convento ou a criação da paróquia.....	147
NOVAS PETIÇÕES DOS CANINDEENSES quanto à criação da Paróquia.	
I. 1801-1802.....	148
II. 1816.....	153
III. 1816.....	157
PROPOSTAS DE ANTONIO JOSÉ MOREIRA GOMES sobre tributos paróquias (1819).....	159
O GOVERNADOR DO CEARÁ REFERE A D. JOÃO VI sobre Canindé (1819).....	161
CARTA DE DOM LUÍS ANTONIO DOS SANTOS sobre a Irmandade de São Francisco (1870).....	162
RELATÓRIO PAROQUIAL DE CANINDÉ (1872).....	163
RELATÓRIO DE FREI CASSIANO DE COMACHIO sobre Canindé (1888).....	164
DOM JOAQUIM JOSÉ VIEIRA orienta sobre a transladação das Imagens (1888).....	164
DOM JOAQUIM SUSPENDE a eleição da mesa regedora (1896).....	166
DOM JOAQUIM ordena a entrega dos bens de São Francisco (1896).....	167
RELATÓRIO DE D. JOAQUIM sobre Canindé (1913).....	170
LETRAS APOSTÓLICAS quanto à nova Basílica de Canindé (1925).....	172
Índice de Pessoas.....	75

Desenhos

1. São Francisco das Chagas de Canindé, desenho de H. Graf. p.2
2. Convento franciscano de Olinda-Pernambuco, 1ª fundação definitiva da Ordem no Brasil, 1585, segundo o selo postal comemorativo da independência da Província de Stº Antonio do Brasil 1657-1957. Desenho da autoria do Irmão Paulo Lachenmayer, OSB.....p. 8
3. Antigo Santuário.....p. 38
4. São Francisco em adoração ao divino Crucificado.....p. 42
5. São Francisco prega sobre a paixão de Cristo; imagem venerada no santuário do Sr. S. Cristo de Ipojuca-Pernambuco. Desenho feito por Frei Tarcísio Jungwirth, OFM.....p. 43
6. São Francisco em meditação do Crucificado, imagem venerada no convento de Santa Madalena de Marechal Deodoro-Alagoas. Desenho da autoria de Frei Tarcísio Jungwirth, OFM.....p. 44
7. São Francisco das Chagas convida seus devotos à contemplação do divino Crucificado; imagem milagrosa de Canindé.....p. 46
8. O primitivo brasão de armas da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil que se acha sobre o arco triunfal da Igreja conventual de São Francisco de Salvador-Bahia. Escudo partido – o 1º partido de prata coma as 5 chagas, de vermelho postos em santor, e o 2º de prata com 5 escudastes de azul postos em cruz, carregados de 5 besantes de prata, em santor e uma bordadura de vermelho com 7 castelos de ouro. Insígnias franciscanas que são: uma cruz com um braço de São Francisco, em aspa e uma coroa de espinhos e um cordão de S. Francisco que orla o escudo, assente tudo sobre um tarja e encimado por uma coroa real de Portugal. – Com o advento do império brasileiro, a Província Franciscana foi obrigada a mudar o escudo português pelo do Império, acrescentando-se os ramos de cafeeiro e de fumo, ficando, porém a coroa portuguesa, desenho e explicação do Ir. Paulo Lachenmayer, OSB.....p. 49
9. São Francisco e Stº Antonio, desenho de W. Sommer.....p. 57
10. Estigmatização de São Francisco no Monte Alverne (1224); Imagem milagrosa de São Francisco das Chagas de Canindé; Basílica de Canindé, os três motivos inseparáveis que se gravam na memória do Romeiro. Desenho da autoria de Frei Tarcísio Jungwirth, OFM.....p. 103
11. Mapa do distrito da freguesia da Vila de Fortaleza, desenho de Paulet.....pp. 168/169

BIBLIOGRAFIA

As fontes e obras que são, poucas vezes, citadas não levam sigla. Observa-se a ordem alfabética das siglas, não, porém os títulos por extenso.

I. OBRAS CONSULTADAS

A) Arquivos: Manuscritos, cópias

AASBR – Arquivo Abacial de S. Bento do Rio de Janeiro – pasta D. Frei Antonio de S. José Bastos.

ACM - Arquivo da Custódia capuchinha do Maranhão.

AGMC – Arquivo Generalício dos Menores capuchinhos – Roma.

AHU/PE – Arquivo Histórico Ultramarino/seção: Pernambuco; - Lisboa.

AMIP – Arquivo do Museu imperial de Petrópolis.

ANR – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – GB.

APCL – Arquivo Provincial dos Capuchinhos Lombardos – Milão.

APEC – Arquivo Público do Estado Ceará – maço de Canindé.

APEC/OTDP – Idem/ **Livro de registro de Ofícios do Tribunal do Desembargo do Paço, referente aos anos de 1814 a 1819** – Fortaleza.

APMC – Arquivo da Prefeitura Municipal de Canindé. **1º livro de registro da Secretaria da Câmara Municipal, 1848.**

APR – Arquivo provincial do Recife (Província franciscana de Stº Antonio).

APSF – Arquivo do Patrimônio de São Francisco – Canindé.

Atas da confraria de N. Senhora Das Dores de Canindé.

BARBOSA CORDEIRO – José Barbosa Cordeiro Magalhães: **Memórias canindeenses 1792-1899.**

BAT. RIB. – **Livro de batizados da Paróquia de S. José de Ribamar.**

CAS. RIB. – **Livro de Casamento da Paróquia de S. José de Ribamar.**

CRÔNICA OFM – **Crônica da casa de São Francisco de Canindé.**

(enquanto administrada pelos franciscanos 1923-1973)

CRÔNICA ESCL – **Crônica do Educandário Santa Clara de Canindé.**

ILHA – Frei Manuel da Ilha, OFM: **Divi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio seu relativo** – 1621. Sem nunca ter visitado o Brasil baseia este autor sobre os dados fornecidos pelos missionários, transcrevendo também parte da “Crônica da Custódia do Brasil”, MS de Frei Vicente do Salvador, OFM de 1618, crônica que encerra as experiências pessoais do autor nas missões da Paraíba (1603) e nas viagens feitas na gestão custodial (1614-1617)

LACMF – Livro de Atas da Câmara Municipal de Fortaleza.

LACSF – **Livro de Atas das Eleições e termos de juramento dos irmãos da Confraria de São Francisco das Chagas de Canindé.** (termo de abertura 13-2-1871)

LAMR – **Livro de Atas da Mesa Regedora da Confraria de São Francisco das Chagas de Canindé.**

Livro dos Capítulos conventuais de Canindé Ms.

Livro de contas do Patrimônio de São Francisco das Chagas de Canindé.

Livro de Entradas da Ordem Terceira de São Francisco – Recife, vol. 2.

LLRP – **Livro de lançamento de Recibos do Patrimônio de São Francisco das Chagas de Canindé.**

Livro de Profissões da Ordem Terceira de São Francisco – Recife, vol. 2.

OB. RIB. – **livro de Óbitos da Paróquia de São José de Ribamar** – Fortaleza.

RCBCSF – Registro de Correspondência do Bispado com a Confraria de São Francisco das Chagas de Canindé.

ROEC – Registro de Ofícios episcopais concernentes a Canindé.

SANTOS LESSA – Joaquim dos Santos Lessa: Memórias CANINDEENSES, 1775 (?) – 1817.

Suplemento da Crônica franciscana de Canindé Ms

TBPSF – Tombo dos Bens patrimoniais de São Francisco de Canindé.

TOMBO CANINDÉ – Livro de Tombo da Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé nº 2-6. Perdeu-se o 1º tomo, havendo, porém vários dados transcritos para o 2º tomo.

Tº PRATA – Livro de tomo do Instituto de S. Antonio do Prata (das Terceiras regulares Capuchinhas)

TOMBO RUSSAS – Livro de tomo da Paróquia de N. Senhora do Rosário de Russas (aberto em 1735)

TORRE DO TOMBO – Arquivo Nacional da Torre de tomo – Lisboa.

VIEIRA – Relatório de D. Joaquim José Vieira sobre Canindé, 1913.

B) Impressos: Livros, revistas e jornais

AAS – Acta Apostolicae Sedis: de piis peregrinationibus ad celebriora Sanctuaria moderandis.

ÁLBUM ILUSTRADO – Álbum ilustrado da Paróquia de Canindé, Canindé, 1929.

ALMANAK – Almanak Administrativo, estatístico... Do Ceará, Ano V. Fortaleza, 1899.

Anais da Assembleia provincial do Ceará, tomo IV, Fortaleza, 1870.

AN. FRANÇA – Revista “Annali Francescani” ano XXX, Milão 1899.

AN. REL. – Anuário dos Religiosos do Brasil, II, Rio de Janeiro, 1958.

AOC – Analecta Ordinis Capuccinorum, V. Roma, 1889.

AOFM – Acta Ordinis Fratrum Minorum, fasc. VII anni XLV, Roma 1926.

Atas Capitulares – Atas Capitulares da Província Franciscana de S. Antonio do Brasil 1649 In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro vol. 286 (1970)

G. BARROSO – Gustavo Barroso à Margem da História do Ceará, Fortaleza 1962.

J. L. BARROSO – José Liberato Barroso, Compilação das Leis provinciais do Ceará, Rio de Janeiro, 1863.

BÉRGAMO – Frei Cirilo de Bérghamo, OFM Cap. Apontamentos históricos das capelas da Paróquia de Canindé in RIC, tomo XXXVI.

SOUSA BRASIL – Tomás Pompeu de Sousa Brasil, ensaio estatístico da Província do Ceará, Fortaleza 1864, vol. 2.

BRÉSCIA – Frei Timóteo Zani de Bréscia, OFM Cap. Al Pará-Maranhão-Ceará Note di viaggio, Milão, 1903.

Caderno de Canindé nº 1 Relatório das festividades de São Francisco de Canindé 28-9/4-10-1967.

CINQUENTENÁRIO – Cinquentenário da Prelazia de Santarém, 1903-1953, Santarém-Pará 1953.

Conta de custo da lâmpada para a Capela de São Francisco de Canindé in RIC, tomo XXXIII, 1919.

CLPC – Coleção de Leis da Província do Ceará de 1870, Fortaleza 1870.

CONCEIÇÃO – Frei Apolinário da Conceição, OFM, Primazia Seráfica na região da América, Lisboa 1733.

CRUZ FILHO – José Cruz Filho, História do Ceará, São Paulo 1931.

Deltas Larousse – Grande Enciclopédia Delta Larousse, Rio 1972, **Canindé**.

DOC. HIST. PERNAMBUCO. – **Documentação histórica Pernambuco** – Sesmarias vol. II. Recife 1955.

ECAS – **Estatutos do Colégio Apostólico e Seminário Menor de São Francisco das Chagas de Canindé**, Fortaleza 1900.

FIORETTI – **I Fioretti**, Trad. de Durval de Moraes, Petrópolis 1964.

GILLES – Frei Felisberto Gilles, OFM, **Ordensmann und Pfarrei** in RSA ano XVIII-XIX (1940 e 1941).

GIRÃO – Raimundo Girão, **Pequena História do Ceará**, Fortaleza 1953.

GOLDMANN – M. A. Goldman, **Madre Maria Imaculada de Jesus**, Salvador 1951.

GUNKEL – Hermann Gunkel, **Einleitung in die Psalmen**, Goettingen 1933.

JABOATÃO – Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, OFM, **Novo orbe Seráfico Brasília**, Crônica dos Franciscanos do Brasil 1500-1763, Rio de Janeiro 1859.

KIEMEN – Frei Mathias C. Kiemen, OFM, **The Indian Policy of Portugal in the Amazon region, 1614-1693**, Washington 1954.

KOBLER - A. Kobler, S. J. **Katholisches Lebem im Mittelalter**, innsbruck 1887, tomo I.

KOETTING – Bernhard Koetting, **Peregrinatio Religiosa**, Muenster, 1950.

LEAR – Lear, **Santuário de São Francisco de Canindé**, Canindé 1926.

LEITÃO – Pe. Luís de Sousa Leitão, **Notas políticas e religiosas da vila de Canindé**, in RIC pp. 46-59, tomo XVI.

LEITE – Pe. Serafim Leite, S. J. **História da Companhia de Jesus**. Lisboa, 1938 ss.

LUSTOSA – D. Antônio de Almeida Lustosa. Op 1º centenário da Arquidiocese de Fortaleza 1854-1954, Fortaleza, 1954.

MARTINS – Álvaro Marins, **Capela Milagrosa**, Fortaleza 1898. **O Município de Canindé no Centenário de sua criação**, Fortaleza 1946.

NEMBRO – Frei Metódio de Nembro, OFM Cap. **I Cappuccini nel Brasile**, Missione e Custodia del Maranhão 1892-1956, Milão 1957.

NEMBRO-STORIA – Frei Metódio de Nembro, OFM Cap. **Storia dell attività Missionaria dei Minori Cappuccini nel Brasile**, Roma 1958.

NEYER – P. Paschalis Neyer, OFM, **Der Hl. Franziskus und die armen Seelen seiner 3 Orden in “Kichengeschichtliche Studien“** Kolmar 1941.

NORDESTE – **Nordeste** (jornal católico diário de Fortaleza)1948.

PONTERANICA – Frei Matias de Ponteranica, OFM Cap. **Da Milano al Pará nel Brasile**, in AN. FRANCO. 1899.

PORDEUS – Ismael de Andrade Pordeus, **Antônio Dias Ferreira**, dados biográficos do fundador de Quixeramobim in ”O NORDESTE”, Fortaleza 1955.

QUINDERÉ – Mons. José Quinderé, **Subsídios para a História Eclesiástica do Ceará**, separata do “O CEARÁ”, Fortaleza 1939.

REBOUÇAS – André Rebouças, **A Seca nas Províncias do Norte**, Rio 1877

REGULAMENTO COMISSÃO – **Regulamento que deve observar a comissão encarregada de administrar os bens de São Francisco das Chagas de Canindé**, Fortaleza 1897.

Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis.

RIC – **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza.

RIHGB – **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio.

ROCHA-NOTAS – Augusto Rocha, **Notas cronológicas de Canindé**, in RIC tomo XXVIII, de 1914.

ROCHA-SANTUÁRIO – Augusto Rocha, **Santuário de Canindé**, Fortaleza 1923, (4ª ed.)

ROCHA SERRONI – Augusto Rocha, **Leôncio Serroni**, Fortaleza 1909

- ROEWER-PENHA** – Frei Basílio Roewer, OFM, **O Convento da Penha do Espírito Santo**, Petrópolis 1965.
- RSA – Revista S. Antonio**, (da Província Franciscana de S. Antonio do Brasil), Recife (1923).
- SALVADOR** – Frei Vicente do Salvador, OFM, **História do Brasil**, (1ª História do País escrita por Brasileiro, razão por que Frei Vicente é chamado “Pai da História do Brasil”) S. Paulo 1965 – 5ª Edição.
- SANTUÁRIO JORNAL** – Santuário de São Francisco, Quinzenário – órgão Oficial da Basílica de São Francisco de Canindé. 1915-1968.
- S. JOÃO** – Frei Pedro de Sexto S. João, OFM Cap. **Relazione annuale della Missione de Maranhão al del Brasile** in AN. FRANC. 1904 s.
- SEGURA** – Pe. Turíblio Vila Nova Segura, **Bom Jesus da Lapa**, S. Paulo 1948 – 3ª edição.
- SINZIG** – Frei Pedro Sonzig, OFM, **São Francisco e seu culto no Brasil** – M. Gladbach 1926.
- SOC. VIC.** – Sociedade de S. Vicente de Paulo, **Relatório de Canindé 1931** – Canindé 1932.
- STUDART – 1º CENTENÁRIO** – Barão de Studart, **comemorando o 1º Centenário do Jornalismo Cearense...**, Fortaleza 1924.
- STUDART – DIC.** – Barão de Studarte, **Dicionário Biobibliográfico Cearense**, Vol. III. Fortaleza.
- STUDART – JORNALISMO** – Barão de Studarte, **Para a História do Jornalismo Cearense**, in RIC ano XLVII, Fortaleza 1933.
- STUDART – NOTAS** – Dr. Guilherme Studart, **Notas para História do Ceará**, Lisboa 1892.
- Tribuna Católica**, Jornal Católico de Fortaleza, ano 1868.
- VAT** – Frei Odulfo van der Vat, OFM, **Princípios da Igreja no Brasil**, Petrópolis 1952.
- VERACRUZ** – Paulo Veracruz, **Livro dos Milagres de São Francisco das Chagas de Canindé**, Canindé 1923.
- VERDADE** – A verdade, jornal católico, ano de 1890, Fortaleza, **Vijv em twintig jaar in Brazilie 1899-1924**, (sobre o comissariado dos Franciscanos holandeses), Weert 1924.
- WILLEKE – IPOJUCA I** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **Resumo Histórico do Convento de S. Antonio e do Santuário do Sr. S. Cristo de Ipojuca**, Recife 1938.
- WILLEKE – IPOJUCA II** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **O Convento de S. Antonio de Ipojuca**, Separata da Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, Rio 1956.
- WILLEKE-PALÁCIOS** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **Frei Pedro Palácios** in **Revista do Instituto Geográfico Brasileiro** (cit. **RIHGB**) VOL. 286 (1970) pp. 26-40.
- WILLEKE-PRIMÓRDIOS** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **Primórdios da Fé no Brasil** in **RIHGB**, vol. 287 (1970) pp. 492-506.
- WILLEKE-SEVERIM** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **Frei Cristóvão de Lisboa**, OFM **1º Naturalista do Brasil** in **RIHGB** vol. 289 (1970) pp. 112-136.
- WILLEKE-STADEN** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **Altherkoemmliche brasilianische pilgerbraeuche**, in **StadenjahrBuch** S. Paulo 1958 (vol.VI) pp. 107-112.
- WILLEKE-UNA** – Frei Venâncio Willeke, OFM, **A Missão de São Miguel de Una** in **Revista de História** nº 79 (1969) pp. 209-219.

II. LITERATURA NÃO CONSULTADA

- CANINDÉ**, in AN. FRANC. (1904) pp. 218-221.
- CARRARA**, Achile, **Ventiquattro anni di Missione del RR. PP.**

- Cappuccini in Canindé**, in AN. FRANC. (1923) pp. 635-644.
- Castelanza, Fr. Roberto M. da, OFM Cap., **Relazione Annuale del Superiore Regolare al M. R. Pe. Provinciale**, in AN. FRANC. (1918) pp. 573-5; (1919) pp. 51-5. Costa, João Facundo da **Notas políticas e religiosas da Vila de Canindé**, in RIC tomo XX (1906) pp. 53-68. Francesa, **La festa di São Francisco a Canindé**, in AN. FRANC. (1910) pp. 599-601.
- Girão, Raimundo e Antônio Marins Filho, **Vultos eminentes de Canindé**, in “O CEARÁ” Fortaleza 1939, pp. 139-141. D’Ingazo, Fr. Eliodoro, OFM Cap. **Cenni storici di Canindé**, in AN. FRANC. (1921) pp. 373-6, 430-4, 485-8, 517-524, e **vadano colla benedizione di Dio**, in AN. FRANC. (1923) pp. 231-5, 205-8.
- Para a História de Canindé**, in RIC tomo XXXIV 1920, pp. 221-224, Pinheiro, Cônego Andrade, **A Cidade de Canindé**, in “A Província do Pará” 15-12-1910, Belém.
- Ponteranica, Frei Matias M. de, OFM Cap. **Da Barra do Corda a Canindé**, in AN. FRANC. (1920) pp. 88-9, 116-8, 138-140.
- Primeiro, Frei Fidélis, OFM Cap. **Capuchinhos em Terras de Santa Cruz**, São Paul 1940.
- Rocha, Augusto **Canindeenses ilustres** in RIC tomo XXXV, 1921, pp. 168-184.
- __ **1º Centenário da Paróquia de Canindé**, in RIC tomo XXXII 1918, pp. 7-11.
- Stefano, Frate OFM Cap. **Intorno alla nostra missione nel Brasile**, in AN. FRANC. (1920) pp. 385-7.
- Terzorio, Clemens a OFM Cap. **Manuale Historicum OFM Cap.** Isola de Lisi 1926.
- Willeke, Frei Venâncio OFM, **Canindé**, in “Lexikon Für Theologie und Kirche“ tomo II Freiburg i. Br. 1958.
- __ **A Devoção a São Francisco das Chagas**, in RSA ano XVI, nº 2, pp. 11- 120.
- __ **Origem da Devoção a São Francisco das Chagas de Canindé** in RIC tomo 73 ano 73 (1959) p. 172ss.
- __ **Um Santo conquista o Brasil**, in revista ”VOZES”, ano 56, nº 4. Petrópolis 1962, pp. 262-169.

III. BIOGRAFIA DE SÃO FRANCISCO

- Felder, D. Frei Hilarino OFM Cap., **Osw Ideais de São Francisco**, Edit. Vozes, Petrópolis RJ.
- Joergensen, Joh, **São Francisco de Assis**, Edit. Vozes, Petrópolis.

IV. HISTÓRIA FRANCISCANA DO BRASIL

- Roewwr, Frei Basílio, OFM, **A Ordem Franciscana no Brasil**, Petrópolis 1947.
- Mueller, Frei Bonifácio, OFM, **Convento de S. Antônio do Recife**, Recife 1956.
- Freyre, Gilberto e outros autores. **A Província Franciscana de S. Antonio do Brasil**, Recife 1957.
- Miranda, Maria do Carmo Tavares de **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**, Recife 1969.
- Titton, Frei Gentil, OFM **A Reforma da Província Franciscana da Imaculada Conceição 1738-1740** in **Revista de História** nº 84 ano 21 (1970ss).

DUAS PALAVRAS

Quando de minha missão sacerdotal em Canindé (1955-1956), aprendi a estimar a profunda religiosidade dos romeiros e as lendas tradicionais que versam sobre os primórdios do santuário de São Francisco das Chagas. Lamentando a ausência de uma exposição rigorosamente histórica, meti mãos à obra para reunir documentos e manusear alfarrábios bisseculares.

Reitero os meus sinceros agradecimentos ao esforçado colaborador, hoje Bispo Diocesano de Tianguá, Dom Frei Timóteo Francisco N. Cordeiro, OFM Cap., a cujas pesquisas devo a parte relativa à história capuchinha de Canindé, aqui fielmente reproduzida da primeira edição.

Lançando esta nova edição, ouço um ou outro leitor perguntar: “Ainda haverá lugar para santuários e romarias, após o Vaticano II? Como as romarias, procissões e devoções populares não constituem liturgia, já não se justificam”.

Responda um professor de liturgia*, como autoridade competente e insuspeita: “Primeiro, não só o que é liturgia é bom na espiritualidade cristã. Segundo, não é tão fácil afirmar que procissões e romarias não constituem liturgia. Não constituem liturgia, no sentido jurídico, se entendermos por liturgia só o culto que teve a ventura de ser codificado no Concílio de Trento. Mas, se compreendermos como liturgia todo e qualquer culto comunitário cristão, devemos dizer que as procissões e peregrinações e os encontros de oração populares constituem ações litúrgicas em forma popular, em nada inferiores à forma erudita, clerical e codificada”.

No mesmo sentido, lembra o Vaticano II a “Todos os filhos da Igreja que... deem Grande valor às práticas e aos exercícios da piedade recomendados pelo Magistério, no curso dos séculos e observem religiosamente o que, em tempos passados, foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da Bem-aventurada Virgem e dos Santos” (Lumen Gentium 67).

* **Frei Alberto Beckhäuser, OFM, Os Santuários, manifestações do Mistério de Cristo**, in Revista Eclesiástica brasileira vol. XXX (1970) fasc. 118 p. 395.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DE SÃO FRANCISCO

1181 ou 1182 – Em Assis-Itália, nascimento de São Francisco, filho do abastado comerciante Pedro Bernardone.

1202 – Voluntário da campanha contra Perugia, Francisco passa um ano como prisioneiro de guerra. Contraíndo grave enfermidade dá os primeiros sinais da vocação religiosa.

1205 – Abandonando os sonhos e prazeres da juventude, Francisco reconhece a suprema soberania do Pai Celeste, a cujo serviço se entrega.

1206 – Romaria de Francisco aos túmulos de S. Pedro e S. Paulo.

– Na Igreja de São Damião ouve a voz do Crucificado: “Francisco, restaura a minha casa que está caindo”. – Comparecendo perante o tribunal do Bispo de Assis e deserdado pelo pai, exclama Francisco: “Até agora eu chamava de pai a Pedro Bernardone. Doravante posso deveras dizer: Pai Nosso que estais no céu”. Entregando ao pai o último dinheiro que

guardava no bolso e a própria roupa do corpo, Francisco recebe das mãos do Bispo o hábito para levar vida de penitente.

1207-1208 – Francisco restaura as capelas de S. Damião, S. Pedro e N. Senhora Dos Anjos.

1209 – Ouvindo, durante a missa, o conselho evangélico de observar a pobreza, Francisco resolve com seus companheiros viver segundo o Evangelho: Fundação da ordem Franciscana ou dos Frades Menores.

1210 – Quando de sua romaria aos sepulcros dos Santos Apóstolos Francisco obtém do Papa a aprovação oral da regra de sua Ordem recém-fundada.

1212 – Francisco entrega o hábito de penitência a Santa Clara de Assis, fundando a 2ª Ordem Franciscana ou das Clarissas. – Em viagem missionária para a Síria, Francisco é vítima de naufrágio na Dalmácia.

1213 a 1215 – No intuito de pregar aos muçulmanos de Marrocos e na esperança de mártir pela fé cristã, Francisco viaja até Portugal onde uma doença o obriga a voltar à Itália, visitando nessa ocasião o Santuário de Santiago de Compostela.

1219 – Francisco faz a peregrinação à Terra Santa e pregando em seguida ao Sultão dos muçulmanos, aguarda novamente a palma do martírio. Mas Deus dispõe de modo diferente.

1220 – São mortos os primeiros Mártires Franciscanos em Marrocos.

1221 – Francisco entrega o hábito de penitência a seculares desejosos de seguirem o ideal franciscano no meio do mundo, fundando assim a Ordem Terceira Secular.

1223 – Francisco celebra o Natal diante do presépio de Grécio.

1224 – Passando o retiro espiritual no Monte Alverne, Francisco recebe em seu corpo as cinco chagas de Cristo crucificado.

1226 – Pobre como viveu, morre Francisco no convento de Porciúncula, enquanto os frades cantam o salmo 141. O santo é sepultado na igreja de São Jorge.

1228 – Pela canonização, Francisco é inscrito no catálogo dos Santos da Igreja Católica. O culto de São Francisco espalha-se rapidamente sobre o mundo então conhecido.

1230 – O santo é trasladado para o Sacro Convento.

Datas comemoradas anualmente

16 de abril

- Aprovação da Regra da Ordem dos Frades Menores (1210) e renovação anual dos votos.

24 de maio

- Dedicção da patriarcal Basílica de São Francisco em Assis e transladação dos restos mortais do Santo (1230)

16 de julho

- Canonização de São Francisco (1228).

2 de agosto

- Indulgência de Porciúncula, vulgo “Perdão de Assis”

17 de Setembro

- Estigmatização de São Francisco no Monte Alverne (1224)

2 de outubro

- Dedicção da Basílica de São Francisco das Chagas de Canindé (1917).

4 de outubro

- Festa principal de São Francisco em comemoração a sua santa morte 1226 e com a cerimônia do “Trânsito”.

12 de dezembro

- Invenção do sepulcro de São Francisco em Assis (1818), depois de Ter passado desconhecido, durante séculos.

Datas históricas do culto de São Francisco das Chagas de Canindé.

1758 – Frei Manuel de Santa Maria e São Paulo e outros Franciscanos do Recife, junto com os Terciários franciscanos cearenses propagam na zona de Canindé o culto de São Francisco das Chagas.

1775 – Francisco Xavier de Medeiros principia, à margem do Canindé, a construção da Igreja de São Francisco das Chagas.

1787 – O capitão Antônio Alves Bezerra oferece a São Francisco a fazenda Santa Rosa.

1795 – Atribuem-se graças inauditas a São Francisco quando da construção da Igreja em Canindé.

1796 – Inauguração do Santuário e da imagem grande de São Francisco, oferta do Cel. Jerônimo Machado.

1796 – Os canindeenses pleiteiam a fundação de um convento franciscano ou a criação da Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé.

1798 – O Santuário de São Francisco das Chagas recebe o primeiro sacerdote na pessoa do Pe. João Vieira, Terciário Franciscano.

1801 – Os Canindeenses tornam a requerer a criação da Paróquia de São Francisco das Chagas.

1817 – Dom João VI despacha do Rio de Janeiro o alvará régio, pelo qual cria a paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé, ato que é confirmado pelo governador da diocese de Olinda.

1818 – Posse do 1º Vigário de Canindé: Pe. Francisco de Paula Barros.

1851 – São Francisco das Chagas preserva Canindé da epidemia que assola o Ceará.

1864 – Durante a reforma parcial do Santuário segue para a Bahia, onde é novamente encarnada.

1877 – Em Canindé, principia a construção da Igreja de N. Senhora Das Dores e da Casa da Caridade.

1890 – Interditado de 1888 a 1890 por Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará, o Santuário de São Francisco completamente reformado recebe nova benção para ser reentregue ao culto divino.

1898 – D. Joaquim José Vieira confia aos Capuchinhos a Paróquia e o Santuário de São Francisco.

1910 – A Imagem milagrosa é trasladada para a matriz provisória de N. Senhora das Dores, enquanto se ergue novo Santuário de 1910 a 1915.

1911 – Inauguração de uma Oficina tipográfica na Casa São Francisco de Canindé.

1915 – Em Canindé, sai a lume o 1º número do jornal intitulado “Santuário de São Francisco”. – Entronização da Imagem milagrosa de São Francisco em seu Santuário recém-construído, no mesmo lugar do primitivo de 1775.

1917 – Ao ensejo do 1º Centenário da Paróquia de Canindé, Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza, procede à sagração do Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé.

1919 – O Papa Bento XV concede abundantes privilégios aos romeiros de São Francisco.

1923 – Após 25 anos de abençoado apostolado, retiram-se de Canindé os Capuchinhos sendo substituídos pelos franciscanos da Província de S. Antônio.

1925 – A Sta. Sé Apostólica eleva o Santuário de São Francisco das Chagas à dignidade de BASÍLICA.

1926 – Durante as solenes comemorações do 7º Centenário da morte de São Francisco, Dom Manuel da Silva Gomes publica em Canindé as Letras Apostólicas de Pio XI instalando a BASÍLICA de São Francisco das Chagas.

INTRODUÇÃO

Os primórdios dos nossos Santuários, quase sempre, se ocultam na misteriosa penumbra de lendas piedosas; não escapam a essa regra as próprias figuras históricas ligadas à origem dos célebres templos, máxime quando estes vultos sobreviveram, por pouco tempo, os princípios do movimento peregrino. Haja vista a nobre figura de Francisco Xavier de Medeiros, inolvidável construtor do Santuário canindeense, cuja morte prematura ocorrida por volta de 1800 ofereceu margem a numerosas lendas eivadas de fatos miraculosos.

Sem pretendermos abolir ou ao menos contestar as lendas, tanto do gosto popular, que passam de geração em geração, vamos ao entanto atender às exigências da crítica moderna prosseguindo nas pesquisas históricas que, em fins do século dezanove, encetaram o Pe. Luís de Sousa Leitão, Álvaro Martins e Augusto Rocha.

O que distingue este estudo das publicações dos autores citados são as demoradas pesquisas feitas nos arquivos do Ceará, Maranhão, Pernambuco e Rio Janeiro e as respectivas fontes inéditas aproveitadas, igualmente, a literatura sobre o culto de São Francisco, sobre a romaria, os costumes dos romeiros e afinal a atualização do próprio histórico.

Mas ainda assim, presente publicação não faz jus à obra completa porque se perderam irreparavelmente muitos documentos e porque os fatos mais importantes, ocorridos durante a bisseccular história religiosa Canindeense, subtraem-se à nossa ciência. Pois, entre os inúmeros favores que São Francisco tem obtido de Deus em benefício de seus devotos romeiros, pouquíssimos nos foram transmitidos enquanto os ex-votos existentes na “Casa dos Milagres”, raras vezes, historiam os fatos estupendos de modo satisfatório, limitando-se em geral a externar o agradecimento ao Taumaturgo estigmatizado do Monte Alverne cearense.

Que rico e indubitável documentário poderia ser apresentado para edificação dos romeiros e para maior honra do Santo milagroso de Canindé se os seus agraciados solicitassem para os favores extraordinários, comumente chamados “milagres” o atestado de testemunhas oculares e fidedignas do vigário e, em caso de inauditas curas, o parecer autêntico do médico! O santuário mariano de Lourdes ocupa até uma comissão de médicos, sem distinção de credo, para examinarem todos os casos de curas consideradas milagrosas. Embora nem Deus nem os Santos precisem, para os fatos miraculosos, da confirmação humana, o julgamento pronunciado pela ciência desmente categoricamente certos ataques que em nome da ciência procuram ridicularizar como inexistente qualquer milagre.

O milagre parece a muitos incompatível com o estupendo processo da técnica moderna e os inauditos sucessos da medicina. Por isso, os santuários, as romarias e as casas de milagres merecem amiúde um riso compassivo, como se neles campeassem a ignorância retrógrada com todos os fenômenos característicos; e, no entanto, os inúmeros ex-votos oferecidos a São Francisco das chagas de Canindé provam que justamente entre os devotos deste Santo continua a fé inabalável e filial que alhures desapareceu. Onde porém faltar a fé, nem Deus realizará o milagre, conforme Cristo explicou a seus conterrâneos de Nazaré (Mc

6,4). Neste particular, consideramos Canindé o maior Santuário franciscano do mundo; pois, embora o número dos peregrinos que anualmente visitam a cidade franciscana de Assis (Itália) supere os de Canindé, ousamos afirmar que a fé e a confiança dos romeiros canindeenses patenteadas pelos incontáveis ex-votos constitui a Basílica de Canindé o primeiro Santuário Franciscano do mundo.

Como acontece por via de regra nos estudos históricos, também este aponta as suas páginas negras, destoando em particular porque muitos leitores esperam encontrar tão somente fatos edificantes. Seríamos, porém incorreto se calássemos as fases sombrias que também O Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé não foram poupadas.

As abundantes notas e citações pedem uma justificação. Visto que a crítica moderna reclama a citação da documentação compulsada e da bibliografia existente sobre a matéria, valemo-nos de ambas para assim recompor e provar a história real do Santuário, facultando aos historiógrafos a o recurso às mesmas fontes; que estes pelo amor a São Francisco continuem a investigar quanto aos fatos aqui historiados.

I

O DESENVOLVIMENTO DO CULTO DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS

Não é apenas em Canindé que São Francisco goza de veneração especial, sob a invocação das Chagas, mas em toda a parte e desde eras remotas. Canonizado em 1228, ou seja, dois anos após a sua santa morte, teve São Francisco, desde logo, o culto espalhado em todo o mundo, onde se estendiam as três Ordens por ele fundadas.

Há três motivos por ter a devoção franciscana ter conquistado a simpatia do povo: 1º o nascimento do patriarca assisiense a lenda tão parecido ao de Cristo – pois, teria nascido num estábulo – e as circunstâncias difíceis porque então a mãe do santo teria passado, de modo que as gestantes até o presente proclamam São Francisco seu advogado, usando muitas o cordão franciscano; 2º a estigmatização, fato historicamente provado que, antes do nosso santo, outro nenhum gozou, razão por que durante muito tempo mereceu uma festa particular na Igreja universal e desfruta o carinho filial das três Ordens seráficas, que a tornaram popularíssima no orbe cristão: 3º a morte invulgar do Poverello e a anual cerimônia comemorativa do “Trânsito” que constituíram o santo, guia das almas para o outro mundo e libertador do purgatório e tudo isto justamente pelos merecimento das sagradas chagas.

É natural que o cristão considere a entrada no mundo como a saída dele fatos importantíssimos, confiando-os por isso à proteção de um padroeiro celeste. Eis o motivo do cordão bento usado pelas gestantes devotas de São Francisco. Como, porém, a morte feliz forma o cuidado principal do cristão, tornou-se o seráfico Santo um dos padroeiros prediletos, cujo hábito, desde cedo, conseguiu foros de mortalha defensora ¹ e cujos estigmas são invocados em favor das almas conforme provam muitas gravuras antigas da missa gregoriana, em que o Serafim de Assis ergue as mãos chegadas como símbolos e mananciais de seu grande poder. Baseia esta devoção sobre a “lenda Francisca das almas” que atribui a São Francisco um amor especial para com os defuntos, conforme o livro “I Fioretti” que nos transpõe ao Monte Alverne onde Cristo teria falado ao santo recém-estigmatizado, nos seguintes termos:

“Sabes o que te fiz? Dei-te os sinais de minha paixão a fim de que sejas o meu arauto. E como, no dia de minha morte, descí ao limbo, e todas

as almas que lá encontrei, em virtude dos meus estigmas tirei-as e levei-as ao paraíso, assim te concedo, desde já, a fim de que me sejas tão conforme na morte como o tens sido na vida, que tu, desde que passes desta vida, cada ano, no dia de tua morte, vás ao purgatório e todas as almas de tuas três Ordens, i. é, menores, irmãs e continentes, e além destas, todos os teus devotos que encontrares, dali as tires, em virtude dos teus estigmas os quais te dei, e as leves ao paraíso”.²

Não pensemos que apenas o povo tenha aceitado a devoção ao santo estigmatizado. A literatura clássica aproveitou o piedoso motivo franciscano, confessando Dante na “Divina Comédia”, a respeito do cordão da penitência: “Eu era militar; tomando o cordão supunha favorecer a minha alma e obter a salvação”³, enquanto Lope de veja, em sua poesia “Os estigmas”, enaltece o hábito e o cordão Franciscanos:

E por isso, tantos reis
Sobre seus brocados ricos
Puseram vosso hábito,
Por mais preciso vestido.
 Vosso cordão é a escada
 De Jacó; pois, vimos muitos,
 Pelos nós de seus degraus,
 Subirem ao céu empírico. 4

O próprio “Faust” de Goethe menciona o alto poder de São Francisco, representado este por “Pater Seraphicus” baseando a interpretação sobre I Fioretti. 5 Na literatura portuguesa sobressai o tratado que Frei Marcos de Lisboa, OFM, em 1562, dedicou à estigmatização, na sua “Crônica das Ordens fundadas pelo Pai São Francisco”.

As belas artes talvez superem a literatura em obras-primas a enaltecer a impressão das chagas, orçando em sentenças os painéis, as gravuras e as esculturas. Sirva de exemplo em Portugal o baixo-relevo gravado na arca tumular del-rei D. Fernando I, que, remontando ao século XIV, representa a estigmatização de São Francisco a modo de Giotto. 6

Portugal foi terra privilegiada quanto ao Franciscanismo porque recebeu a visita do próprio São Francisco, por volta de 1214, quando também se fundaram os primeiros conventos da Ordem e anos depois abrigou as sagradas relíquias dos protomártires franciscanos, a cujo aspecto S. Antônio resolveu tomar o burel de frade menor. De Portugal foi que o início de sua colonização cristã.

Quando em 1500 o Brasil entrava na história mundial o primeiro sacerdote a celebrar e pregar foi o franciscano Frei Henrique Soares de Coimbra; os primeiros missionários que, em 1518, sucumbiram sob as clavas dos Tupiniquins em Porto Seguro, dentro da primeira igreja do Brasil e por sinal dedicada a São Francisco, pertenciam à mesma Ordem seráfica. Levas e levaras de missionários franciscanos continuaram a catequese encetada pelos protomártires, implantando há um tempo a devoção para com o Serafim de Assis. 7

Instalada, em 1585, a custódia franciscana com sede em Olinda e chefiada por Frei Melquior de Santa Catarina, estabilizou-se a Ordem, de modo definitivo, em todo o país, fundando a primeira missão no Ceará em 1624, quando o comissário Frei Cristovão Severim de Lisboa, OFM, deixou em Fortaleza dois confrades como capelães do forte da Assunção e

como missionários de várias aldeias de Índios. 8

Estendia-se a Ordem Franciscana do Amazonas até São Paulo, formando no fim do século XVII, além dos comissários do Grão-Pará, duas florescentes províncias, com numerosas fraternidades terciárias, eretas tanto nas igrejas conventuais como também nas regiões destituídas de conventos franciscanos como p. ex., em Minas Gerais, onde o “Aleijadinho” criou suas incomparáveis obras de arte franciscana. 9

Aos terceiros franciscano que não raro figuravam também como pioneiros da colonização do Ceará, deve o culto franciscano a sua penetração do mesmo modo que aos missionários. Alistados geralmente à Ordem Terceira do Recife, cujo padroeiro, desde a fundação, em 1695, vem sendo São Francisco das Chagas, os irmãos recebiam a assistência religiosa dos esmoleres franciscanos do convento recifense. Como em, todo Brasil 10, assim também no Ceará, espalhou-se a Ordem Terceira franciscana, particularmente entre os elementos de destaque, sobressaindo o fundador de Quixeramobim, Antônio Dias Ferreira, admitido ao hábito da penitência em 1734 e eleito ministro da fraternidade recifense no triênio de 1743 a 1746. 11

O mesmo clero diocesano porfiava com os leigos em alistar-se à Ordem da penitência, merecendo menção o Pe. João José Vieira, primeiro sacerdote encarregado do patrimônio canindeense, em 1798; e o vigário de Sobral, Pe. Joaquim da Costa Mendonça, admitidos ambos ao hábito em 1797.

Dada a aceitação geral do culto de franciscano, não estranha que o povo solicitasse a fundação de conventos, como realmente consta, de Oeiras, Canindé, Natal 12 e Aquiraz. 13 Como, porém, desde há muito, o governo colonial proibira a fundação de novos conventos a qualquer Ordem religiosa do Brasil, os requerentes viram frustrados os seus esforços. Tanto mais se impunha a atividade apostólica dos esmoleres franciscanos no interior das extensas paróquias, visto que após a expulsão dos jesuítas, em 1759, as fileiras do clero se ressentiram de enormes lacunas.

Palmilhando os sertões da Paraíba, do Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, desobrigavam estes abnegados esmoleres os moradores das fazendas e dos povoados e vestiam do hábito terciário franciscano os que se declarassem prontos a seguir o ideal seráfico. Dezenas de Franciscanos percorreram o Ceará e as capitânicas limítrofes, durante o século XVIII, constando, nos livros paroquiais de Icó, os nomes de quatorze esmoleres e pregadores da mesma Ordem, no decorrer de 43 anos. 14 Canindé não fazia exceção à regra geral, pois, desde 1758, os livros paroquiais de S. José de Ribamar perpetuam os principais esmoleres que, de fazenda, pediam donativos para o convento do Recife e prestavam assistência espiritual a ricos e pobres. 15

Será, porém injusto e imperdoável se aqui calássemos a exemplar atividade missionária dos Capuchinhos, tanto na catequese de Miranda, atual Crato, como nas missões ambulantes destacando-se nestas o inesquecível Frei Vital de Frascarolo, vulgo Frei Vital da Penha, o qual também admitia irmãos à fraternidade terceira do convento Franciscano recifense, segundo esclarecem os livros de entradas e profissões. 16

Afirmamos, pois, sem receio de errar que franciscanos, capuchinhos e terciários seculares contribuíram para a difusão do culto São Francisco no Ceará e de modo particular em Canindé, sendo de notar que, uma vez interrompida a catequese jesuíta, desde a expulsão da Companhia de Jesus, tanto mais sobressaiu à atividade franciscana conjunta, predominando entre as devoções aos vários santos de nome Francisco, o culto ao estigmatizado.

O que ficou dito sobre o desenvolvimento do culto franciscano é comprovado pelas tradições respectivas arraigadas no Brasil. Diz a este respeito Frei Odulfo van der Vat, OFM: “Sempre se conhecia e praticava entre os devotos de São Francisco, o costume de usar o hábito-mortalha”. 17 Os pobres se contentavam com o cordão de São Francisco, em lugar do

hábito-mortalha. Rei e imperadores como D. João V. queriam ser enterrados, revertidos do hábito franciscano.¹⁸ A Província franciscana de S. Antônio do Brasil obteve, em favor e defesa deste costume, um breve no Núncio apostólico, datado de 16-2-1746, contra aqueles que difamam o hábito franciscano, alegando os Frades Menores às bulas de Xisto IV e as indulgências concedidas a quem se enterrar, envolto no hábito-mortalha.¹⁹

O uso do hábito fúnebre consta em muitos testamentos²⁰ e nos registros de óbitos que mencionam a particularidade da mortalha franciscana, observando tais usos, na própria igreja de Canindé; pois, anos 20-4-1804, enterrou-se na “capela do Canindé, Francisco Félix, revestido do hábito de São Francisco” constando outros sepultamentos, nas mesmas condições, mas feitos no corredor da capela.²¹

O simples cordão franciscano era usado pelos Cordígeros de São Francisco, a cuja confraria continuam afiliados os Irmãos da Confraria de São Benedito o Preto, outrora muito aceita pelos homens de cor, inclusive os escravos.²² Explica-se assim que o cordão de São Francisco penetrou em todas as camadas, atraindo ricos e pobres ao seráfico Patriarca de Assis.

Da plena confiança que os brasileiros desde os primórdios da catequese depositavam em São Francisco, dão testemunho os historiadores franciscanos²³, narrando inauditos favores atribuídos à intercessão do Santo estigmatizado. A devoção franciscana recebia sempre novos impulsos pelos milagres perpetuados em painéis, gravuras, azulejos e descrições, copiadas ou transmitidas estas de boca em boca. Haja vista o grande painel de São Francisco das Chagas que os Índios Caetés, desde fins do século XVI, veneravam na capela missionária de São Miguel de Una, sendo-lhes tão familiar que um neófito, curado milagrosamente pelo Santo de Assis, e contemplado com a aparição deste, apontou as diferenças entre o painel e a aparição²⁴. atestado, porém que se tratava de um mesmo Santo. A arte sacra, embora primitiva e popular, da era colonial desempenhou um papel importante na formação religiosa do nosso povo e no desenvolvimento do culto aos vários santos.

O grupo plástico da estigmatização de São Francisco tornou-se tão popular que quase todas as igrejas terciárias lhe reservavam o altar-mor ou outro lugar de destaque, conduzindo-o ademais, sobre o andor, nas afamadas procissões de cinzas²⁵

É óbvio que este capítulo se restringe aos fenômenos externos do culto franciscano, visto este tomarem formas concretas a devoção íntima, que prima pela imitação do Santo, qual discípulo e imitador de Cristo, por via de regra, que subtrai à nossa ciência.

Uma vez que o Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé fora reconhecido e favorecido pela autoridade eclesiástica, o culto ao Serafim estigmatizado foi conquistando sempre mais devotos no Ceará, graças à ação missionária dos frades barbadinhos. Transpondo os limites do próprio Estado esta devoção tem acompanhado os emigrantes cearense, vítimas das reiteradas secas, até os rincões mais longículos do imenso Brasil. Tanto nos seringais e castanhais de Amazônia, como nos cafezais de São Paulo e Paraná há que venere e invoque a São Francisco de Canindé.

Embora muitos cearenses estejam espalhados pelo Brasil a fora, e nunca mais possam visitar o torrão natal, não deixam de praticar a devoção herdada das avoengas. Pelo contrario, enquanto a lembrança da casa paterna empalidece com a morte dos pais e à medida da ausência empalugada, aumenta a saudade do Santo Taumaturgo cuja proteção atesta milhares de cartas dirigidas ao periódico da Basílica franciscana de Canindé, ora em testemunho de graças alcançadas, ora para solicitar novos favores.

¹ Torre do Tombo – Breve do Núncio Apostólico contra os que difamam o hábito franciscano St^o Antônio dos Capuchos, maço V (16-2-1746). Nunca faltaram adversários do hábito-mortalha, que com razões convincentes pretendessem ridicularizar a quem, na hora da morte, se amortalhasse no burel franciscano, como querendo enganar o Juiz eterno, mediante o hábito religioso. Mas não recebia o hábito senão o que de

fato desse sinais de fé e arrependimento. Escapando o enfermo, continuava de hábito no convento, como p. ex. Wambra, rei dos visigodos, observando a regra da Ordem (Kobler, p. 711). N. B. As siglas são explicadas na biblioteca.

² Fioretti, p. 145

³ Dante, Divina Comédia, Inf cap. 27. Versos 67ss.

⁴ Neyer, pp. 29s.

⁵ Kohnen, frei Mansueto, OFM, GOETHE E FRANCISCO DE ASSIS, in Vozes Petrópolis, junho-agosto de 1949, p. 457.

⁶ Machado, Diogo de, "Algumas obras de arte portuguesa" – Album n.º 1 Lisboa 1940, s. n. de p. O Autor do relevo é desconhecido.

⁷ Vat p. 185. Willeke-Primórdios pp. 492-506.

⁸ Salvador p. 456; Jaboatão II p. 118; Conceição p. 123; Kiemem p. 32; Girão p. 61; Willeke-Serevim p. 117.

⁹ inzig pp. 150ss. Sob o apelido "aleijadinho" vivia Antônio Francisco Lisboa.

¹⁰ Pordeus n.º XLIX, baseado sobre Ortman, Frei Adalberto, OFM HISTÓRIA DA ANTIGA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO EM S. PAULO Rio de Janeiro, separata da Revista do Patrimônio Histórico, Artístico, Nacional, 1951.

¹¹ Pordeus ibidem e n.º II; "LIVRO DE ENTRADAS" n.º 3.º do Recife n.º 2 fl. 72 r com data de 14-12-1734; "LIVRO DE PROFISSÕES" O. 3.º do Recife n.º 2, fl. 64 v com data de 24-2-1739; jab. II, p. 475.

¹² AHUP-PE avulsos ex. 20 de 14-9-1730. A Câmara de Natal reiterou o requerimento, várias vezes, até 1788 (ibidem ex. 86).

¹³ Studart-Notas p. 224 com datas de 26-7-1751, e p. 225 repetindo a repetição aos 7-10-1764.

¹⁴ No Prazo indicado, figuram nos livros paroquiais de Icó estes franciscanos Frei Manuel de S. Vicente, Frei Inácio de Santana, Frei José de S. Luís, Frei Domingos do Rosário, frei Roque de S. Raimundo, Frei Manuel de Santa Maria, Frei José Sta. Tereza, Frei José de S. Sebastião, Frei José de Santana firmo (1753-1778). Agradeço os dados acima ao Revmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo, e os seguintes ao Mons. Francisco de Assis Couto, M. D. Vigário geral de Iguatú: Frei Matias do Rosário (1735); Frei José da Natividade (1741); Frei Manuel do Espírito Santo (1741); Frei João de São Francisco (1741); Frei Silvestre de Jesus Maria (1753). Estes últimos nomes foram extraídos no livro de batizados de Icó de 1728 a 1755, encontrando-se todos comprovados no Arquivo Provincial de Recife.

¹⁵ O apostolado dos esmoleres franciscanos de Canindé será apreciado no capítulo "SANTUÁRIO DE S. FRANCISCO DAS CHAGAS".

¹⁶ Livro de Entradas (O. 3.ª franciscana do Recife) n.º 2. FL 236. Baturité, 14-11-1797, figura entre os recém-admitidos à O. 3.ª o Pe. João José Vieira, seguindo a lista dos candidatos de Frei Vital até a fl. 247 v.; sobre a missão de Miranda, cf. Nembro p. 101.

¹⁷ Vat. P. 119.

¹⁸ Jab. II, p. 792.

¹⁹ Veja Nota 1 acima. – A devoção franciscana já estava difundida nos sertões, antes da construção da capela de S. Francisco em Canindé, segundo prova o seguinte termo de óbito que agradecemos ao famoso historiador do Cariri, Pe. Antônio Gomes de Araújo:

"JOÃO DA SILVA – aos 2 de outubro de 1748, faleceu da vida presente João da Silva, homem casado, com mulher e filhos, morador no Brejo Salamanca desta freguesia de N. Sra. da luz dos Cariris Novos, de idade de 44 anos mais ou menos, com todos os sacramentos exceto o da Extrema Unção, envolto em hábito de São Francisco, e se sepultou na igreja de N. Sra. da Piedade que serve de Matriz da dita freguesia e por mim encomendado, e lhe fiz os sufrágios costumados e officio paroquial; de que fiz este assento, e por verdade assinat. Gonçalo Coelho de Lemos, Cura.

LIVRO DE REGISTROS DE ÓBITOS fls. 3r (1748-1861) Paróquia de Missão Velha – Diocese do Crato-CE.

20 Antônio Dias Ferreira dispõe que seu cadáver seja amortalhado no hábito de São Francisco, do mesmo modo, Manuel José da Rocha

Dantas no testamento assinado aos 23-11-1785, em Quixeramobim (Pordeus VII e XVII).

21 Ob. Rib. N.º 331 fl. 18.

22 Willeke-Ipojuca II p. 46.

23 Ilha, Salvador, Jaboatão, Sinzig e outros.

24 Ilha fl 294 r. e v – Willeke-Uma pp. 209-219.

São Francisco... A 4354 – 3

25 Sinzig p. 119ss, 67s, 91, 92, 131, 152.

II

O SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS (1775-1796)

Quando o muito discutido marquês de Pombal, em 1759, desferiu o golpe mortal contra numerosas missões do Brasil ¹, foram estas em geral substituídas por novas freguesias e confiadas ao clero diocesano, visto que muitíssimos missionários, não só jesuítas, mas também de outras ordens religiosas, ao mesmo tempo foram expulsos do País. Explica-se assim a criação da Paróquia de Baturité, antiga aldeia dos Índios Paiacus e em cujo território ficara também a missão dos Genipapos e Canindés, tendo sido estes últimos, em número de 50 casais, abandonados pelo missionário Pe. Pedro da Costa Catas antes de 1747, nas cabeceiras do Choró, onde se achava desde 1731, para em seguida se reunirem aos Genipapos. ²

O sertão canindeense pertencia civilmente à comarca de Baturité, criada em 1764, e eclesialmente a S. José de Ribamar de Fortaleza. ³

A zona inóspita de Canindé, já naquele tempo, dividia-se em grandes fazendas que exploravam a criação de gado e em escalar menor, a lavoura. Os fazendeiros aqui

estabelecidos haviam vindo Jaguaribe uns, e de Baturité ou Fortaleza outros, constando como fazendeiro dos Campos Antônio dos Santos, em cuja casa os esmoleres franciscanos celebravam a Santa Missa, já em 1759 ⁴, Julião Coelho da Silva, dono de Longá, etc. ⁵

Sobre assistência religiosa prestada aos moradores desta zona informam os livros paroquias, principalmente os livros de batizados de S. José de Ribamar, figurado como sacerdotes mais lembrados os esmoleres franciscanos e entre estes, desde 1758, Frei Manuel de Santa Maria e São Paulo, OFM ⁶, Frei Bartolomeu dos Remédios, OFM ⁷ e Frei José de Santa Clara Monte Falco, OFM, este de 1781 até 1800. ⁸

Esses religiosos, munidos do privilégio de usar altar portátil, onde não houvesse capela nem igreja vizinha, como era o caso em toda região de Canindé, e autorizados pelo vigário de São José Ribamar, desobrigavam os fiéis e celebrava a Santa Missa, nas próprias casas de vivenda, costume este desde muito censurado pelos visitantes eclesiásticos, os quais insistiam na construção de capelas. ⁹

Admira, pois, que antes de 1775, não se tenha notícia de uma única capela na zona de Canindé, enquanto na vizinha Quixeramobim, desde 1730 ¹⁰ já se fala na capela de S. Antônio Dias Ferreira. ¹¹ Entretanto deve-se levar em consideração que, dada a fertilidade das terras quixeramobinenses, a sua colonização principiou muito antes que a de Canindé.

A primeira notícia embora vaga e sucinta, quanto à igreja de São Francisco das Chagas de Canindé, relata a sua construção como principiada em 1775 ¹², atribuindo-se as obras em geral a Francisco Xavier de Medeiros, sargento-mor português, o qual teria erguido simultaneamente as igrejas de Canindé e Baturité, dedicando a esta o verão e àquela o inverno. Como são parcas as notícias seguras sobre a figura de Medeiros recorremos aos livros paroquiais, onde consta, aos 7 de janeiro de 1775, a sua presença na Matriz de S. José de Ribamar, na qualidade de testemunha de um casamento de nubentes baturiteenses. ¹³ Nada, pois, obsta a que Xavier Medeiros tenha, desde o princípio, dirigido as obras de construção, às margens do rio Canindé.

Como, porém, há uma grande lacuna nos primeiros anos da construção, interrompida que foi pela seca, a lenda se encarrega de fornecer dados que expliquem o atraso das obras e a intervenção miraculosa de São Francisco em prol de seu futuro templo. Contam os antigos ¹⁴ que a fazenda Renguengue, sita às margens do rio Canindé ¹⁵ e escolhida por Francisco Xavier de Medeiros para a construção da igreja, pertencia a três moços do Jaguaribe certo. Ignorando, porém os donos e o paradeiro certo deles, Medeiros teria principiado as obras, pronto para comprar o terreno necessário, ou adquiri-lo, por doação, logo que aparecesse um dos proprietários ou um seu representante. Quem se apresentou foram dois oficiais de justiça, embargando o trabalho já encerrado. Medeiros escreveu aos donos de Renguengue, comunicando-lhes a intenção de adquirir um patrimônio para São Francisco ao que eles responderam negativamente. Adoecendo o primeiro, morreu em breve, o mesmo acontecendo, ao segundo, ao que o terceiro, já sentido os sintomas da moléstia mortal, prometeu a São Francisco doar o patrimônio, contando que ficasse restabelecido pelo Santo. Valido na sua extrema aflição mandou prevenir a Medeiros que nada mais obstava à construção da igreja, pois, o patrimônio seria doado em agradecimento a São Francisco das Chagas.

Resolvida a questão do patrimônio apareceram outros obstáculos, as terríveis secas de 1777 e de 1792 findando esta apenas em 1793 ¹⁶ não passando as paredes da altura de oito palmos, no decorrer de 18 anos de construção. ¹⁷ Até 1787 as obras da igreja haviam avançado tão poucos que a escritura de doação da fazenda Santa Rosa a São Francisco, assinada no mesmo ano, ainda menciona “uma Igreja que querem levantar a São Francisco das Chagas”. ¹⁸ Outrossim, falta até 1796 qualquer referência a atos religiosos, realizados na igreja ou capela de São Francisco. Do contrário poderíamos supor que a capela, fundada em 1775, dado o seu

feito primitivo acanhado, aos poucos tivesse cedido o lugar a uma construção mais sólida e ampla.

A própria deformidade em duas paredes laterais, que tanto o Pe. Cláudio Álvares da Costa, em 1802, como o Pe. Luís de Sousa Leitão em 1898 mencionam, deixa concluir que em diversas épocas da construção houve transformações em lugar de um plano único e ininterruptamente executado¹⁹ provado assim a morosidade das obras.

O certo é que finda a seca, em 1793, o serviço de construção prosseguiu sem outra interrupção até 1796, quando terminou o trabalho dos pedreiros e chegou à imagem de São Francisco, oferta do Coronel Jerônimo Machado, junto com a de Santana, presente do Capitão Antônio dos Santos Lessa.²⁰ Rareiam aqui as notícias do fundador do Santuário, Francisco Xavier de Medeiros, o qual, ajudado pelo povo da redondeza, por um religioso anônimo²¹ e pelo comandante Simão Barbosa, amigo de Medeiros que em 1793 chegara de Baturité, entregou a igreja pronta, faltando apenas uma das torres planejadas e o soalho²², enquanto uma lâmpada do Santíssimo encomendada por Medeiros teve a conta datada de 1805, quando o fundador de Canindé já era falecido havia ao menos três anos; pois, o Pe. Cláudio em 1802, já se referia aos merecimentos do falecido Medeiros.²³

Remonta à última etapa da construção do Santuário os fatos miraculosos atribuídos a São Francisco das Chagas, referindo o primeiro a queda desastrosa do pedreiro Antônio Maciel, o qual se desprende do andaime, quando Francisco Xavier de Medeiros presenciando o incidente, bradou por São Francisco. E o estupendo milagre não se fez esperar; pois naquele vertiginoso trajeto, Maciel ficou pela camisa preso a uma tábua, pouco abaixo da janela da sineira, puxando-o dali os companheiros por meio de uma corda.²⁴

O segundo caso se deu com o próprio fundador Medeiros, o qual ao preparar a madeira de ar foi machucado por uma tesoura, caindo-lhe a mesma sobre a coxa. Levado para casa, nada mais sentiu continuando o serviço, no dia imediato.²⁵

Como Francisco Xavier de Medeiros sobrevivesse pouco tempo à sua grandiosa obra, pois, em 1796, consta pela última vez como padrinho de batizado a lenda envolveu-lhe o nome como sói acontecer aos vultos principais da misteriosa origem dos Santuários.²⁶

¹ Os missionários franciscanos foram expulso
39.

39.

39.

39.

⁵ Rocha-Santuário p. 15.

⁶ Bat. Rib. n° 12 fl. 52v; Frei Manuel fez em 1759 o itinerário pelas fazendas de Curral grande, Coco, Renguengue, Campos e Pananoia (ibidem fl. 53v), G. Barroso, p. 415.

⁷ Frei Bartolomeu tem as suas jornadas apostólicas perpetuadas nos livros Bat. Rib. n° 12 fl. 67 r e v; n° 28 fl. 87, b, e v e no Ob. Rib. (1739-1798) correspondendo as viagens à época de 1766 até 1770.

⁸ Frei José percorreu em desobriga as ribeiras do Canindé, do Curu e Cachitoré segundo consta de Bat. Rib. n° 20 fl. 5 (abril e maio de 1781), as ribeiras do Choró ibidem fl. 17ss (1784), as ribeiras do Batoque e Canindé ibidem fl. 35 – 36v (1790) e em 1794 novamente as ribeiras do Canindé segundo Bat. Rib. n° 20, fls. 12-20.

⁹ TomboRussas fls 22 o visitador Frei Manuel de Jesus Maria, O. C. em 1756.

¹⁰ Pordeus n° II

¹¹ Ibidem. Desde 1734, Antônio Dias Ferreira pertencia à Ordem Terceira de S. Francisco, quando os franciscanos do Recife já pediam esmolas na zona de Quixeramobim

¹² Sousa Brasil, p. 168; Martins p. 4; Rocha-Santuário p. 19; Lustosa p. 53s, Lear p. 5; Leitão p. 46.

¹³ Cas. Rib. n° 321 fl. 11.

¹⁴ Santos Lessa fl. 20. R. e v.; Martins p. 12; Lear p. 6.

¹⁵ Santos Lessa fl. 23; Reguengue é corruptela de reguengo ou realegro.

¹⁶ Reboucas, p. 20; Santos Lessa (fl. 23) afirma que de mil bezerros da fazenda Renguengue de 1791, no fim da seca sobrou um só, em 1793.

¹⁷ Santos Lessa fl. 20v.

¹⁸ APSF Col.: Testamento n° 1.

¹⁹ Leitão p. 49; APEC-OTDP fls. 86 v ss. Cf. Apêndice “Novas petições I”.

²⁰ Santos Lessa fl. 21. Rocha-Santuário p. 15; Sinzig p. 164.

²¹ APEC-OTDP fls. 86 v ss. Parece tratar-se do Franciscano Frei José Sta. Clara Monte Falco, porque entre 1781 e 1800 desobrigou várias vezes a população das fazendas canindeenses. Veja nota 8 acima.

²² Barbosa Cordeiro fl. 23v – 24r; studart, Dic. III p. 121

²³ RIG t. 33 p. 109; APEC-OTDP fl. 86 v ss. Cf. Apêndice “Novas Petições I. B”.

²⁴ Santos Lessa fl. 21v; Almanack p. 187; Martins p. 12

²⁵ Santos Lessa fl. 22

26 Bat. Rib. nº 9 fl. 89. A numeração dos livros paroquiais hoje guardados no arquivo da Cúria arquidiocesana de Fortaleza, nem sempre respeita a ordem cronológica, em que foram escritos, como também os lançamentos de batizados, casamentos e óbitos faltam à mesma ordem, porque os dados do interior das paróquias chegavam com grande atraso.

III

A IMAGEM MILAGROSA DE SÃO FRANCISCO

Como em muitas igrejas, ampliadas no decorrer do tempo, há também no Santuário de Canindé duas imagens do padroeiro, a primitiva e menor atualmente exposta na Casa dos Milagres e comumente chamada de “São Francisquinho”¹ e outra mais nova e de vulto maior venerada sobre o altar-mor da Basílica. A imagem primitiva, de certo, remonta aos começos da construção da capela em 1775, senão a época anterior, parecendo nas linhas gerais com a imagem de São Francisco, venerada do Santuário do Senhor Santo Cristo de Ipojuca.²

A origem e procedência da primitiva imagem canindeense subtrai-se à nossa ciência. Podemos, porém, supor que algum colono português – quiçá o mesmo Francisco Xavier de Medeiros, já em 1775 residente no Ceará – a tenha trazido como lembrança mais estimada da pátria, segundo costume dos emigrantes.³ Pode ser também que algum esmolero franciscano, a pedido dos fazendeiros tenha encomendado a imagem menor em Portugal ou na Bahia.

Quando teria chegado a Canindé a Segunda Imagem de São Francisco? A concluir pelas “Memórias” de Joaquim dos Santos Lessa, já em 1796, a mesma foi entregue pelo Coronel Jerônimo Machado, o qual a adquirira por 80\$000, enquanto o Capitão Antônio dos Santos Lessa, naquela ocasião doou ao Santuário a efígie de Santana, que lhe custara 60\$000.⁴ Indicando de propósito as importâncias aplicadas na aquisição das imagens de São Francisco e Santana, tentamos provar que realmente se trata da Segunda efígie do Santo, mais vultosa que a da Santa e pôr isso mais cara, enquanto a do chamado “São Francisquinho” teria custado muito menos se, nessa ocasião, tivesse chegado com a de Santana.

Reza a tradição canindeense que o célebre missionário capuchinho Frei Vital de Frascarolo, vulgo Frei Vidal da Penha, teria intervindo na aquisição da segunda imagem de São Francisco⁵, quando da missão por ele pregada em 1797; mas, o único autor contemporâneo, Joaquim dos Santos Lessa, lhe atribui apenas o levantamento do cruzeiro, diante do santuário.⁶

Combinando as duas versões, teremos um jogo de mais ou menos dois anos; fala, porém em favor da primavera hipótese uma testemunha ocular: o filho do doador da imagem de Santana, Antônio dos Santos Lessa.

Augusto Rocha indica, em lugar de Joaquim dos Santos Lessa, pai deste como autor “Memória”.⁷

O certo é que, em 1804, o Pe. João José Vieira, então procurador do patrimônio de São Francisco de Canindé, prestando contas ao Ouvidor Geral em Fortaleza e descrevendo todos os bens, informou textualmente: “existem duas imagens de São Francisco, uma grande e outra pequena”.⁸

Tal informação, ministrada pelo mesmo sacerdote e no dito ano, saiu mais minuciosa no Livro de Tombo da paróquia de Canindé, pois relata ter a imagem de São Francisco cinco palmos de tamanho, resplendor de prata, crucifixo de madeira na mão direita, título de prata e um nicho de madeira dourado, com o vidro grande dividido em três

pedaços, estando à própria imagem estofada de ouro. ⁹ A imagem maior de 1,50 ms, tirando-se 23 cms da peanha; a menor mede 62 cms sendo 8cms da peanha.

A imagem maior, uma vez exposta sobre o altar-mor do Santuário, tornou-se em breve famosa, servindo também de modelo às gravuras do primeiro tempo, conforme prova a estampa mais antiga do incipiente século dezenove. Entretanto, o Pe. Luís de Sousa Leitão, na qualidade de assistente eclesiástico dos romeiros (até 1898), afirma ser o predileto do povo “São Francisco”, “a quem mais dirige os seus votos”. ¹⁰ Se assim foi em 1898, quando o Padre escreveu as suas notas, esperamos que os romeiros de hoje se convencessem de haver um só São Francisco das Chagas, embora aqui na terra representado por muitas imagens, não havendo uma imagem mais milagrosa que a outra.

Em 1864, ocorreu um fato que nos consta somente pelo Jornal “O Aracaty” de 5 de novembro daquele ano, sendo por vários motivos digno de menção. Alexandrino Raimundo de Carvalho, residente em Aracaty, aos 30 de outubro de 1864, recebia, vinda de Fortaleza, pelo Cuter Tubarão, a imagem milagrosa de São Francisco. Mandar encarna-lá na Bahia, segundo se tinha oferecido, quando de sua romaria a Canindé. Seguiu a imagem em procissão de igreja em igreja, ficando até à tarde exposta na capela do Bonfim e prosseguindo viagem no vapor Persinunga. ¹¹ A concluir pela época de seu embarque, a imagem deve ter deixado Canindé, pouco depois da festa de São Francisco para garantir o seu retorno antes da temporada da próxima festa e das romarias. Sem dúvida se trata da imagem grande, visto que, em 1861, principiara a reforma de entalhe do altar-mor, seguindo-se, em 1864, a dos altares laterais. ¹² Como, porém a imagem de certo destoasse do altar reformado, explica-se que o voto de Alexandrino Raimundo de Carvalho encontrou boa acolhida entre os canindeenses.

Menos feliz foi o Pe. Alexandre Correia Araújo de Melo, vigário de Canindé, quando em 1888 pretendeu mudar provisoriamente para a igreja das Dores as imagens do Santuário, porque este devia passar por grandes reformas, segundo em outra parte apreciamos. Os obstáculos criados na ocasião deixam entrever que houve bastante superstição e precipitação da parte do povo, instigado por alguns cabeças. ¹³

Quando Frei Matias de Ponteranica, em 1910, encaminhou a reforma radical do Santuário cuidou a tempo de preparar os ânimos de seus paroquianos, removendo de fato as imagens para a igreja das Dores, onde a imagem milagrosa, durante cinco anos, recebeu as homenagens de festas e romarias, até a sua reentronização no Santuário novo, a 2 de maio de 1915. ¹⁴

Quanto à mudança temporária de qualquer imagem milagrosa, a autoridade eclesiástica competente resolve cada caso, segundo achar conveniente. Haja vista as reiteradas saídas da imagem milagrosa de N. Senhora da Aparecida para São Paulo e o Rio de Janeiro, sem que os paulistas tivessem reclamado ou oposto embargo. O fato de ter a mesma imagem de São Francisco das Chagas seguido para Salvador e de Ter passado cinco anos na igreja das Dores, demonstra que também os canindeenses quando bem conduzidos acatam as ordens superiores.

¹ Leitão p. 49. A primitiva imagem de S. Amaro de Sirinhaém guarda-se na sacristia do Santuário saindo ao ensejo da procissão anual.

² Willeke-Ipojuca I p. 53. A imagem do S. Francisco de Ipojuca parece datar de fins do século dezessete ou começos do século dezoito, tendo substituído a primitiva imagem de barro cozido.

³ Sirvam de exemplo dois casos assás conhecidos. O ermitão Francisco de Mendonça Mar, fundador do Santuário do Bom Jesus da Lapa-Bahia, embrenhava-se nos sertões baianos levando as imagens do Crucificado (Bom Jesus da Lapa) e de N. Sra. da Solidade (Segura p. 95), e Frei Pedro Palácios, ermitão franciscano espanhol e fundador do Santuário da Penha-Vila Velha do Espírito Santo, após certa demora na Bahia, desembarcava, em 1558, entre os capixabas, acompanhado por um painel de N. Sra. da Penha (Roewer-Penha pp. 12-33; Jaboatão 2 pp. 32-35; Willeke-Palácios pp. 26-40).

⁴ Santos Lessa fl. 21.

⁵ Leitão p. 49. Frei Vidal ainda vive na memória dos nossos sertanejos sob o nome de Frei Vidal da Penha, porque pertencia ao convento da Penha do Recife.

⁶ Lessa fl. 21

⁷ Rocha-Santuário p. 15. Não será fora de propósito atribuímos com rocha ao menos a primeira parte das memórias a Antônio dos Santos Lessa.

⁸ Leifão p. 48

⁹ Tombo Canindé 2, fl. 7 “Inventário”.

¹¹ “O Aracaty” de Aracaty, ano IV, Sábado 5 de novembro de 1864 n° 216 (da coleção do Sr. Ismael de Andrade Pordeus); na íntegra no

“Santuário de S. Francisco” Canindé 15-2-1956.

¹² Barbosa Cordeiro fl. 25.

¹³ APEC n° 102 de 12 de julho de 1888. Cf. a respectiva carta de Frei Cassiano de Comachio na parte ilustrada e no Apêndice.

¹⁴ Rocha-Santuário p. 21

Que nos diz a imagem milagrosa de São Francisco?

Não é o valor artístico da imagem milagrosa de São Francisco das Chagas que atrai os romeiros de todos os rincões do Nordeste ao Santuário de Canindé, mas a veneração para com o Santo Seráfico, por ela representado, que pela sua perfeita imitação de Cristo, já em vida, mereceu ser chamado de “Outro Cristo”, recebendo a confirmação do céu pela impressão das cinco chagas do Crucificado nos pés, nas mãos e do lado.

Perante essa milagrosa imagem têm rezado gerações e gerações, arrebatadas pela atitude predileta do Santo, patente por sua escultura: a meditar a sagrada paixão e morte de Jesus e a adorar o divino Redentor crucificado. A solene expressão do semblante, os braços cruzados em contemplação sobre o peito, a ostentação das Chagas e, em particular, o crucifixo erguido na destra de encontro aos fiéis, tudo isso indica a sagrada função do taumaturgo como exempla de virtude e qual intérprete dos seus devotos justo ao divino Salvador. O Senhor Crucificado por sua vez, olhando as multidões dos romeiros aponta-lhes São Francisco seu despenseiro de graças e milagres em favor da pobre humanidade.

O rude hábito e os pés descalços do Poverello de Assis, a significarem a penitência e pobreza que o Santo por amor de Jesus praticava, aqui não menos simbolizam pelo abundante douramento do burel, a inversão dos valores no outro mundo: Pobre e humilde por amor de Cristo na sua peregrinação terrestre, no céu tornou-se Francisco rico despenseiro dos favores divinos para valer aos seus devotos romeiros.

O Culto das Imagens

Desde os primeiros séculos de sua existência, a Igreja católica adota o culto das imagens de Cristo e dos Santos, atendendo destarte à inclinação da natureza humana que procura exprimir em figuras o que lhe merece veneração religiosa.

Com efeito, já nas catacumbas da Igreja nascente, encontramos figuras religiosas para doutrinação e edificação dos fiéis como para ornamentação dos sagrados recintos. Em defesa destes célebres tesouros de arte tantas vezes presa da cólera iconoclasta, declara o Concílio de Trento:

“Ao venerarmos as imagens de Cristo, Maria Santíssima e dos outros Santos não é pôr crermos que nas imagens haja um poder divino ou por depositarmos nelas a nossa confiança; pelo contrário, a honra tributada às imagens refere-se àqueles que por elas são representadas” (Sessio XXV).

A doutrina citada vale também quanto às imagens milagrosas nas quais não há poder extraordinário, mas sim é pelas devoções feitas aos respectivos Santos e em seus S Santuários que alcançamos de Deus as graças solicitadas.

Recorrendo, pois, ao Santuário e à Imagem milagrosa de Canindé, os romeiros e devotos de São Francisco se possuem da plena certeza de procederem conforme a doutrina cristã e de atraírem sobre si as bênçãos do Taumaturgo Seráfico.

IV

MILAGRES E EX-VOTOS

Não é, em primeiro lugar, para apreciar milagres que o bom romeiro visita o Santuário-Basílica de São Francisco das Chagas, mas para consolidar a fé e afervorar a vida religiosa. O verdadeiro milagre constitui um acontecimento raríssimo, tanto em Canindé, como nos santuários mais célebres do mundo, não passando geralmente de graças extraordinárias os fatos descomuns que se chamam “milagres”.

Entretanto, não podemos separar da Igreja esses sinais miraculosos atribuídos à intercessão dos Santos, visto que Nosso Senhor prometeu aos Apóstolos os mesmo milagres que Ele fazia, e a história testemunha que, em todos os tempos, houve tais fatos extraordinários como provas irrefutáveis da única verdadeira Igreja e da santidade de seus filhos a serem elevados à honra dos altares ou já canonizados.

São Francisco foi canonizado já em 1288, passados apenas dois anos desde a sua santa morte, porque a fama de seus milagres conquistara-lhe a veneração universal. À medida que os missionários franciscanos espalhavam a doutrina cristã, em novos continentes, difundia-se também o nome de São Francisco, ao qual no Brasil dedicaram à primeira igreja de Porto Seguro.

Não admira, pois que, em fins do século XVI, os índios Caetés da missão de S. Miguel de Una cantassem as glórias de São Francisco das Chagas, o qual aparecerá a um neófito, mordido de cobra para salvá-lo da dupla morte da alma e do corpo, salientado o silvícola agraciado ter sido o mesmo Santo estigmatizado cuja pintura se venerava na capela missionária dos franciscanos.¹

O historiador franciscano Frei Vicente do Salvador, em sua “História do Brasil”, narra que assistiu a uma grande tormenta do mar, quando o governador Alexandre de Moura pediu uma relíquia e as orações dos frades embarcados. Cederam o cordão de São Francisco que os marujos “penduraram do bordo até o mar e quis Nosso Senhor que a caravela incontinente se quietasse e moderasse o vento e os mares... “Nem foi está só vez, mas infinitas as que Deus, por meio do cordão de nosso seráfico padre São Francisco, há livrado a muitos de naufrágio e feitas outras muitas maravilhas, pelo que lhe sejam dadas infinitas graças e louvores”.

A crônica de Canindé refere os primeiros casos milagrosos quando da construção da Igreja, na última década do século XVIII, apresentado a nítida lição da punição dos maus e da premiação da prece confiante.² De então em diante, os devotos de São Francisco das Chagas não têm cessado de recorrer ao seu santo Taumaturgo, como não tem faltado a atenção deste a todos quantos o buscam em qualquer aflição e dificuldade.

Em prova dos mil favores alcançados, os agraciados romeiros deixam aqui os ex-votos na Casa dos “milagres”, como sejam esculturas dos órgãos curados, p. ex., cabeças, braços, mãos, pernas, pés etc. e ainda painéis, retratos, muletas, tranças e fitas, formando tudo um conjunto harmonioso e a perpetuação do hino de gratidão entoado em Canindé, durante a construção do Santuário, e cujos ecos hoje ressoam em todo o Brasil franciscano,

atraindo multidões deromeiros a Basílica sertaneja, ora em cumprimento promessas, ora para satisfazer piedosas tradições da família e afervorar à vida espiritualidade através de penitência e devoções particulares à peregrinação.

A visita à Casa dos “milagres” faz parte do programa de cada romaria exercendo sua influência benéfica sobre os devotos de São Francisco. Cada ex-voto poderia contar uma história comprida e cantar os louvores do Taumaturgo Seráfico, se lhe fosse dado interpretar os sentimentos de gratidão daquele que reconhecendo deixou ao menos o <<milagre>> como testemunha de graças obtida.

A enorme Cada dos “Milagres” que atualmente ladeia a Basílica de Canindé foi edificada pelos guardiões franciscanos Frei Valfredo Tepe e Frei Diogo Hauptmann, de 1954 até 1956. Como se esses testemunhos plásticos e palpáveis do milagroso poder de São Francisco não chegasse a convencer, muitos devotos publicaram as graças alcançadas no quinzenário de Canindé “Santuário de São Francisco”, como também quase todos os autores que escreveram a história do Santuário de canindeense, estenderam-se na descrição dos valores inauditos que São Francisco a mãos cheias distribui aos seus protegidos. ⁶

Inserindo aqui alguns exemplos de milagres atribuídos a São Francisco das Chagas, escolhemos-los tanto das coleções já publicadas como de outras fontes. Esses: “Apareceu em romaria a São Francisco um homem chamado Firmino Bispo Bezerra, residente no município lavras, deste Estado, que narrou o seguinte fato: Tendo-lhe nascido um filho inteiramente cego, consternado, fez uma promessa ao Padroeiro de Canindé, prometendo vir trazer-lhe uma esmola em dinheiro e animais, se alcançasse a graça de ver o filho bom daquele terrível defeito. Milagrosamente alcançou essa graça e veio efetivamente cumprir promessa. Todos os habitantes de Canindé viram a criança e ouviram do pai da mesma a narração desse caso”.

“O Dr. Alfredo Gentil de Albuquerque Rosas, deputado estadual no Piauí e intendente municipal na cidade de Altos, no mesmo Estado, sofria, há três anos, incômoda e feia moléstia de pele que o afligia bastante e cujos sintomas se confundiam com os da morfeia. Depois de recorrer debalde a tudo quanto era remédio, esgotados os recursos da medicina cujos luminares consultou, fez uma promessa a São Francisco e, dentro de pouco tempo, sem mais nenhum remédio, ficou inteiramente curado. O Dr. Gentil aqui esteve no corrente mês de setembro de 1923, e ele próprio nos contou o fato miraculoso acima narrado”. ⁸

“O conhecidíssimo missionário Frei Eduardo Herberhold, então Provincial da Província de Santo Antônio, contou-me em dezembro de 1925 este fato recente, dando-me os respectivos nomes e dados por escrito: João Batista Ferreira Gomes, natural de Sobral, sofria de ossimelite, havendo duas cáries do osso da perna. Foi operado três vezes no Pará, pelo Dr. Camilo Salgado, auxiliado pelos Drs. Homero Barbosa e Emílio Sá; raspam-lhe o osso e tiraram a medula, mas não conseguiram curá-lo.

O doente, seguindo para o Rio de Janeiro, foi operado mais uma vez, sendo tratado na Bahia, pelo Dr. Clementino Fraga. Piorando cada vez mais e desenganado de vez, o doente fez a promessa a São Francisco das Chagas que viria cumprir no seu Santuário, se o curasse desse mal de muitos anos. Adormeceu, acordando depois com sensíveis melhoras. Dentro de onze horas estava completamente curado vendo-se a enorme ferida perfeitamente cicatrizada.

A esposa de Ferreira Gomes, vendo o marido sofrer tanto e ouvindo afinal a sentença de que ele incurável, ficou perturbada do juízo. O marido então fez uma Segunda promessa a São Francisco e teve o consolo de ver a mulher completamente curada. Em outubro de 1924, ambos em perfeita saúde se apresentaram no Santuário de Canindé, onde receberam os santos sacramentos e cumpriram a sua promessa, deixando lá todo o ouro que possuíam inclusive a corrente do relógio. ⁹

A própria freguesia de São Francisco de Canindé, há mais de cem anos vem contando um dos maiores favores, considerado comumente milagre, de ter experimentado a proteção particular de seu Taumaturgo, quando da epidemia que, em 1851, grassava no Ceará. Pois, instalado por circular presidencial, de informar sobre a intensidade da febre e os tratamentos necessários em Canindé, o vigário colado da mesma paróquia, Pe. Manuel Tomás Rodrigues Campelo, em carta de 31 de Julho, respondeu ao Presidente do Ceará Joaquim Marcos de Almeida Rego, que o seu rebanho espiritual, graças ao milagroso São Francisco das Chagas, ficara livre da epidemia. ¹⁰ Os canindeenses não olvidaram tão exímia proteção, referindo-a, passados 37 anos, ao missionário Frei Cassiano de Comachio, e este, edificado com a confiança ilimitada dos devotos em São Francisco, perpetuou o fato na revista da Ordem capuchinha de Roma. ¹¹

Quando da gripe, que de 1918 a 1919 grassou no mundo inteiro, o vigário de Canindé Frei Alfredo de Martinengo prometeu a São Francisco uma missa em ação de graças contanto que a paróquia ficasse isenta da epidemia; e o filho de São Francisco foi atendido convidando os paroquianos para testemunharem a sua gratidão junto com o celebrante da missa de 4 de maio de 1919. ¹²

Resta afinal apreciarmos as incontáveis cartas dirigidas a São Francisco das Chagas, quer enviadas pelo correio, quer depositadas na casa dos milagres ou no cofre do Santo, Taumaturgo de Canindé. Eis algumas provas de como os agraciados patenteiam a sua gratidão:

“Meu Pai, São Francisco.

Venho agradecer-vos um milagre. Achando-me quase cego e chegando a andar com guia, recorri à vossa proteção. Fui logo atendido, adquirindo a saúde desejada. Peço-vos conserveis a minha vista limpa e sã, para todos os anos render-vos as minhas homenagens. Para as obras de vossa igreja, ofereço um óbolo. O Devoto sincero JOSÉ BALISA ALVES”.

Vejamos como a mãe paga a promessa em lugar da filhinha agraciada.

“Glorioso São Francisco, abençoi-me.

Minha filha Valdete nasceu cega com um caroço no olho. Vendo-a assim fiz a promessa para conseguir a cura. Passados sete meses, desapareceu o tumor, vindo a aparecer do lado do pescoço e seguindo-se, pouco depois, a recuperação da vista. Hoje, está com três anos e vem perfeita... A Deus e a Vós São Francisco agradeço tamanho favor. Este caso foi passado em Cuteiro, distrito de Aracati. Para Vós, meu São Francisco, remeto o retrato de minha filha e a esmola.

FRANCISCA ALVES DA SILVA” ¹³

Quando as distâncias são demasiadas para se realizar a romaria, o correio se encarrega tanto das cartas como dos ex-votos.

“Caro redator do “Santuário”. ¹⁴

Envio, pelo correio, uma caixa que contém dois milagres de madeira, pelos favores obtidos em prol de meu filho Francisco e de minha netinha Davina. Pois ambos caíram de um terraço defeituando os braços. Foram grandes os vexames; mas os pequenos já estão melhorados, mostrando que não ficaram com defeito físico; pois, na ocasião do “escorrego”, vali-me dos santos poderes do milagroso São Francisco de Canindé.

SEBASTIÃO MARIA DA PAZ, Rio Branco-Acre”

Onde, porém, não funciona o correio nacional, é seguro para São Francisco o correio da garrafa!

“Monte Alegre, 5 de novembro de 1955.

Rev^o Vigário da paróquia de Canindé. Comunico a V. Revma. que estou enviado, sob registrado postal, a quantia de Cr\$ 50,00 que foram encontrados dentro de uma garrafa, na margem do rio Gurupatuba, que banha esta cidade de Monte Alegre, (Pará), acompanhados de dois bilhetes que seguem anexos. A garrafa foi encontrada, no dia 2 do corrente.

...atenciosamente Ernani Gonçalves Chaves”.

Os dois bilhetes tinham o mesmo texto dizendo:

Tapara 19 de outubro de 1955.

A São Francisco de Canindé agradeço a graça alcançada. Enviou Cr\$ 50,00.

São Francisco de Canindé, rogai por nós. Amém.

(a) TOMÉ PEREIRA DA LUZ.¹⁵

Outros, igualmente confiantes na devoção geral a São Francisco, mandam, pela mesma via fluvial, borracha, velas etc. endereçando-as ao Santuário de Canindé.

Também os sulistas se valem de São Francisco das Chagas de Canindé:

“Segue a quantia de Cr\$ 500,00 para a igreja de São Francisco das Chagas de Canindé. Foi uma graça alcançada por intercessão do milagroso São Francisco, aqui em Duque de Caxias, (Rio de Janeiro), pela senhora Maria do Carmo Vieira, que agradece o milagre obtido.

JOSÉ VIEIRA DA COSTA, Duque de Caxias – RJ”.¹⁶

Tendo recebido uma pancada, perdi a vista por completo. Indo ao médico nada obtive senão desengano. Recorri à proteção de São Francisco e voltei a enxergar para admiração do oculista.

ANTÔNIO RIBEIRO, Aracape, novembro de 1967.¹⁷

Há uns três anos que meu pequeno rebanho de gato apareceu com uma doença que pelos graves sintomas parecia com a “raiva”. Não dispondo de auxílio veterinário e sem saber o que fizesse recorri ao milagroso São Francisco oferecendo-lhe um bonito bezerro no valor de Cr\$ 80,00. O mal foi debelado e com satisfação cumpro a minha promessa.

ADHERBAL HOSPFNER.¹⁸

O imponente aspecto dos ex-votos e a leitura das enternecedoras missivas de agradecimento dirigidas a São Francisco deixam apenas adivinhar uma parcela dos sentimentos a povoarem a alma de milhões de devotos que, sem se servirem dos sinais palpáveis, cumprem as suas promessas recebendo os santos Sacramentos, fazendo as suas devoções, mandando celebrar missas, praticando as obras de caridade cristã e o que especialmente agrada ao Santo, imitando-lhe a vida virtuosa, assim como ele se exercitava na imitação de Cristo.

¹ Ilha fl. 294 r e v.

² Salvador p. 420

³ Santos Lessa fl. 21v – 22.

São Francisco... A4354 – 4

⁴ Leitão p. 52s; Aos 27-1-1894, D. Joaquim Vieira pedia urgência para as obras de construção da “Casa dos Milagres”, porque muitos ex-votos se achavam espalhados no chão (ROEC fl. 19v). Em 1888, contara Frei Cassiano 4.000 ex-votos, em Canindé, cf. Nembro p. 98.

⁵ Tombo Canindé 2 fl. 45; LAMR fl. 52v.

⁶ Santuário jorn. Desde 1915; Santos Lessa fl. 21v – 22; Rocha- Santuário pp. 47-64; LEAR pp. 6-19; Sinzig 166 – 172; Veracruz p. 4 – 30.

⁷ Rocha-Santuário p. 51.

⁸ Veracruz p. 29s.

⁹ Sinzig p. 166.

¹⁰ APEC n^o 22 com data de 31 de julho de 1851.

¹¹ AOC V. 1889, p. 124s, cf. Nembro p. 99. Nem sempre mereceu Canindé a milagrosa intervenção de seu celeste Padroeiro; pois, grassando, em setembro de 1892, a varíola, na paróquia de São Francisco, adiou-se a festa de 4 para 30 de outubro (LAMR fl. 13), e mesmo, quanto à cólera de 1862, Barbosa Cordeiro (fl. 25) acusa alguns casos. Daí em Canindé um cemitério próprio para os epidêmicos, referido no APEC, 91 e com data de 5-6-1872. Cf. Relatório paroquial de 1872, no Apêndice.

¹² Tombo Canindé, 4 fl. 139v.

¹³ Santuário jorn. de 1º I. 1962 (ambas as cartas)

¹⁴ *Ibidem* de 15-II-1961.

¹⁵ *Ibidem* de 1º- XII-1955.

¹⁶ *Ibidem*, novembro de 1961.

¹⁷ *Ibidem*, novembro de 1967.

¹⁸ *Ibidem*, novembro de 1967.

V

ROMARIAS

Entre as práticas de piedade popular, figura a romaria como uma das prediletas. Essa jornada religiosa, feita a algum santuário longínquo, constitui um exercício comum aos povos de todos os tempos. Ademais a romaria simboliza a própria vida do homem como peregrinação terrestre até o céu, enquanto as felizes horas passadas no santuário proporcionam um antegoço do céu e um símbolo da vida eterna.

Aos atos de piedade oromeiro reúne ainda sacrifícios e penitência em desagravo de suas culpas, dispondo a alma para merecer as graças do céu.

1. A Romaria na História Sagrada

A romaria remonta ao Antigo Testemunho, segundo lemos no Livro Deuteronômio XVI, 16, onde Moisés, por ordem divina, fala aos israelitas: “Todos os seus varões compareçam, três vezes ao ano, diante do Senhor teu Deus, no lugar que Ele tiver escolhido... Não aparecerão diante do Senhor, de mãos vazias, mas cada um oferecerá, segundo o que tiver e segundo a bênção que o Senhor seu Deus lhe tiver dado”.

Desde que o templo de Jerusalém figurava como santuário nacional dos judeus, tornou-se este o alvo das três romarias anuais. Quanto fervor enchia a alma dosromeiros sabemos-lo pelos seguintes versos do cântico dos peregrinos, que vem a ser o

Salmo 83

Como á amável a vossa morada,
Senhor dos exércitos!

Minha alma anelou ansiosa
Pelos átrios do Senhor.
Meu coração e meu corpo
Exultam no Deus vivo...

Felizes, Senhor,
Os que habitam a vossa casa
E Vos louvam sem interrupção!

Feliz o homem
Que em Vós encontra a sua força!
Felizes aqueles
Que planejam ir em peregrinação!

Passando por um vale sáfaro,
Transformam-no em fonte,
E a primeira chuva
O revestirá de bênção...

Em verdade, mais vale
Um só dia nos vossos adros
Que mil, alhures!
Prefiro estar no limiar
Da casa de meu Deus,
Do que hospedar-me
Nas tendas dos pecadores! ¹

Jesus, Maria e José cumpriram fielmente a lei, segundo narra o evangelho: “E seus pais iam todos os anos a Jerusalém, no dia solene da Páscoa. ² E quando chegou aos doze anos, indo eles a Jerusalém, segundo o costume daquela festa, acabados os dias, quando voltaram ficou o Menino Jesus em Jerusalém...” ³

Outra não podia ser conduta de Cristo e dos Apóstolos, durante a sua vida pública⁴ e embora quisessem matar a Jesus, não deixou de subir a Jerusalém. ⁵

Vamos, pois, em santa companhia ao realizarmos a nossa romaria com o espírito de piedade e penitência.

1. Romarias na era cristã

No Princípio do cristianismo, as peregrinações se dirigiam quase exclusivamente aos túmulos dos Apóstolos; mais tarde, porém, se estenderam a Jerusalém quando sob o império de Constantino Magno e por iniciativa de sua mãe Santa Helena se tornaram acessíveis aos cristãos aqueles lugares, eternamente memoráveis pela vida, paixão e morte de Nosso Senhor.

Desde então, não mais têm cessado as visitas aos «lugares santos». No dizer de São Jerônimo: “Do mundo inteiro vêm peregrinos em tal profusão que a cidade fica repleta”, e mais diante: “Qual na nação que desdenhe de enviar seus filhos a visitar os lugares santos?”

Entre todos os santos peregrinos destacamos, como preito de justa homenagem o seráfico Patriarca de Assis, o glorioso São Francisco que – bem podemos dizer - fez a sua iniciação na humildade, junto aos túmulos dos Apóstolos em Roma. Depois, levado pelo ardente desejo do martírio, empreendeu a peregrinação a Terra Santa, precisamente nos tempos das nunca esquecidas Cruzadas. Tanto mereceu de Deus o Pobrezinho de Assis que ainda hoje são os seus filhos os guardas do Santo Sepulcro, convidando os fiéis de todo o mundo a se associarem à irmandade da Terra Santa.

Modelo perfeito dos romeiros, visitou São Francisco ainda o célebre santuário de Compostela na longínqua Espanha, outro centro de inúmeras peregrinações, que abriga as sagradas relíquias do Apóstolo São Tiago. Nessa ocasião, 1214, São Francisco deve ter conhecido Portugal a terra-mãe do Brasil, Pátria de S. Antônio e de milhares de missionários que vieram propagar o reino de Deus, na terra de Santa Cruz.

No decorrer dos séculos, multiplicaram-se os santuários cristãos, alvos de romarias constantes, desde que inúmeras relíquias, vindas de Roma e da Terra Santa, deram origem a novos centros de piedade extraordinários. Igualmente, muitas imagens consideradas milagrosas e aparições como as de Nossa Senhora em Lourdes e Fátima vêm atraindo os peregrinos.

Desde o primeiro século de sua evangelização, o Brasil acompanha o movimento peregrino de toda a cristandade. Em 1558, o ermitão franciscano, Frei Pedro Palácios fundou o célebre santuário de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha - Espírito Santo, hoje baluarte de religião dos capixabas. ⁶ Em 1663, seguiu-se a fundação do santuário do Senhor santo Cristo de Ipojuca-Pernambuco, tendo como promotor outro irmão franciscano, Frei Antônio de Santa Maria. ⁷ Afinal, em 1775, principia a construção do santuário de São Francisco das Chagas à margem do rio Canindé, chegando a bom termo, em 1796, graças aos esforços do comerciante português, Francisco Xavier de Medeiros e de um religioso anônimo, de quem fala o vigário de Fortaleza (Cf. Apêndice I B 8).

3. Como deve ser feita a romaria

Enquanto o Antigo Testamento centralizava o culto judaico no templo de Jerusalém, motivando assim a romaria obrigatória a esse santuário nacional, o Novo Testamento estendeu seu culto mais sublime, pela celebração da Santa Missa, a toda igreja ou capela onde haja um sacerdote, relegando a romaria ao segundo plano.

Embora, pois, a Igreja católica não obrigue os seus filhos a fazerem romarias, não deixa, porém, de zelar pelo verdadeiro espírito de piedade e penitência que deve distinguir a peregrinação das simples viagens turísticas. Mas, juntamente por não fazer parte do culto obrigatório da Igreja, a romaria está particularmente sujeitas às fraquezas humanas e a numerosos abusos.

Dá as normas decretas pela sagrada Congregação do Concílio que abaixo fazemos seguir:

“As peregrinações hão de revestir-se de caráter verdadeiramente religioso, sendo tidas e realizadas como atos pertencentes à piedade cristã; devem perfeitamente distinguir-se de viagens de recreio. Portanto, tudo o que desdiz da referida finalidade religiosa e devota será removida e deve-se evitar tudo quanto faça suspeitar que estas peregrinações, sob pretexto de um fim religioso, na realidade foram empreendidas para fins de divertimento e passeio.

Unicamente a autoridade eclesiástica tem o direito de promover e dirigir peregrinações. Por esse motivo, mesmo que se trate de Institutos religiosos ou seus membros, requer-se ao menos a aprovação da referida autoridade.

A autoridade eclesiástica há de cuidar que qualquer peregrinação seja organizada e dirigida por pessoas dignas e nunca deve faltar um sacerdote que exerce as funções de diretor espiritual.

Na determinação de preços, os direitos tratem de possibilitar a participação também aos fiéis de condição modesta. Além das despesas, nada absolutamente se pode exigir excluída qualquer aparecia de lucro,

Os membros do clero, quer secular que regular, não se envolvem na administração técnica das peregrinações, porque isso não convém a dignidade eclesiástica. Compete tal encargo a leigos honestos e entendidos, cuja atuação fica sob a vigilância eclesiástica para que nada aconteça de inconveniente à finalidade religiosa das peregrinações e à piedade cristã”. ⁸

Sendo uma romaria composta, exclusivamente ou pela maior parte, de senhoras não podem os sacerdotes acompanhá-las, mas tão somente prestas a assistência religiosa dentro do santuário. ⁹

4. Assistência religiosa aos Romeiros de São Francisco

A igreja empresta aos Santuários uma importância especial, recomendando que a assistência espiritual dos romeiros seja confiada de preferência a religiosos. Dom Joaquim José Vieira passando à reforma do compromisso da Irmandade de São Francisco de Canindé, incluiu a obrigação dos irmãos manterem um capelão dos romeiros; e quando da extinção da Confraria em 1896, o Sr. Bispo tratou de garantir ainda melhor o bem espiritual dos peregrinos colocando os Capuchinhos como guardiões do Santuário. Assim, desde 1898, as romarias têm recebido a devida atenção dos filhos de São Francisco.

Cumpre, entretanto retificar algumas inexatidões ocorridas na exposição histórica das romarias. Nunca deixou de haver bom número de comunhões, mesmo antes da chegada dos Capuchinhos, contando-se p. ex., à ocasião da festa de São Francisco de 1890, mil comunhões. ¹⁰ Outros, caindo no extremo oposto, afirmam que quase todos os romeiros recebem os santos sacramentos em Canindé. ¹¹ Calculando-se o número dos romeiros de 1925 em 80.000, as comunhões do mesmo ano passaram de 75.000 inclusive as dos paroquianos canindeenses da sede e do interior, dos colégios S. Antonio e Santa Clara, como também das respectivas comunidades religiosas. Nestas condições, as comunhões dos romeiros mal terão chegado a 40.000. Hoje em dia, a proporção não será melhor; pois, entre as 115.960 comunhões distribuídas aos fiéis que visitaram a Basílica de Canindé em 1955, caberão, se muito, 60.000 aos romeiros, enquanto o número deste deve ter passado os 3000.000. ¹² Portanto ainda são poucos os que realizam a romaria, segundo o espírito da Igreja, aproximando-se da mesa eucarística e lucrando as ricas indulgências oferecidas aos que receberem os santos sacramentos da Confissão e Comunhão.

À medida que as romarias se intensificam, vêm sendo empregados novos métodos de assistência espiritual aos peregrinos. Para não faltarem confessores, durante a festa anual de São Francisco, os guardiões do Santuário canindeense convidam sacerdotes do clero diocesano e regular para toda a novena e a festa, de modo que o número dos confessores se tem elevado a mais ou menos trinta e o das comunhões a 70.000. ¹³

Desde 1964, foi introduzida a nova pastoral das peregrinações, segundo orientação da Conferência dos Bispos do Brasil. Em preparação a essa recente maneira de assistência aos romeiros, houve pesquisas sócio-religiosas ao encargo de Frei Antônio Rolim, O.P. cujas conclusões apresentaram vários equívocos que acharam a devida retificação, no órgão da basílica de São Francisco. ¹⁴

Ao lado de dezenas de sacerdotes que atendem principalmente no confessionário, durante a novena de São Francisco (setembro) foram também convidadas religiosas em número de aproximadamente 40. Estas se incumbiam de prestar seus serviços nos setores de catequese, liturgia, hospedagem, saúde, recreação, informação etc.

Com o exemplo de múltipla assistência dada aos romeiros, pretendem as autoridades eclesiásticas interessar aos poucos os canindeenses pelo bom andamento das romarias e da festa anual do Taumaturgo seráfico. O tempo há de mostrar quais os pontos do vasto programa desta pastoral que vingarão. ¹⁵

Quem observa o movimento de romarias de São Francisco das Chagas de Canindé, se bem que não possa ignorar certas formas primitivas de práticas religiosas do nosso povo, não poderá, no entanto deixar de sentir-se profundamente impressionado e edificado pelo caráter de fé, do espírito de sacrifício e de penitência que anima toda esta devoção ao glorioso São Francisco das Chagas.

Turismo, curiosidade, espírito de diversão e outros ingredientes alheios ao ambiente deste Santuário, se os houver, não conseguem destruir a impressão essencial da verdadeira fé e piedade.

5. Costumes e crenças dos Romeiros

Completando os costumes observados ao ensejo das romarias, visamos a esclarecer o que eles para o homem do século vinte encerram de obsoleto e talvez chocante. Seja lembrado de antemão que nem os usos e crenças dos romeiros são aprovados pela igreja e que, portanto não podemos responsabilizá-la por certos abusos.

Entre os costumes dos romeiros distinguimos os que, remontando aos primórdios da Igreja na Europa, chegaram até nós de preferência pelos colonos portugueses e outros usos que surgiram entre nós como herança dos índios. O romeiro que p. ex., promete varrer a basílica de Canindé e levar para fora o cisco reunido no avental ou no lenço outra coisa não faz senão obedecer a uma tradição que há mais de mil anos já reinava na basílica de São Martinho, em Tours de França.

O sacrifício do cabelo

Em quase todos os santuários do Brasil, máxime em Canindé, encontramos tranças de cabelo entre os ex-votos da “Casa dos milagres”. Os historiadores eclesíásticos brasileiros de eras passadas não referem senão mortalhas, muletas, cabeças, braços e pés, deixando de completar o cabelo humano.¹⁶

Que significa a oferta das tranças? Dado o seu rápido crescimento, o cabelo é reputado pelos nativos a sede e o símbolo da fertilidade. Daí o valor especial atribuído ao primeiro corte do cabelo que, segundo a promessa respectiva, não se realiza antes dos sete anos de idade da criança, e ao imediato sacrifício em ação de graças pela prole obtida, após muitas orações e piedosa promessa. O cabelo oferecido e depositado entre os ex-votos ou «milagres» representa simbolicamente o sacrifício pessoal da criança.¹⁷ Embora de origem pagã, e ainda em voga entre os nossos índios gentios, o sacrifício do cabelo sobrevivente em nossos santuários tomou aspectos de costume cristão.

Ilustrando fatos miraculosos

Todo ex-voto exposto na “Casa dos Milagres” visa a ilustrar algum fato extraordinário. No meio dos ex-votos, ressaltam inúmeros retratos, radiografias, rústicas esculturas e até painéis de arte popular a perpetuarem de modo particular a cura milagrosa de graves moléstias ou a salvação de perigos de vida. A forma mais primitiva de se ilustrarem casos desta natureza ainda se observa entre os romeiros que não dispõem ou nem se lembram dos inventos modernos, recorrendo, pois, à dramática representação de sua cura ou salvação perante a imagem milagrosa e à vista dos fiéis reunidos no santuário. Não deixam de produzir impressão as repetições de quedas de uma pessoa que ao santo milagroso agradece e completa cura da moléstia por tão dramática imitação encenada em plena basílica, como também a trágica cena reproduzida ao santuário quando um sertanejo pulando, deitando-se às vezes e bradando amiúde: “Valei-me, São Francisco das Chagas!” corre até o altar do santo, demonstrando como escapou a um perseguidor armado que ameaçava de morte.

À procura do Santo de carne e ossos

OBS – VÁRIAS FOTOS ESTÃO ESTAMPADAS ANTES DESTA PÁGINA.

Não raro, os sacerdotes de Canindé são interpelados: “Quero ver São Francisco vivo de carne e ossos”. Tal desejo não atesta apenas a crassa ignorância religiosa do homem simples, mas testemunha a impossibilidade de abstrair a força espiritual de um corpo físico; pois, acha ser ou a própria imagem milagrosa ou o santo escondido em qualquer canto da igreja, que lhe vale nos perigos. Segundo a doutrina católica e a sã razão humana, a imagem serve apenas de retrato do Santo que está no céu, devendo-se a obtido e a imagem milagrosa.

Muitas lendas populares são eivadas de credices supersticiosas; desaparecerão, porém, desde que o ensino religioso penetrar todas as camadas do povo.

O Contato com a Imagem milagrosa

Quem observa o modo concreto de falar e de pensar, próprio do nosso homem simples, não se admira que muitos romeiros procuram o contato direto com a imagem milagrosa, rezando em alta voz como que conversando com a pessoa viva e procurando a maior aproximação física com a sagrada efigie.

Tal contato embora indireto é perpetuado e estendido a outras pessoas ausentes do santuário, através de estampas, medalhas e das chamadas “reliquias, que, bentas ou tocadas na imagem milagrosa, lembram aos romeiros o futuro os dias passados em colóquio íntimo com o santo querido.”¹⁸

Arrastar-se de joelhos

O romeiro que de joelhos rodear a basílica de Canindé anda em boa companhia; pois, o mesmo fazia os peregrinos de Jerusalém, desde que na sua chegada enxergavam o Monte Calvário, seguindo de joelhos o resto do caminho. Na Ilha de Tenos, sita no mar Egeu, até o presente, os romeiros caminham de joelhos à distância que mede entre o porto e o santuário, ou seja, 800 ms.¹⁹ Tais penitências merecem apreciadas não como simples curiosidade, mas sob o prisma da religião, visto que a romaria bem feita não pode prescindir do espírito e das práticas de sacrifício.

Romeiros amortalhados

O que distingue os romeiros de São Francisco dos demais é o frequente uso do hábito marrom, o qual de primeiros era branco, tendo mudado desde que os peregrinos se familiarizaram com o burel castanho dos filhos de São Francisco, estabelecidos em Canindé a partir de 1898.

O hábito, em sua primitiva cor branca, representa entre os romeiros a mortalha de que em 1763 nos fala o historiador franciscano Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, acrescentado como explicação: “as mortalhas dos quase defuntos ou já julgados por mortos”.²⁰

Quando os devotos de São Francisco, desenganados pela medicina ou expostos ao iminente perigo de vida, já não têm a quem recorrer neste mundo, temendo a morte imediata, o último recurso constitui a promessa de realizar uma romaria extraordinária a Canindé, i. é, revestidos de mortalha em forma de hábitos. Assim amortalhados, os peregrinos dão a entender publicamente que à interseção de São Francisco, agradecem a restituição da saúde ou da própria vida e que ao pé do altar recebem simbolicamente a preciosa dádiva de sua existência reentregue, deixando entre os ex-votos a mortalha qual troféu de vitória sobre a morte e os perigos.²¹

À simbólica recuperação da vida é que o romeiro agraciado de liga o conceito da “conversão” com o propósito de continuar devoto do Taumaturgo, até o fim da vida.

Longe de ridicularizarmos o uso da mortalha, em forma de hábito descobramos-lhe o profundo significado, que atenta à observação nos permitirá penetrar um tanto na sincera religiosidade dos romeiros. Esse e mil outros costumes peregrinos que aparentemente já não cabem num ambiente progressista requerem apenas uma adequada interpretação, que destituídos de todo respeito humano, publicamente vivem e praticam a sua religião, ainda que a seu modo.

¹ Outros cânticos de peregrinação: os salmos 41, 42, 45, 62 e 121, que os romeiros, ao certo, entoavam, depois, depois de todos reunidos e prontos para iniciarem a jornada sacra e ao entrarem na Cidade Santa, mas provavelmente também, durante a viagem pedestre. (Gunkel p. 309).

² Os que moravam muito longe de Jerusalém, contentavam-se com uma só peregrinação anual ou até de maior prazo, daí a menção da romaria pascal, sem as outras duas (ibidem)

³ Lc. II, 41-43

⁴ Jo V, 1.

⁵ Jo VII, 1-14

⁶ Roewer-Penha pp. 11-24, Jaboatão I, 2 pp. 32-35. Willeke-Palácios pp. 26s.

⁷ Willeke-Ipojuca I pp. 33-36

⁸ AAS vol. XXVIII p. 167. Decreto de 11-II-1936 “De piis peregrinationibus ad celebraria Sanctuaria modernandis”.

⁹ Revista Eclesiástica Brasileira vol. 13/1953 p. 183.

¹⁰ “A Verdade” de 12-10-1890 dando uma descrição da festa de São Francisco de Canindé salienta que houve 1000 comunhões. Nembro p. 104 afirma que de primeiro havia pouca frequência dos sacramentos, entre os romeiros.

¹¹ Sinzig p. 165 chega à conclusão acima por ter esquecido de incluir as comunhões distribuídas aos canindeenses.

¹² Tombo Canindé 6, fl. 65

¹³ Ibidem fl. 94v.

¹⁴ A Bem da Verdade in Santuário Jornal de 15-8-1966 p. 6.

¹⁵ Tombo Canindé 6 fl. 115 R e v. caderno de Canindé n. 1 Relatório das festividades de São Francisco de Canindé 28-9/4-10-1967 pp. 1-24.

¹⁶ Jaboatão II 445.

¹⁷ Willeke-Staden vol. 6-1958 p. 108. Delta Larousse p. 1292.

¹⁸ Koetting p. 403.

¹⁹ Ibidem p. 389.

²⁰ Jaboatão II, p. 445.

²¹ Não se confunda o costume dos hábitos - mortalhas, em voga entre os romeiros, com outra tradição antiquíssima dos devotos de S. Francisco serem revestidos do hábito franciscano quando levados à sepultura. O uso do hábito - mortalhas está se vulgarizando tanto que a origem primitiva do costume parece ceder o lugar a certa moda.

São Francisco... A 4354 – 5

VI

PRIVILÉGIOS CONCEDIDOS AO SANTUÁRIO E AOS ROMEIROS DE CANINDÉ

A aprovação e recomendação do culto de São Francisco das Chagas de Canindé têm-se expressado de maneira descomum pela concessão de raros privilégios espirituais. Tanto a autoridade arquiépiscopal de Fortaleza como a Santa Sé de Roma têm cumulado de graças o Santuário e os romeiros de Canindé.

De modo inequívoco, o Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza demonstra aos inúmeros romeiros de Canindé a sua particular benevolência para com o culto franciscano presidindo pessoalmente ou por um dos Srs. Bispos Auxiliares às cerimônias da novena e da festa anuais do Taumaturgo estigmatizado. Juntamente a presença da jerarquia eclesiástica às devoções populares patenteia aos peregrinos o alto conceito de que a romaria desfruta não só entre os leigos, mas igualmente entre o clero. Eis aí uma das razões por que o movimento espiritual aumenta de ano em ano por ocasião da festa de São Francisco.

1. Sagração do Santuário

Em 1917, quando do centenário da paróquia de São Francisco de Canindé, o Arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes distinguiu o Santuário reconstruído com a sagração, segundo consta na placa assentada na última pilastra do lado da epístola:

ANNO DOMINI MCMXVII

BENEDICTO XV IN PETRI CATHEDRA SEDENTE BRASILIIS LITTORIS
WENCESLAO BRAZ REMPUBLICAM CURANTE ARCHIDIOECESEOS

FORTALEXIENSIS ARCHIEPISCOPO DD. EMMANUELE A SILVA GOMES
 HOC TEMPLUM OPE CAPULATORUM FRATRUM INDUSTRIAQUE
 MAGISTRI ANTONI MAZZINI PENE FUNDITUS EXCITATUM D.O.M.
 CULTUIQUE DIVI FRANCISCI ASSIATIS DEDICATUM RITIBUS SOLEMNIS
 MAGNOQUE POPULI CONCURSU IDEM ANTISTES DIE II OCTOBRIS
 SACRAVIT

Em vernáculo:

“No ano do Senhor de 1917, regendo a cátedra de São Pedro – Bento XV, sendo presidente da república brasileira Wenceslau Braz, Arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, este templo quase completamente reconstruído, sob os cuidados dos frades capuchinhos e de direção do arquiteto Antonio Mazzini, dedicado a Deus sumamente bom e ao culto do divo Francisco assisiense, no dia 2 de outubro, com rito solene e grande concurso de povo, o mesmo antístite sagrou”.¹

Em virtude da referida sagração, Dom Manuel concedeu, para sempre, uma indulgência de cem dias a todos os fiéis que, visitando o Santuário, na festa anual da dedicação, a 2 de outubro rezarem, na intenção do Papa, alguma oração, p. ex., um Pai Nosso, uma Ave Maria e Glória.

1. Indulgência Plenária para os Romeiros

Pela primeira vez, em 20 de fevereiro de 1919, concedeu o S. Padre Bento XV uma Indulgência Plenária aos romeiros que, devidamente confessados e comungados, visitarem o Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé e nele orarem segundo a intenção do Sumo Pontífice. Esta graça aplicável às almas do Purgatório e concedida cada vez por tempo limitado tem sido renovada periodicamente podendo assim ser lucrada até o presente uma vez ao ano.²

1. Indulgência Plenária para todos os fiéis

Em 1926, jubileu do 7º centenário da morte de São Francisco, a Santa Sé Apostólica dignou-se de conceder a Indulgência Plenária a todos os fiéis que, tendo se confessado e comungado em preparação à festa de 4 de outubro, visitarem a basílica de Canindé e rezarem as orações de costume.³

2. Missa votiva de São Francisco

Aos 4 de abril de 1949, o Santo Padre Pio XII concedeu aos sacerdotes peregrinos e diretores de romarias o privilégio de celebrarem a missa votiva de São Francisco na basílica de Canindé, com restrição de certos dias do ano.⁴

3. Canindé recebe a sua Basílica

A mais nobre distinção ficou reservada a Canindé para o ano jubilar do sétimo centenário da morte de São Francisco, quando a Santa Sé contemplou o Santuário com a dignidade de Basílica Menor, equiparando-o às célebres igrejas de Roma como São Pedro ad vinctula, Santa Cruz de Jerusalém, Santa Maria de Trastevere etc.

Nas letras apostólicas “Ex amplissimis” que o Papa sua Santidade realça a extraordinária veneração que o clero e o povo tanto cearense como nordestino e nortista em geral devotam ao Santo de Assis, cuja imagem milagrosa em Canindé atrai as romarias ininterruptamente, máxime, porém de setembro até novembro de cada ano. Sujeito à jurisdição do Arcebispo de Fortaleza e por este confiado à esforçada administração dos Franciscanos, vem a ser o Santuário de São Francisco uma fonte de bênçãos para todo o povo católico. O documento pontifício salienta, em particular, os orfanatos e a escola apostólica de Canindé, mantidos então junto com o Santuário pela generosidade dos romeiros, pelo que atendendo ao ardente desejo do Arcebispo de Fortaleza, clero e dos fiéis, resolve o Sumo Pontífice elevar o célebre templo à dignidade de Basílica Menor e conferir-lhe todas as prerrogativas das Basílicas Menores de Roma. Assinadas pelo Cardeal – Secretário Gasparri, traz as letras apostólicas à data de 30 de novembro de 1925.⁵

Qual é a finalidade que o Santo Padre visa ao elevar certas igrejas à categoria de basílicas? Para tais igrejas não constitui apenas uma honraria a mais, e sim o encargo excepcional de fomentarem sobremaneira a vida religiosa e a piedade cristã juntamente com a filial obediência ao Vigário de Cristo em Roma. O culto de São Francisco das Chagas de, que pela mencionada distinção pontifícia recebeu a mais autêntica aprovação de suma autoridade eclesiástica, a um tempo foi aprovado pelo Papa, qual meio eficaz de intensificar e aprofundar a vida cristã entre os devotos e romeiros de Canindé.⁶

Na capela-mor da Basílica de São Francisco, figuram como distintos próprios, cujo sentido somente pela história se compreende, o conopeu, uma espécie de guarda-chuva que nas procissões de Roma era levado para uso do Bispo ou do mesmo Papa, e o tintinábulo ou campa, que nas procissões lembravam aos romanos a passagem do clero de uma Basílica, ao passo que o uso da capa magna, outro privilégio do cura da Basílica, é vedado aos Franciscanos visto a regra de São Francisco lhes impor a simplicidade e pobreza. Em geral, a fachada da Basílica também ostenta o brasão pontifício para torná-la reconhecível como tal.

¹ Tombo Canindé 4 fl. 128v ACM – 7^a, 6 e 10

² Tombo Canindé 4 fl. 142.

³ *Ibidem* 5 fl. 11v.

⁴ Coleção dos Privilégios n°

⁵ AAS 1926 (XVIII) pp. 129-130; RSA 1926 pp. 92-93.

⁶ Veja a solene promulgação das letras apostólicas no capítulo “O 7º Centenário da Morte de S. Francisco em Canindé” e o texto na íntegra, no documentário do Apêndice.

A maior distinção que o Santuário de S. Francisco recebeu com a sua elevação à categoria de Basílica merece uma placa comemorativa com os brasões de Pio XI, D. Manuel da Silva Gomes e de São Francisco.

VII

A PARÓQUIA DE CANINDÉ E SEUS VIGÁRIOS

Terminada, em linhas gerais, a construção do Santuário de São Francisco das Chagas, os canindeenses requereram a fundação de um convento franciscano ao lado do novo templo, alegando que em vez de oferecerem as esmolas aos religiosos de Pernambuco preferiram invertê-las na manutenção de uma comunidade a ser estabelecida em Canindé.¹

Dada, porém, a sistemática supressão das Ordens religiosas pelo governo colonial, Canindé compartilhou a triste sorte de Oeiras, Aquirás² e Natal, recebendo, em 1798, em lugar de

guardiões franciscanos do Santuário, um capelão na pessoa do terciário de São Francisco Pe. João José Vieira o qual, em seguida, assumiu também a administração do patrimônio do Santo, continuando no exercício dos dois cargos até a sua morte em 1812.³

As aspirações dos canindeenses, já por todo esse tempo, visavam à criação da paróquia de São Francisco, visto que o Pe. Vieira não podia satisfazer plenamente o seu sagrado ministério. Um requerimento, despachado neste sentido, antes de 1800, perdeu-se.⁴ Em 1801, os principais fazendeiros e outros moradores da zona encaminharam outra petição expondo a triste situação religiosa dos sertões canindeenses, lamentando a pouca diligência do vigário de S. José de Ribamar em atender às necessidades espirituais de seus paroquianos distantes e solicitando a criação de nova freguesia com a matriz de São Francisco das Chagas. O vigário de S. José, Pe. Cláudio Álvares da Costa, consultado a respeito, tentou desfazer os motivos alegados, caindo, porém nos mesmos exageros de seus acusadores; pois o parecer escrito pelo Visitador eclesiástico, Pe. José Pereira de Castro e dirigido ao Governador da diocese de Olinda, apoiava, em parte, as queixas apresentadas pelos canindeenses. Entretanto o Governador da diocese deixou de aceder ao requerimento por esperar com brevidade o novo Bispo de Olinda.⁵

Não consta ter havido outras tentativas no intuito de se obter a criação da nova paróquia até 1816, após a gestão do Pe. Francisco de Paula Barros, o qual, em 1813, fora empossado tão-somente como capelão e não como administrador do patrimônio, tendo deixado o cargo em dezembro de 1815, para se retirar às ribeiras do Banabuiu⁶; foi substituído em Canindé pelo Pe. Rodrigo José de Melo.⁷

Foi, pois, em 1816, que os canindeenses tornaram a requerer ao governo a graça solicitada em 1801. Apoiados que se viram desta vez pelo Capitão-mor Antônio José Moreira Gomes, pelo Governador do Ceará, Manuel Inácio de Sampaio, alegando este o recente aumento da população, e especialmente pelo Pe. Francisco de Paula Barros, o qual foi incumbido pela população de defender-lhes os interesses na corte do Rio de Janeiro.⁸ Com efeito, em fins de julho, seguiu o ex-capelão de Canindé para Olinda e reunidos na cúria diocesana os documentos necessários, partiu em agosto para o Rio, onde não só encaminhou o processo de fundação da freguesia de São Francisco, mas também o de sua colação como vigário, prestando, para esse fim, o costumeiro concurso, aos 28-1-1818.⁹

Desta vez, o resultado não se fez esperar; pois, obtida a 1-8-1817, a confirmação do Governador da diocese de Olinda, foi desmembrada da freguesia de S. José a de São Francisco das Chagas e elevado à categoria de Matriz o Santuário do mesmo taumaturgo em Canindé. Aos 30 de outubro de 1817, o respectivo alvará régio recebeu a assinatura de Dom João VI no Rio de Janeiro.¹⁰

A nova paróquia compreendia as ribeiras do Canindé, Curu e Cachitoré, dando-lhes por extremas a Barra do Cachitoré e a Serra de Baturité a confinar com a freguesia de Quixeramobim.¹¹

Tendo satisfeito as expectativas do povo e obtido a sua aspiração pessoal, o Pe. Francisco de Paula Barros, como primeiro vigário de Canindé, tomou posse da paróquia de São Francisco, aos 11-10-1818.¹²

Quando da visita a Canindé do visitador eclesiástico Pe. Antônio Gomes Coelho, entre 1818 e 1819, “estabeleceram-se, de comum acordo, com os fregueses (paroquianos) os estatutos”, reduzindo tributos paroquiais em comparação com os que dantes se haviam pagado ao vigário de Fortaleza.¹³

O Pe. Paulo Barros continuou à frente da paróquia, com algumas interrupções, até 7-2-1834, tendo-a ocupado, neste tempo, dois substitutos, a saber, o Pe. Francisco Serafim de Assis, pro pároco de 15-10-1824 a 29-1-1825, e o Pe. João Crisóstomo de Oliveira Freire, vigário interino de 24-2-1830 até 1834, quando o Pe. Barros foi deputado geral.¹⁴

Normalizou-se a situação da paróquia com a gestão do Pe. Manuel Tomás Rodrigues Campelo, igualmente vigário colado e por sinal o que por mais tempo dirigiu os destinos do rebanho espiritual canindeense, de 19-9-1834 a 6-6-1860.¹⁵ A partir desse paroquiato saberemos algo sobre o movimento religioso e o estado da matriz.

O relatório paroquial de 14-6-1839 reflete o contentamento do Pe. Campelo por dirigir um povo religioso e dócil, dispondo de uma igreja provida dos paramentos necessários e sendo eventuais reparos custeados com as oblatas dos romeiros.¹⁶

Finda a terrível seca de 1845, que em Canindé vitimara 135 pessoas, e elevada a sede paroquial à categoria de vila, houve nesta em 1846 uma missão, pregada por Frei Serafim de Catânia, OFM Cap.¹⁷

Em 1849, a matriz recebeu novo sacrário; em 1854, remediou-se a falta de espaço na igreja visto que muita gente até então ficara fora e exposta ao sol, razão por que o vigário mandou abrir “entalhes” nos corredores, cobrindo as despesas com as esmoladas do cofre de São Francisco.¹⁸

Desde 1853, temos notícia da construção de uma capela na Serra do Machado dedicada a São Gonçalo, para cujas obras o vigário pede 200\$000 ao governo, reiterando o pedido em 1854, enquanto em 1859 menciona outra capela nova de São Sebastião em Jacu. Em 1853, já existia em Canindé um cemitério paroquial, feito ao certo em atenção à lei pouco antes decretada que proibia os sepultamentos nas igrejas.¹⁹

Na qualidade de inspetor do ensino primário reclamava o Pe. Campelo contra qualquer irregularidade como o atraso do Prof. Manuel Gomes de Castro o qual vindo de Sobral permutara com seu colega Zacarias Vieira da Costa, não tendo, porém chegado até 24-1-1852. Vivamente interessado pelo progresso cultural de Canindé propôs o vigário a criação de uma cadeira de gramática latina, visto haver muitos moços desejosos de educação literária²⁰ e tornando a pedir o mesmo, apontava no mesmo requerimento a necessidade de uma casa da Câmara municipal e de uma cadeira.²¹

Muito sentiu o vigário as tumultuosas eleições de 7-9-1852, que resultaram em três mortes praticadas à porta da matriz, local da votação, visto que um dos assassinados, Manuel Mendes da Cruz Guimarães, havia pouco tempo, tivera fortes discussões com o Padre.²²

O Pe. Campelo teve temporariamente os seguintes auxiliares: 1º Pe. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa que em 1841 assinou os livros paroquiais como pro pároco²³; 2º Pe. Manuel Sulpino Uchoa, coadjutor de Canindé em 1852; 3º Pe. coadjutor José Joaquim Coelho da Silva, filho de Canindé, exonerado aos 20-4-1858, pelo Visitador Cônego Antônio Pinto Mendonça²⁴; 4º Pe. Manuel Ribeiro (ou Rodrigues) de Sousa, tio materno do Pe. Campelo, nomeado vigário interno aos 23-4-1860, por motivo da última doença do sobrinho e exonerado com a chegada do sucessor; pois o Pe. Manuel Rodrigues Campelo faleceu em Canindé, aos 6-6-1860.²⁵

Durante o paroquiato Pe. Ernesto José Cavalcanti, de 5-7-1860 a 14-1-1867, salientam-se os serviços realizados na matriz: vinte janelas envidraçadas, em 1861²⁶, obras de entalhe no alto-mor pelo português João Francisco de Oliveira²⁷, a aquisição e colocação dos altares laterais, vindos da capital em 1862.²⁸ Outros trabalhos importantes empreendidos em 1866, no corpo da matriz, que custaram 990\$180²⁹, não são discriminados, nem tão pouco uma encomenda feita em Paris no valor de 4:000\$000.³⁰ No seu relatório paroquial de 20-8-1864, confira o Pe. Cavalcanti as asserções de seu antecessor quanto a todos os serviços custeados com as oblatas dos romeiros, discordando, porém considera pouco lisonjeiro.³¹

A gestão do Pe. Manuel Antônio Martins de Jesus, de 14-1-1867 até 14-6-186 não foi feliz, pois viu-se o mesmo atacado pelos adversários, embora sempre fosse defendido pelo órgão “Tribuna” Católica”.³² Exonerado a pedido seu, o sacerdote teve que se defender das acusações que lhe fizera em 1869 Alexandre Ugolino de Sousa Leão³³, continuando em seguida o seu sagrado mistério.

Sucedeu como vigário encomendado a 14-6-1869, o Pe. Pedro Álvares Araújo, tendo servido de coadjutor da mesma paróquia desde 1868.³⁴ Em 1870, a vida religiosa de Canindé foi reanimada pelas santas missões pregadas por dois sacerdotes Lazaristas Pe. Guilherme van der Sand e Pe. José Joaquim da Silva Freitas. Apesar da falta de confessores houve 3.000 comunhões, elevando-se o número dos ouvistes a cerca de 5.000. As coletas da missão renderam o suficiente para emancipação de seis crianças escravas.³⁵ O cruzeiro erguido pelo Pe. Freitas no alto dos romeiros relembrou aos canindeenses por muitos anos as graças daquela missão. Em 1872, surgiu novo cruzeiro diante da matriz, obra-prima do mestre João Antônio.³⁶

Enquanto o número e o deplorável estado das capelas do interior continuava o mesmo, criavam-se cemitérios novos em Caiçara, S. Gonçalo e Serra Branca, servindo em Canindé um só, porque o segundo era foco de miasmas e o terceiro se destinava aos epidêmicos.³⁸

O Pe. Araújo dói demitido do paroquiato aos 12-7-1876, visto ter abandonado a paróquia com escândalo.³⁸

Quando o Pe. José Laurindo dos Santos foi nomeado vigário de Canindé residia na povoação de Belém, atual Itatira. O seu paroquiato começou aos 16-7-1876 e terminou a 22-10-1884, tendo a partir de 16-2-1877 o coadjutor Pe. Pedro de Abreu Pereira.³⁹ A seca de 1877 ocasionou a construção da projetada Casa de Caridade ou hospital e da igreja de Nossa Senhora das Dores.

Sobre a paróquia informa o Pe. Santos do seguinte modo: o estado da matriz é bom; há quatro capelas, a saber: em Belém, Caridade, Marés (Sta. Rita) e a Caiçarinha, funcionando em Belém apenas a capela-mor e o resto não passando dos alicerces; há 2 irmanados, a de São Francisco das Chagas com um prédio de tijolos no valor de 10.000\$000 sem porém render por servir aos romeiros, e a de Nossa Senhora das Dores com a renda anual de 80\$000; há três cemitérios em Canindé, Belém e Caiçarinha.⁴⁰

O Pe. Alexandre Correia de Araújo Melo tomou posse da paróquia de São Francisco aos 23-11-1884. A boa escrituração dos livros paroquiais mereceu um louvor especial de D. Joaquim José Vieira quando de sua visita pastoral a Canindé em 30-6-1886.⁴¹ Na mesma ocasião, o Prelado de Fortaleza escrevia: “A igreja matriz desta freguesia está completamente acabada e provida de ricas alfaias, graças aos grandes recursos que oferece a grande afluência de devotos do glorioso Patriarca São Francisco das Chagas. Parte das esmolas dadas pelos romeiros aplicaram-se na construção do cemitério paroquial, na conclusão do templo das “Dores” e em uma casa para agasalho daqueles que vêm cumprir votos”.⁴²

Aos 2-7-1886, D. Joaquim José Vieira benzeu a igreja das dores, ao ensejo da visita pastoral.⁴³

O Pe. Melo renunciou ao paroquiato de Canindé aos 20-4-1888, devido às desordens e irreverências cometidas na matriz e devido ao desacato irrogado à sua pessoa, quando tentava retirar as imagens da matriz para igreja das Dores, a fim de dar começo às obras de restauração do Santuário.⁴⁴

Na crítica situação provocada por “alguns espíritos mal avisados, sob pretexto religioso” tomou posse da paróquia, aos 29-4-1888, o filho de Canindé, Pe. Manuel Cordeiro da Cruz, encerrando a lista dos padres diocesanos que regeram a freguesia de São Francisco das Chagas.⁴⁵

Como Alguns padres, enviados de D. Joaquim, não conseguissem pacificar os ânimos perturbados, mandou S. Excia. Suspende, no Santuário de São Francisco, todo e qualquer ato religioso que dependesse da presidência sacerdotal, declarando por matriz a igreja das Dores.⁴⁶ Ademais chegaram a pedido do Vigário e mandados pelo Sr. Bispo, os Capuchinhos, Frei Cassiano de Comachio e Frei Clemente de Leonissa, acompanhados do irmão Frei José, a fim de pregarem uma santa missão de 1º a 22 de Julho de 1888 e deste

modo pacificarem os espíritos. De fato conseguiram-no, segundo Frei Cassiano escreveu ao Presidente do Ceará durante a missão.⁴⁷

Na frente da matriz provisória das Dores, Frei Cassiano levantou um vistoso cruzeiro, cuja madeira o povo carregava da Serrinha da Cajazeira além de Ipu até Canindé, portanto a uma distância de seis léguas.

A Indispensável procissão da penitência contou com assistência de 5.000 pessoas, enquanto durante toda a missão, da Eucaristia, sendo legítimas as uniões de 49 casais.

Como houvesse em Canindé o abuso da feira dominical o missionário a transferiu para o dia de sábado, pregando na primeira ocasião no barracão da feira e benzendo as mercadorias. Entretanto, a boa vontade valeu pouco, de forma que, anos depois, o vigário Frei Matias de Ponteranica teve que insistir novamente na observação do descanso dominical, surtindo dessa vez resultado mais duradouro do seu confrade missionário.

Instituído também delegado fiscal do governo imperial, Frei Cassiano dirigiu as obras da Matriz, abrindo arcos entre o corpo da igreja e os corredores, deixando, porém de enfrentar a construção de um açude planejado pelo governo, porque a verba oficial era insuficiente.⁴⁹

Frei Cassiano cumpriu, pois, a missão principal, imposta pelo Sr. Bispo e pelo Presidente, de apaziguar os espíritos, embora não levasse ao fim as obras da matriz; pois estas terminaram em 1890 com a despesa total de 41:650\$000.⁵⁰

Sumamente satisfeito com a restauração da paz e da matriz, o Pe. Manuel Cordeiro da Cruz convidou vários sacerdotes para a solene reabilitação do Santuário, desde dois anos e meio interditado, benzendo-o a 24-9-1890, no início do novenário.⁵¹

A partir de 19-3-1891, consta como capelão da irmandade de São Francisco o Pe. Raimundo Teles de Sousa, sendo pelo novo compromisso da confraria (1892) encarregado, da escola mantida por esta.⁵² De 1895 até 1898, é O Pe. Luís de Sousa Leitão que reparte com o Vigário os trabalhos na cura d'alma, assumindo também a capelanía da irmandade de São Francisco.⁵³ À pena deste Sacerdote e Educador devemos o primeiro estudo crítico sobre o Santuário de Canindé. Nascido em Quixeramobim, ocupou o culto Padre os cargos de Vigário em Soure, Pentecoste e no Rio de Janeiro, de lente do Liceu, de Diretor da Instrução Pública e de Deputado Provincial e Estadual.

Dada a sua idade avançada, o Pe. Manuel Cordeiro da Cruz já não podia desenvolver muita atividade, sendo, igualmente, embaraçado pela questão aborrecida que terminou com a extinção da Irmandade de São Francisco, em cujo lugar assumiu a administração do patrimônio uma comissão composta pelo Vigário, Coadjutor e o Capitão Clementino Finéas Juca.⁵⁴

Durante a gestão do Pe. Cruz houve a benção das novas capelas de Jatobá e Santana no Sítio de Santa Rosa, como também dos cemitérios de Santa Rosa e Vasantes, sítio este que já inaugurara a capela fazia dez anos.⁵⁵

A aspiração dos canindeenses de poderem assistir a todos os atos da Semana Santa realizou-se em 1898, quando chegaram as imagens do Bom Jesus e do Senhor Morto, que o Pe. Cruz benzeu a 3-4-1898.⁵⁶

Filho legítimo de José Joaquim da Cruz e D^a Maria da Natividade Barbosa Cordeiro, o Pe. Cruz exercera o paróquiato em Patos da Paraíba, estivera em Maceió, e vigariara em Cachoeira e Coité, antes de tomar posse da paróquia de Canindé, cujos destinos dirigiu durante dez anos, entregando o cargo aos 5-10-1898. Passou o resto da velhice no torrão natal, onde faleceu em 1911 aos 93 anos de idade.

Os vigários que figuram, de 1898 até 1923, são Missionários da Província Capuchinha Lombarda de Milão-Itália, cuja missão era dirigida pelo Superior Regular de São Luís do Maranhão.

Aos 5-10-1898, tomou posse da paróquia Frei Davi de Desenzano desenvolvendo atividade extraordinária no púlpito, na catequese e na adaptação e ampliação da Casa de São Francisco, instalando desde logo o orfanato sob a regência de Frei Agostinho de Carpignano.⁵⁷

De 6 de março até 19 de outubro de 1900, parouquiou Frei Mansueto de Peveranza, continuando Frei Davi, em seguida.

O 3º vigário capuchinho foi Frei Cirilo de Bérghamo, empossado na festa da Assunção de Maria Sma. de 1901, com apenas três anos de sacerdócio, quando o antecessor havia pedido exoneração à vista das grandes dificuldades decorrentes da tremenda seca.⁵⁸ Passado meio ano de paquiato, Frei Cirilo foi transferido para Belém do Pará tendo como sucessor Frei Matias de Ponteranica, o qual tomou posse aos 22-3-1902, e saindo-se bem, acumulou em 1903 ainda os cargos de superior do convento, ecônomo e diretor do colégio S. Antonio. Infelizmente são parcos os dados sobre o demorado Paroquiato de Frei Matias, tanto mais elogioso, porém o termo da visita pastoral que aqui reproduzidos:

É digno de louvor o interesse e devotamento com que o Revdo. Pároco, de mãos dadas com os seus irmãos de hábito, se esforça em promover o incremento da piedade implantando a virtude nas almas dos paroquianos, reformando os costumes e propagando a fé pela instrução religiosa das diversas classes sociais que reuniu em associações católicas e propagando a fé pela instrução florescem com notável aproveitamento espiritual de todos. Aprovamos a orientação dada aos negócios da paróquia e aplaudimos sinceramente ao desdobramento da ação do revdo. Pároco na direção do Colégio dos Meninos e do Asilo das pobres orfãzinhas.

Canindé, 10-10-1912
+ **Manuel.**⁵⁹

Além de ter restaurado o Santuário em 1903, concebeu e realizou Frei Matias, em 1910, o arrojado projeto de submeter esse templo a uma transformação radical, merecendo por isso a gratidão de gerações futuras.⁶⁰

Frei Alfredo de Martinengo regeu a paróquia de 8-2-1913 a 1915, seguindo-se-lhe pela posse de 24-6-1915 Frei Cirilo de Bérghamo o qual continuou até 1918⁶¹ passando o cargo aos 24-7-1918 a Frei Alfredo Martinengo⁶², enquanto este foi revezado por Frei Silvério de Calvairete a 7-9-1919⁶³, cabendo o último biênio de 2-1-1921 a 1923 novamente a Frei Matias de Ponterancia.⁶⁴

A soma de trabalhos e suores que os vigários capuchinhos suportaram em Canindé será contemplada em outros capítulos. Os 25 anos de apostolado contribuíram para revolucionar a paróquia, no bom sentido. Haja vista que encontraram a freguesia com 6 capelas entregando-a aos Franciscanos com 23 ou sejam 17 capelas novas.

Segue a lista dos vigários franciscanos da Província de S. Antonio do Brasil, a qual, restaurada em 1901 pelos Frades Menores alemães, conta hoje duzentos sacerdotes e entre estes, um bom número de brasileiros.⁶⁵

Aos 26-3-1923, tomou posse da paróquia de São Francisco o primeiro vigário franciscano Frei Lucas Vonnegut, recebendo como coadjutores Frei Estêvão Roettger, Frei Paulo Kleinken e Frei Maurício Mellage, o qual foi pouco depois substituído por Frei Nicácio Kipshagen.⁶⁶ Durante a ausência de Frei Lucas em 1928, quando este se achava de férias na Almenha, ficou Frei Odilon Gelhaus como vigário interino.⁶⁷

De 3-3-1932 parouquiou Frei Capistrano Niggemeyer.

Em 12 de março de 1932, foi empossado o novo vigário Frei Bonifácio Muller ⁶⁸ o qual em 18-2-1935 entregou o cargo a Frei Pacífico Wiesmann, ⁶⁹ Em abril de 1937, tomou posse Frei Policarpo Cornelius, exercendo o cargo até 1955 ⁷⁰ quando aos 6 de março foi empossado Frei Edgar Stanikowski ⁷¹ sendo este em 26 de janeiro de 1958 substituído por Frei Osvaldo Linn. ⁷² O Capítulo Provincial de janeiro de 1961, apresentou Frei Flaviano Wiesmann para vigário ⁷³, em cuja ausência, quando de sua visita à terra natal, exerceu Frei Teodoro Haerke o paróquiato de 23 de fevereiro a 15-11-1961. ⁷⁴

Frei Flaviano fundou a Ação Social Paroquial para distribuição de gêneros alimentícios a centenas de pobres da freguesia encarregando desta incumbência as visitadoras paroquiais. ⁷⁵ À entrada da cidade de Canindé, de quem chega de Fortaleza, o mesmo vigário levantou um monumento a São Francisco ⁷⁵, obra do Dioclécio Soares Diniz. Durante o segundo semestre de 1963, uma impertinente enfermidade afastou Frei Flaviano do paróquiato, sendo substituído por Frei Policarpo Cornelius.

O novo vigário empossado em abril de 1964 foi Frei Cláudio Schneider, OFM cujo paróquiato se destaca pela renovação do plano da Pastoral das Peregrinações. ⁷⁷ Frei Olivério Lima, empossado em janeiro de 1965, fundou a escola noturna para adultos ⁷⁸ e instalou modesta maternidade no prédio da LBA, a 22 de janeiro de 1966. ⁷⁹ Com a renúncia de Frei Olivério assumiu o cargo de vigário o então guardião Frei Antonino Kraienhorst, em 1966, até quem em 11 de março de 1967, Frei Lucas Dolle foi empossado. ⁸⁰

A 15 de junho de 1967, principiou a construção da maternidade paroquial que depois passou a ser chamada Hospital-Maternidade Regional São Francisco, uma vez que estendeu a sua finalidade em virtude dos auxiliares recebidos da Sociedade Hospitalar São Francisco, uma vez que estendeu a sua finalidade em virtude dos auxílios recebidos da Sociedade Hospitalar São Francisco de Canindé (Cr\$ 5.00,00) e da Prefeitura de Canindé por intermédio de seu Prefeito Antonio Weber Magalhães Monteiro.... (Cr\$ 10.000,00).

Em Preparação à festa de São Francisco foi o tradicional cruzeiro à frente da Basílica substituído por um altar portátil para as missas campais visto que nas festas principais, não há igreja que comporte todos os fiéis, O cruzeiro já de todo podre e carcomido não permitia mais reparo O belo resultado da catequese reorganizada em 1967 com 45 catequistas, algumas noviças e postulantes de Santa Clara, constituiu a 1ª Comunhão de cerca de 1.500 crianças realizada em novembro do ano.

As três escolas paroquiais tiveram a matrícula total de 250 alunos, ensinados por 8 professores, continuando em pleno funcionamento a escola noturna pra adultos, igualmente ao encargo do vigário.

Em matéria de liturgia os romeiros foram em 1967 surpreendidos pelo altar versus populum posto na frente do altar mor da basílica, pelos comentários da missa para melhor compreensão da liturgia.

Em 1968, como nos anos seguintes os trabalhos catequéticos, litúrgicos e educacionais prosseguiram da mesma forma que em 1967.

Em abril de 1968, a Igreja de Nossa Senhora das Dores recebeu um novo altar com grande crucifixo de madeira, obra do artista Bibi e uma via sacra nova também de madeira, do mesmo autor, tendo custado Cr\$ 800,00 e... Cr\$ 600,00 respectivamente. ⁸¹ O ano de 1969 trouxe a introdução das Aulas Bíblicas, ilustradas com sono-viso, que se realizam na basílica em todas as terças-feiras, com boa frequência.

No mês de agosto de 1969 houve o primeiro retiro espiritual pregado aos casais por dois leigos Dr. Silveira e Dr. Pedro Carvalho, cabendo ao vigário Frei Lucas Dolle apenas a última palestra.

Em lugar da via sacra executada em azulejos e exposta na ladeira feita de cimento armado pelo artista Bibi. Foi este o grande acontecimento de 1970. ⁸² Em 1971, a basílica de São Francisco recebeu nova pintura interna. Aos 4 de julho desse ano, Canindé em peso

presenciou a sagração episcopal do primeiro filho capuchinho desta paróquia, Dom Frei Temóteo Francisco Nemésio Cordeiro, primeiro bispo diocesano de Tianguá-CE.

Em junho de 1972, o vigário Frei Lucas viu seus esforços coroados com a inauguração do Hospital-Maternidade Regional São Francisco.

A paróquia de São Francisco das Chagas que abrange os municípios de Canindé, Paramoti, Caridade e Itatira conta cerca de 90.000 almas 11.000 da sede canindeense.

Os 50 anos de paróquia franciscana em Canindé representam uma série ininterrupta de trabalhos apostólicos ocupando atualmente seis sacerdotes na cura d'almas da extensa freguesia de São Francisco das Chagas.

¹ “A Devolução a São Francisco das Chagas” in RSA ano 1958 p. 119.

² AHU-PE avulsos ex. 20 de 14-9-1730; Studart-Notas p. 224 de 26-7-1751.

³ APEC-OTDP fl. 86ss.

⁴ *Ibidem*. Parece ser o mesmo requerimento de 1796; cf. documentário do Apêndice.

⁵ *Ibidem*

⁶ APEC-OTDP fl. 6ss, tratando-se da capela de Barra da paróquia de Quixeramobim. Cf. Documentário do Apêndice “Novas Petições II”

⁷ Livro de Contas do Patrimônio de S. Francisco I, FI; 117-123.

⁸ APEC-OTDP fl. 6ss.

⁹ ANR Documentos ecl. Ex 274 (ano de 1817), doc. 1, 2, 7, havendo ao todo 41 escritos referentes ao Pe. Paula Barros.

¹⁰ Rocha-Santuário p. 17s

¹¹ Tombo Canindé 2, fl. 11.

¹² *Ibidem* fl. Lv. E provisão autêntica.

¹³ ANR e Doc. Ecl. Ex. 287, doc. 52, fl. 3 e verso; o documento 51 vem a ser uma carta de Simão Barbosa Cordeiro relatando a satisfação dos canindeenses pela posse e conduta do Pe. Barros.

¹⁴ Quando em seguida não houver outra fonte citada, as indicações de datas baseiam sobre os livros paroquiais de Canindé, como sejam os de batizados, casamentos e óbitos. – Nascido em Natal RN, a 1-6-1779, como filho legítimo do sargento-mor Antônio de Barros Passos e de D. B. Bernardina da Assunção, o Pe. Francisco de Barros, várias vezes, teve que defender-se de graves acusações (cf. nota 9, doc. 1 e 4) confessando ele mesmo (no livro de óbitos de Canindé n. 124, fl. 31) que esteve afastado do paróquia de Canindé de 19-3-1825 a 19-9-1828. Participou também, segundo opinião geral, na Confederação do Equador, fugindo em seguida da pena, enquanto o Pe. Gonçalo Mororó pagou com a vida (Cruz Filho, pp. 126-141).

¹⁵ APEC pasta bispo de Pernambuco. Constam os primeiros batizados do novo vigário no dia 19-9-1834, tendo feito concurso aos 14-3-1834 (APEC concurso fl. 1; Leota in. RIC 1946, p. 201). Filho legítimo de Felipe Rodrigues Campelo e Ana Vicência de Sousa, nascido e batizado na Freguesia de S. Antônio do Cabo (PE) fora o Pe. Manuel ordenado em Salvador, por Dom Romualdo Antônio Seixas, aos 21-12-1830 (APEC–concursos fl. 7v e 8v). LACMF, referindo os assuntos da sessão extraordinária de 29-1-1835, diz que Joaquim Mendes da Cruz Guimarães compareceu como procurador do reverendo Manuel Tomás Rodrigues Campelo e por ele prestou juramento, como vigário colocado da freguesia de Canindé, à

vista de uma provisão que apresentou.

¹⁶ APEC 1, 6, 32, 36.

¹⁷ APEC 4; Barbosa Cordeiro fl. 24v.

¹⁸ APEC 27 à 43.

¹⁹ APEC, 36, 43, 77.

²⁰ APEC, 25 e com data de 5-6-1848.

²¹ APEC, 15 e 21 com datas de 30-5-1850 e 13-851. A cadeia de Canindé, existente em 1852, era pequena, sem arejamento segurança (APEC 32)

²² O desafeto do Pe. Campelo era de família forasteira, sem ter parentesco com os Cruzes de Canindé. APEC, 24; AMIP n. 5898, maço 119. Francisco Domingos da Silva, que fora juiz, informa ao imperador sobre o processo alusivo aos assassinos de Canindé, insistindo na lealdade de sua sentença e censurando dos Barbosas. – G. Barroso p. 247

²³ “Itinerário das Visitas do Bispo de Pernambuco” in RIHGB ano XL, 1. Parte 1892, p. 149; pede D. João da Purificação

²⁴ Tribuna Católica, ano III, n.º 8 de 21-6-1868

²⁵ *Ibidem* ano V de 6-7-1870 e de 24-7-1870

²⁶ Barbosa Cordeiro, fl. 26

²⁷ APEC, 91 de 5-6-1872; APEC, 93 de 22-5-1873

²⁸ APEC, 95 de 12-7-1876

²⁹ APEC, 95 e 100

³⁰ APEC, - templos n.º 4316 de 25-8-1881.

³¹ APEC, 100; Tombo Canindé, 2 fl. 2.

³² Tombo Canindé 2, fl. 1v.

³³ *Ibidem* fl. 3.

³⁴ *Ibidem* fl. 3v Como era natural, o vigário pedira as licenças necessárias para retirar as imagens, razão por que teve todo o apoio do Sr. Bispo.

Ibidem fl. 10.

³⁵ *Ibidem* fl. 11v.

³⁶ *Ibidem* fl. 10v.

³⁷ *Ibidem* fl. 11; documentário no Apêndice.

³⁸ Tombo Canindé 2 fl. 11v

³⁹ APEC 102; veja a carta no apêndice. AOC vol. V (1889) p. 124.

⁴⁰ LRLP n.º 5 fl. 1v.

⁴¹ Tombo Canindé 2 fl. 13v.

⁴² *Ibidem* fl. 14, LAMR f. 45.

⁴³ LRLP fl. 75v.

⁴⁴ Tombo Canindé 3, fl. 47

⁴⁵ *Ibidem* fl. 45 e verso 56.

⁴⁶ *Ibidem* fl. 56

⁴⁷ *Ibidem* fl. 61.

⁵⁸ Tombo Canindé 3 fl. 99.

⁵⁹ *Ibidem* 4 fl. 100.

⁶⁰ *Ibidem* fl. 97

⁶¹ *Ibidem* fl. 112.

⁶² *Ibidem* fl. 136.

⁶³ *Ibidem* fl. 140; Santuário Jornal, ano n° 100.

⁶⁴ Este segundo paróquia de Frei Matias consta apenas dos livros paroquiais que assinou como vigário, não porém do Tombo, dando-se o mesmo com vários vigários franciscanos.

⁶⁵ Veja outros dados históricos sobre a província franciscana em o capítulo “O Desenvolvimento do Culto de S. Francisco”.

⁶⁶ Tombo Canindé 5, fl. 4v e 5

⁶⁷ *Ibidem* fl. 23v

⁶⁸ Crônica OFM (MS) fl. 6v.

⁶⁹ Tombo Canindé 5, fl. 36

⁷⁰ Crônica OFM fl. 20.

⁷¹ Tombo Canindé 6, fl. 57v.

⁷² *Ibidem* fl. 94

⁷³ *Ibidem* fl. 108.

⁷⁴ *Ibidem* fl. 104.

⁷⁵ *Ibidem* fl. 109.

⁷⁶ *Ibidem* fl. 111v.

⁷⁷ *Ibidem* fl. 115s.

⁷⁸ Crônica OFM fl. 152

⁷⁹ *Ibidem* fl. 154.

⁸⁰ Tombo Canindé 6 fl. 123

⁸¹ Crônica OFM fl. 156.

⁸² *Ibidem* fl. 164.

VIII

IRMANDADES DE CANINDÉ

À primeira vista, ressalta a importância das irmandades eclesiais para o movimento religioso do Santuário de São Francisco, máxime a da confraria que lhe deve o nome. As brilhantes festas litúrgicas e as frequentes romarias pediam a criação de confrarias que emprestassem maior esplendor ao culto da Igreja.

1. Irmandade do Smo. Sacramento

Em 1804, existiam alguns bens pertencentes ao Smo. Sacramento, servindo este patrimônio para cobrir as despesas provenientes da conservação da lamparina acesa, da ornamentação do sacrário etc. ¹ sem, porém permitir a conclusão de que, já naquele tempo, tenha existido a irmandade do Smo.; pois esta foi fundada, em 1819, pelo Vigário Geral Cônego Antônio Gomes Coelho ², sendo, desde logo, eleita a primeira mesa regedora, para o ano compromissal de 1819. Entretanto não consta a aprovação do compromisso da irmandade senão por lei de 19-10-1852, seguindo-se a inauguração oficial da confraria aos 27-3-1853 e a promulgação da respectiva lei, aos 15-1-1862. ³

Limitava-se a irmandade do Smo. Quase exclusivamente às práticas de piedade, em particular, ao acompanhamento do Viático, todas as vezes que o vigário o levasse a algum enfermo, indo os irmãos revestidos de roupas encarnadas.

O patrimônio da irmandade contava, em 1899, nove reses de gado, cujo tratamento anual de 1898 a 1899, fora taxado pelo procurador da confraria na importância exorbitante de 1:287\$300, provocando os protestos de Augusto Rocha. ⁴

A estatística paroquial de 1910 aponta 27 irmãos do Smo. Sacramento em Canindé.

2. Irmandade de Nossa Senhora das Dores

A devoção para com Nossa Senhora das Dores era, em tempos idos, assaz divulgada pelos filhos de São Francisco, sendo um deles, Frei Jacopone da Todi, OFM autor da tocante sequência “Stabat Mater Dolorosa”.

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores de Canindé teve o seu compromisso aprovado por lei nº 1045 de 21 de dezembro de 1862, chegando à confraria a ser instalada a 1º-1-1867⁵, sem, no entanto desenvolver atividade digna de menção até 1886, quando foi reorganizada. Parece, porém que mesmo assim a irmandade exercia certa influência, porque por ocasião da seca de 1877, construiu-se a igreja de Nossa Senhora das Dores, sendo esta, em seguida, zelada pela confraria, que no consistório realizava as suas reuniões. Como as rendas anuais de 80\$000⁶ da irmandade não correspondessem às despesas da igreja, o cofre de São Francisco cobria a miúdo o déficit. ⁷ A última reunião dos irmãos, realizada aos 19-9-1909⁸, resolveu passar todos os bens à associação das Mães cristãs, fundada em 18-11-1905, por Frei Matias de Ponteranica, a qual de fato assumiu o compromisso ⁹, ficando assim extinta a Irmandade de Nossas Senhora das Dores.

1. Irmandade de São Francisco das Chagas

A Irmandade de São Francisco deve ter existido, sem aprovação eclesiástica nem civil, desde 1821, quando consta a primeira eleição para juízes, mordomos etc. Todos os rendimentos convergiam para abrilhantar a festa anual de 4 de outubro e caso a verba adrede arrecadada não fosse suficiente, o cofre das esmolos de São Francisco de Canindé supria. A preocupação de emprestar o maior esplendor ao novenário e à festa de São Francisco aconselhou também em 1821 a instituição de noitários, diminuindo há um tempo as despesas as irmandade.

Somente aos 28-11-1870, é que o compromisso da confraria foi aprovado por lei nº 1379 ¹¹ enquanto a aprovação eclesiástica fora dada anteriormente pelo Vigário Geral Cônego Hipólito Gomes Brasil. O primeiro compromisso visava antes de tudo à pompa externa da irmandade das festas anuais do Santo Padroeiro, correndo por conta da irmandade as despesas da primeira bandeira, como também da missa, do sermão e da procissão da festa, ao passo que dos demais atos do culto encarregavam-se os devotos. ¹³ Durante as novenas, os noitários ocupavam as tribunas, cabendo estas, nas outras festividades, aos mesários e empregados da confraria. ¹²

Sobre a instalação da mesa regedora informa a respectiva ata: Aos 13 de Fevereiro de 1871, no consistório da Igreja-matriz de São Francisco das Chagas de Canindé, em virtude do convite feito pelo revdo. Pároco, à estação da missa paroquial, reunidos o mesmo Pároco Pe. Pedro Álvares de Araújo, o Revdo. Pe. Joaquim Cordeiro da Rocha e diversos comparoquianos para o fim de criar-se à irmandade de São Francisco das Chagas de Canindé, cujo compromisso, aprovado pela resolução nº 1379 de 28-11-1870, foi mandado executar por portaria do Sr. Vice- Presidente da Província de 17-1-1871, foi aclamado juiz o Vigário e mordomo o Revdo. Joaquim Cordeiro da Rocha... ¹⁵

Uma vez instalada, a Confraria assumiu a administração do patrimônio de São Francisco, lembrada de sua obrigação de prestar contas às autoridades civis e eclesiásticas. Não raro, Dom Joaquim José Vieira reclamava contra despesas feitas em obras que não competiam à irmandade e sim à municipalidade p. ex., o concerto de entradas, limpeza das ruas em preparação à festa anual de São Francisco, e mesmo contra serviços não autorizados pelo Prelado ¹⁶ enquanto outros trabalhos urgentes eram protelados.

Já em 1886, ao ensejo de sua visita pastoral a Canindé, observou D. Joaquim que o compromisso da irmandade de São Francisco era muito defeituoso, deixando, porém de reformá-lo, até 19-12-1892, quando aprovou o novo e anulou o antigo de 1870. Como em 1892 já vigorasse a lei de separação do Estado da Igreja, nem o novo compromisso precisou da aprovação civil, nem o Estado tinha que ver futuramente com as irmandades religiosas.¹⁷

Afirma o próprio Bispo diocesano quanto à má administração do patrimônio por parte da Confraria:

“É bem de ver-se que os rendimentos do cofre de São Francisco não dependiam da Irmandade que tinha empregados, cuja única ocupação era receber os respectivos ordenados. Por último, de tal modo procedeu a mesa regedora do ano compromissal de 1895 a 1896 que nos determinou a dissolver a Irmandade de São Francisco de Canindé, por portaria de 3 de agosto de 1897, nomeando então uma comissão composta do Revdo. Pe. Manuel Cordeiro da Cruz, o Revdo. Capelão Pe. Luís Sousa Leitão e do Capitão Clementino Finéas Jucá”.¹⁸

No intuito de corrigir certos abusos havia D. Joaquim anteriormente suspenso a eleição da mesa regedora. Mas como encontrasse cerrada resistência da parte de um pequeno grupo que compunha justamente a mesa regedora negando-se a prestar contas ao Prelado, mesmo quando acusado de haver malversado os bens de São Francisco, não restava outra coisa senão declarar extinta a irmandade.¹⁹

Nada valeu à ex-mesa regedora o ter promovido uma ação de interdito contra o zeloso Pastor. “Para se defender das investidas, recorreu S. Excia. Revma. Aos serviços advocacionais do jurista cearense Dr. Luís de Miranda que recusou in limine qualquer remuneração pelo patrocínio da causa”.²⁰

Para sermos juntos perante a história, reconhecemos os méritos que a irmandade de São Francisco teve acerca do culto de São Francisco, lamentando que haja levado um fim tão trágico, por causa do capricho de alguns elementos rebeldes. Mas, há um tempo, admiramos a perspicácia de Dom Joaquim; pois soube aproveitar o momento dado para erradicar um mal que em outras dioceses até o presente continua grassando.

Durante os 26 anos de sua admiração patrimonial, a Irmandade de São Francisco empreendeu grandiosas obras como sejam as construções da Casa da Caridade, da igreja de Nossa Senhora das Dores, ao menos na segunda fase do acabamento, a reforma da matriz em 1888, a confecção do belo gradil à frente da matriz, a manutenção de uma escola, cujo professor era o próprio capelão da confraria etc.²¹

Que grandioso apostolado se propunha à irmandade, sob a égide do circumspecto Bispo diocesano, contanto que ela se submetesse às ordens e à vigilância deste!

“Não se confunda essa irmandade com as Ordens Terceiras, as confrarias e associações religiosas de hoje realmente devotadas à glória de Deus e da Igreja. Era, como outras muitas daquele tempo, no Brasil, herança de administração portuguesa: isenta da autoridade eclesiástica e zelosa dos bens materiais em seu benefício, antes que dos espirituais em benefício dos fiéis”.²²

¹ APEC-OTDP fl. 86v A Lâmpada do Smo. Oferecida por Antônio José Moreira Gomes custou, a 1-2-1805, a bela soma de 502\$101. Cf. RIC tomo 33 p. 109.

² TBPSFr fl. 51

³ *Ibidem* fl. 51v; JL. Barroso pp. 303-310; APEC 77.

⁴ Rocha-Serroni p. 13.

⁵ Atas da Confraria de N. Sra. das Dores p. 3 (MS); Álvoro Martins p. 10, onde ocorreu um erro tipográfico dizendo 1817 quando dever ser 1867.

⁶ APEC “templos” n° 4316 com a data de 25-8-1881.

⁷ Rocha-Notas p. 288; Relatório de D. Joaquim cf. Apêndice.

⁸ Atas da Confraria... Dores p. 75

⁹ *Ibidem* p. 76.

¹⁰ Leitão I. fl. 51v.

¹¹ Anais da Assembleia provincial pp. 249 e 266; CLPC. 175-181.

¹² APEC, 89b.

¹³ CLPC p. 180, cap. IX, art. 25 § 1 e 2.

¹⁴ *Ibidem* cap. X, art. 31.

¹⁵ LASCFL fl. 2; Leitão I Fl. 51v.

¹⁶ Relatório de Dom Joaquim cf. Apêndice;

¹⁷ *Ibidem*; Tombo Canindé 2 fl. 1v; Tombo Canindé 3 fl. 46; LAMAR fl. 10.

¹⁸ Relatório de D. Joaquim; Nembro p. 102; Tombo Canindé 3 fl. 47. Regulamento-Comissão, pp. 3-26.

¹⁹ RCBCSF fl. 15v – 16. cf. Apêndice.

²⁰ Quinderé p. 20, LAMR fl 59v

²¹ LAMR fl. 45; Tombo Canindé 2 fl. 14.

²² A. M. “Canindé e dom Joaquim” in “O Nordeste” de 2-10-1948.

IX

CAPUCHINHOS EM CANINDÉ

1. A caminho de Canindé

Dom Joaquim José Vieira merece ser considerado o benfeitor mais eminente de Canindé, não somente por ter salvado o patrimônio de São Francisco dando-lhe uma administração escrupulosa, mas em particular por ter confiado a religiosos a direção espiritual e temporal da paróquia e do Santuário de São Francisco das Chagas, garantindo destarte um impulso rápido e continuado a esse centro de piedade cristã. Varão de largos horizontes, desde muito, desejava S. Excia. Abrir um orfanato e artesanato à sombra do Santuário. ¹ Quem poderia realizar tal obra senão uma comunidade religiosa?

A conselho do Sr. Internúncio do Rio de Janeiro, consultava D. Joaquim, em 1897, os Franciscanos da Holanda sobre se aceitariam a direção da paróquia e do Santuário canindeense. O Provincial franciscano Frei Estevão van de Burt respondeu não poder aceder, visto que o Superior Geral Frei Aloísio Lauser Apresentara Obstáculos. ²

Incontinente, o Sr. Bispo propôs a mesma oferta aos Capuchinhos Lombardos da missão do Maranhão, através de Frei Davi de Desenzano, presente no palácio episcopal de fortaleza justamente ao chegar à resposta negativa da Holanda. Embora nada de definitivo pudesse resolver pessoalmente, o missionário foi aos 18-2-1898 a Canindé estudar as condições e possibilidades do futuro campo de apostolado. Dom Joaquim advertia a Frei Davi sobre a chamada “Casa da Caridade” construída em Canindé, durante a estiagem de 1877 a 1878, com esmolas do cofre de São Francisco. ⁴ As obras de construção, desde muito interrompidas, não haviam passado das paredes em preto, sem portas nem janelas, servindo apenas de abrigo a mendigos e romeiros pobres, permitindo porém o acabamento do prédio para se destinar a convento dos Capuchinhos.⁵

De volta a Fortaleza, Frei Davi transmitiu suas impressões favoráveis ao Prelado como Superior Regular Frei Reinaldo de Paúllo⁶ residente em São Luís do Maranhão e este embarcando pouco depois para a Itália recomendou a proposta do Sr. Bispo e o parecer de Frei Davi ao Superior Geral Frei Bernardo de Andermatt, em Roma. Aceita a oferta de Dom Joaquim pelos mencionados Superiores da Ordem Capuchinha foram os missionários: Frei Reinaldo e Frei Davi incumbidos de preparar a fundação canindeense e de terminar a construção do futuro convento, até então chamado Casa de Caridade, correndo as despesas por conta do patrimônio de São Francisco. ⁷ Como o tempo fosse limitado, as obras do convento não ficaram de todo prontas até a chegada dos religiosos; pois apenas a capela, que

tomava a ala da frente à esquerda da atual portaria e quarto celas contíguas estavam em condições de ser utilizadas.⁸

Entrementes vinham da Província Capuchinha de Milão os religiosos destinados a formarem com Frei Davi de Desenzano a primeira comunidade regular de Canindé, sendo ele Frei Matias de Ponteranica, sacerdote estudante e os estudantes de teologia Frei Daniel de Samarate, Frei Cirilo de Bérnago e Frei Abel de Brignanob, cujos professores de teologia vinham a ser Frei Davi e Frei Agostinho de Carpignano. Completavam a comunidade os irmãos Frei Serafim de Pisogne e Frei João Maria de Malegno,⁹ cumprindo-se afinal o desejo dos Canindeenses apresentado em 1796 à Câmara de Fortaleza.¹⁰

¹ Nembro p. 79.

² 25 Jaar in Brazillie 1899-1924, Weert 1924 p. 19 – AMC 12 p. 2 – refere-se ao caso o arquivo provincial dos franciscanos de werl, pasta:

“Comissariado do Brasil”. Frei Hipólito Zúrrek, Comissário dos Franciscanos do Brasil escrevia a 7-11-1897, a Frei Irineu Bierbaum, Provincial de Saxônia, que o Mons. Guidi, Interrúncio do Brasil, pretendia entregar aos Franciscanos holandeses todos os conventos da antiga Província de S. Antonio do Brasil, exceto os de Salvador e São Francisco do Conde, alegando que os frades holandeses, acostumados a um clima úmido, mais facilmente se aclimatariam do que os alemães enquanto estes deveriam procurar o clima ameno do sul do País, onde encontrariam bastante trabalho. Nesse plano de Mons. Guidi estaria incluída a entrega de Canindé aos Franciscanos Holandeses; na realidade, os religiosos holandeses estabeleceram-se definitivamente, em Minas, e no Sul da Bahia.

³ ACM 12, doc. 7 A, p. 2; Membro p. 103.

⁴ LAMR fl. 34. Há quem afirme que na construção da casa da Caridade foram também aplicadas verbas públicas, obtidas pelo deputado canindeense José Cordeiro da Cruz.

⁵ LAMR fl. 3 com data de 13-9-1891 relata que por esse tempo foi retelhada a casa da caridade.

⁶ Frei Reinaldo foi massacrado pelos índios do Alto Alegre (Maranhão) aos 13-3-1901.

⁷ Registro de correspondência oficial entre a comissão administrativa do patrimônio de São Francisco e o Bispo do Ceará (MS) fl. 14v e 15.

⁸ Nembro p. 105.

⁹ Ibidem p. 97; AGMC h67 not. Hist. 3 p. 2.

¹⁰ Veja o 1º documento do Apêndice.

2. Chegam os Capuchinhos a Canindé

A primeira comunidade religiosa chegava a Canindé aos 22-9-1898. Acompanhados por numerosa comitiva de cavaleiros, que os recebera, na distante estação da estrada de ferro de Itaúna, fizeram os capuchinhos o trajeto até Canindé a cavalo, sendo festivamente aclamados pelo povo em peso à entrada da Cidade.¹¹ Como as obras do convento ainda estivessem atrasadas, alojaram-se os religiosos numa das casas dos romeiros.

Chegado ainda Dom Joaquim e o Superior Regular Frei Reinaldo, o Sr. Bispo familiarizou a população e os romeiros de Canindé com seu intento, publicando durante a novena de 2 de outubro o contrato a ser celebrado entre a Mitra e os Missionários Capuchinhos.¹² Após doze anos de ininterruptas preocupações, podia S. Excia., visivelmente aliviado, entoar o Te Deum da Festa de São Francisco, agradecendo a Deus e ao Taumaturgo de Canindé a preciosa dádiva obtida para a paróquia e os romeiros do Santo Milagroso.

Terminada a festa de São Francisco das Chagas, e assinado o contrato por S. Excia. E por Frei Reinaldo, o Sr. Bispo empossou a Frei Davi de Desenzano na qualidade de vigário de Canindé, aos 5 de outubro de 1898, ficando, pois, exonerados o venerando antecessor Pe. Manuel Cordeiro da Cruz, aos seus 80 anos de idade, e o Pe. Luís de Sousa Leitão, capelão dos romeiros.¹³

O contrato datado de 5-10-1898 contém sumariamente o seguinte: 1º O Sr. Bispo do Ceará entrega aos Capuchinhos a administração da Igreja de São Francisco de Canindé com todos os objetos do culto, esmolas, o convento e outros bens móveis e imóveis a constituírem o patrimônio de São Francisco, excluídas as reservas do banco e as fazendas, a serem administradas pelo procurador da diocese.

2º O Bispo nomeia o procurador e o secretário os quais controlarão a administração e se encarregarão de todos os atos condizentes aos bens e propriedades que os Capuchinhos não podem assumir.

3º A propriedade, compreende o Santuário e os bens, continuam a ser da diocese.

O Superior Regular dos Capuchinhos da missão maranhense se obriga a ceder 1º o pessoal apto para administrar o patrimônio, propondo ao Bispo o Superior e o Vigário a serem investidos; 2º pôr à disposição o pessoal necessário para direção e funcionamento do futuro colégio, elementar e ginásial, com externato e escola profissional; 3º ceder religiosos para as missões ambulantes da diocese, ficando, porém três sacerdotes em Canindé, como também os irmãos indispensáveis; 4º os religiosos que se ocuparem em Canindé, quer no Santuário, quer a serviço da paróquia ou afinal dentro do colégio, terão direito à alimentação, vestimenta, livros, remédios, viagens etc. recebendo ainda 4 dentre eles uma cônica.¹⁴

Vejamos agora as primeiras impressões dos frades recém-vindos da longínqua Itália a Canindé, impressões estas levadas ao papel por Frei Matias de Ponteranica a 1º de novembro de 1898. Profundamente emocionado com a calorosa recepção, os muitos vivas a São Francisco e aos Capuchinhos e as maviosas melodias da banda de música canindeense, o jovem sacerdote nos introduz no claustro do convento com as largas dimensões de 40 por 60 mts um majestoso pórtico de 40 colunas e uma área ajardinada do convento a melhor de Canindé, dado o silêncio e a calma próprios para o estudo e um possível noviciado; pois não faltarão vocações.

Escrevendo para os seus conterrâneos da Itália, estabelece Frei Matias a comparação com a diocese de Bérghamo, que vem a ser menor que a paróquia de Canindé.¹⁵

3. O Renascimento espiritual de Canindé

Não era fácil de executar o programa que Dom Joaquim José Vieira traçara aos Capuchinhos de Canindé com a assinatura do contrato; pois, a extensa paróquia de São Francisco das Chagas reclamava ao menos um sacerdote para o serviço religioso nas capelas e para as visitas aos enfermos, tomando estas não raro dois dias seguidos, visto que as longas viagens de dez a vinte léguas eram feitas a cavalo. O Santuário, por sua vez, pedia a atividade constante de um padre, quer atendendo aos romeiros no confessionário e em outras funções sagradas, quer tratando do serviço propriamente paroquial, como ensino catequético e administração dos sacramentos, quer na organização da paróquia e das associações religiosas.¹⁶

Impunha-se ademais a construção do colégio Santo Antônio, rente à Casa de São Francisco e a orientação do programa e regulamento a serem observados no mesmo educandário. Além de tantos afazeres, Frei Davi e Frei Agostinho incumbiam-se de lecionar as várias matérias de teologia aos seus confrades moços e estes, por seu turno, ajudavam a ensinar no colégio.

Para afinal cumprirem o compromisso assumido com D. Joaquim quanto às missões populares, os frades professores aproveitariam principalmente o tempo de férias, trocando a cátedra pelo púlpito e confessionário de qualquer paróquia da vasta diocese que então abrangia todo o Estado do Ceará.

O que menos se obteve foi à intenção dos Superiores Capuchinhos de proporcionar aos seus religiosos adoecidos no Maranhão e no Pará o repouso e o clima saudável de sertão como justamente acabavam de encontrar em Canindé; pois a vista de tanto trabalho, não havia possibilidade de descanso.

Frei Matias de Ponteranica nos familiares com as tristes condições em que vivia Canindé ao chegarem os Capuchinhos: A maior parte da população se confessara pela última vez, durante a missão pregada por Frei Cassiano em 1888. Campeavam jogos, libertinagem,

bailes etc., não faltando casos de concubinato notório. Longe, porém de responsabilizar ao vigário antecessor pela desconsoladora situação, escreve o Capuchinho: "Já é muita coisa batizar, assistir aos casamentos e confessar os moribundos, restando pouco tempo para instrui e confessar os fiéis".¹⁷

Ao mesmo tempo, ressalta Frei Matias a atividade apostólica do vigário Frei Davi, o qual com zelo, prudência e doçura exterminou quase por completo os vícios que se devem atribuir mais à ignorância do que à malícia do povo, enquanto a reforma dos costumes se deve à instrução religiosa através da catequese, das homilias dominicais, dos sermões quaresmais, das práticas diárias do mês mariano e afinal de todos as pregações e exortações ocasionais.¹⁸

A exemplo de São Francisco das Chagas, Frei Davi serviu-se da Ordem Terceira para santificar a família canindeense, procedendo à fundação da fraternidade, em março de 1899, com a pregação de um retiro preparatório e a vestição de 150 noviços terciários.

A pompa externa e o aparato ruidoso que, desde tempos imemoriais, haviam predominado nas festas principais do Santuário cederam de vez às solenidades imponentes do culto piedoso e enquanto possível litúrgico, impressionando profundamente aos paroquianos e romeiros. 'Pois, as festas hoje são edificantes' termina Frei Matias, "as procissões devotas, as comunhões frequentes animando os fiéis à prática da virtude".¹⁹

As afirmações de Frei Matias são corroboradas pela estatística religiosa de 1903, quanto em Canindé houve 300 pregações, 80 Extremas-Unções, 500 Batizados e 12.000 Comunhões.²⁰

Para consolidar e afervorar a vida espiritual dos paroquianos, o vigário Frei Matias (1902-1903) dedicou interesse especial às associações religiosas, reformando o apostolado da Oração já existente desde 1874, e promovendo a celebração Vicentina, instalada em Canindé, desde 1891, e fundando a das Dores²¹: a Pia União das Filhas de Maria, a Associação Católica para operários, o qual tomou ao seu encargo a manutenção de uma escola noturna.²²

Com certa satisfação e de consciência tranquila escrevia Frei Roberto M. de Castellanza, na qualidade de Superior Regular da Missão, em 25 de Agosto de 1921:

"Os missionários procuram distribuir, em larga escala, a instrução religiosa e promover a piedade, para o que organizaram escolas de Catecismos, e aproveitam-se de toda ocasião para pregar tanto na igreja paroquial, como nas primeiras quatro capelas esparsas no extenso território da paróquia. A piedade aumentou de tal maneira que as comunhões anuais, anteriormente diminutas, chegaram a perto de 50.000".²⁴

Também as romarias receberam a benéfica influência dos missionários que insistiam com os visitantes na frequência dos santos sacramentos, não se limitando a finalidade da jornada sagrada, ao "pagamento" das promessas e oferta material. Já em 1905, um cronista pôde afirmar:

"Os romeiros aprenderam, com a pregação e exortação, a procurar os santos sacramentos. Aconteceu que quando voltavam, traziam outros preparados para tal fim e geralmente hoje quase todos os peregrinos vêm já preparados para receber os sacramentos, de modo que às vezes os religiosos se veem quase impossibilitados de atender a todos".²⁵

Se, contudo os Capuchinhos não se contentavam com os sucessos obtidos, é porque a fraqueza humana e a influência do mal não recuavam ante a ação missionária, pedindo as suas vítimas entre paroquianos e romeiros. Demos a palavra ao vigário Frei Matias:

“O povo de Canindé, antes bom e querido aos missionários, agora se mostra indiferente e alheio aos sacramentos... Creio que influiu um pouco o aparecimento de um maçom que com suas belas maneiras cativou o afeto dos amigos e de muitos outros e que procura espalhar o joio de ideias anticlericais e contrárias às nossa”.²⁶

Confirmando as queixas do Confrade escreve Frei Marcelino de Milão ao Superior Geral de Roma:

“... Jovens, levados pela maçonaria, publicaram folhetinhos e jornais proclamando a insurreição, lançando investivas contra os nossos planos e dissimulando-se com toda a sorte de calúnias. Ah, Padre, nós sentimentos no intimo estas afrontas, não tanto por nós como pelo povo simples que vai prestando fé aos rapazes daquela miserável maçonaria, com tanto detrimento das almas”.²⁷

Venceu, porém a causa de São Francisco, graças à tática de Frei Matias o qual desenvolveu entre os jovens do Circulo Católico um animado movimento religioso-cultural em oposição às investidas da maçonaria.²⁸ A vitória final foi resultado da exemplar organização do ensino catequético que chegou a matricular 765 alunos distribuídos por 21 Centros da sede paroquial e do interior de Canindé.

4. Ação social dos Capuchinhos

O pontificado de Leão XIII significa para a Igreja Católica o princípio de uma nova era que dedica ao trabalhador à devida atenção; pois a encíclica “Rerum Novarum” do mesmo Papa traçou novos rumos à solução da questão social. Fiéis à doutrina social católica, os Capuchinhos aplicaram-na à situação de Canindé, tanto entre os paroquianos como entre os romeiros, sem disso fazerem alarido.

Aliás, os dois orfanatos fundados em Canindé, sob a orientação de Dom Joaquim José Vieira³⁰, formam a melhor interpretação da encíclica social de Leão XIII. Não menos importantes foram as visitas periódicas dos Capuchinhos às numerosas capelas da vasta paróquia de São Francisco, prestando eles ao povo a assistência espiritual e social num ambiente atrasado e esquecido pelos poderes públicos. De Canindé partiam os Arautos de Cristo para todos os rincões do Ceará, pregando missões populares, pacificando dos rebeldes e reconduzindo os fanáticos à ordem e à Paz.³¹

Quem olha de perto o movimento dos nossos Santuários não pode negar que a maior parte dos romeiros são pobres e muitas vezes tão pobres que precisam da caridade cristã. Por isso, a Igreja insiste que se facilite a romaria aos mais pobres não cobrando mais do que o justo preço da passagem, nem sob qualquer pretexto bem intencionado. Pelo mesmo motivo de favorecer aos pobres existem em Canindé as casas dos romeiros, há cerca de cem anos, onde os peregrinos encontram abrigo gratuito. Sob a direção dos filhos de São Francisco, tal assistência aos romeiros recebeu novos impulsos; pois, para melhor cômodo dos peregrinos, foram construídos banheiros públicos, ficando sob o vigilante controle dos Missionários e livrando os pobres da especulação de inescrupulosos exploradores.³²

Quando o terrível flagelo da seca assolava os adultos sertões, espalhando por toda a parte fome, a miséria e a morte, a última esperança constituída a Casa de São Francisco, centro de caridade a que a pobreza buscava cotidianamente o alívio para seus sofrimentos e o amparo generoso para não perecer de fome.³³

Durante as repetidas estiagens, o coração compassivo dos Capuchinhos sempre de novo se desdobra em múltiplas providências para socorrer quanto possível à pobre gente, distribuindo-lhes gêneros de primeira necessidade e oferecendo-lhes oportunidade de ganho em trabalhos de urgência como aterros, calçamentos e construções, e quando todos os recursos existentes escasseassem, imploravam a ajuda das autoridades religiosas e civis.³⁴

A imprevidência das classes mais humildes que até o presente vem causando o problema das favelas, dos mocambos e da mendicância já preocupou os Capuchinhos de Canindé, há meio século. Bem sabiam que o remédio consistia na formação educacional de previdência e economia doméstica a ser ministrada ao povo. Foi, portanto, neste sentido que os abnegados Missionários procuraram influenciar os seus paroquianos, mostrando-lhes meios de reservas e armazenamentos de gêneros necessários, no período de boas safras, para que durante as secas e crises os aproveitassem, revertendo os recursos acumulados em benefício próprio e da comuna.³⁵

Como o povo de início deixasse de corresponder aos conselhos bem intencionados, os Padres tiveram que lançar mão de outros recursos levantando eles mesmos silos e armazéns na Casa de São Francisco e comprando os produtos de campo que mais tarde na escassez dos gêneros eram revendidos a preços módicos. Assim se conseguiu uma vasta ação de assistência social.³⁶

Não contentes com os resultados alcançados, os Capuchinhos mandaram vir da Europa máquinas agrícolas e de beneficiamento dos produtos da terra. Durante a construção do novo Santuário introduziram a primeira máquina de fazer tijolos, familiarizando o povo também com a indústria das caieiras até então desconhecidas no interior e economizando enormes despesas com o transporte do material de construção que viera de longe, algumas vezes até de Fortaleza.

Como se tudo isso fosse pouco; a assistência Capuchinha abrangeu ainda um sistema de valorização da terra, empregando levantamento de dinheiro com empréstimos e até doações quando, pela penúria do concorrente, a dívida não podia ser saldada.

Temos assim a paciente e constante ação social desenvolvida pelos Capuchinhos, tanto no tempo de fartura, ensinando a previdência ao nosso trabalhador rural, quanto no período de estiagem socorrendo os operários com gêneros, trabalhos e dinheiro, sem a burocracia e protocolo estatais ou bancários que atravancam muitas vezes o desenvolvimento. É que vinha simplesmente escudada na previdente caridade cristã.

5. Os Capuchinhos retiram-se de Canindé

Entre os Superiores da Casa de São Francisco salientamos o prolongado apostolado de Frei Matias de Ponteranica, pelas extraordinárias realizações que deixou na qualidade de Superior, Vigário e Reitor do Colégio. Sem nem todos foi porque ou demoraram pouco tempo em Canindé ou lutaram com as terríveis secas. Assim Frei Davi entregou o governo do convento em março de 1900 a Frei João Pedro de Sexto S. João o qual ocupou o cargo apenas até outubro do mesmo ano igualmente o sucessor Frei Cirilo de Bérnago que passou apenas até fevereiro de 1902. A gestão de Frei Matias superou as demais se estendendo de 1902-1913; sua atividade é apreciada quando tratarmos do Colégio, do Educandário Santa Clara, da paróquia e do novo Santuário. O sucessor imediato, Frei Alfredo de Martinengo, continuou as obras de construção do novo Santuário até 1915³⁷, entretanto, em seguida, o cargo a Frei Cirilo, o qual teve que se haver com a estiagem de 1915.³⁸

Em 1918, Frei Alfredo reassumiu o cargo de supervisor deixando como obra principal à empresa de luz elétrica.³⁹ Frei Silvério de Calvaireate, sucedendo a Frei Alfredo em 1919, construiu o açude de São Paulo pela importância de 80:000\$000.⁴⁰ Encerrando a lista dos superiores de 1922 a 1923, Frei Matias constituiu a capela de São Paulo, na fazenda

Homônima, reanimou a vida das associações paroquiais e, para favorecer as romarias vindas a trem, abriu nova estrada entre Canindé e Itaúna.⁴¹

Em 1915, havia os Capuchinhos renovando o contrato com a Arquidiocese, prosseguindo o seu abençoado ministério entre paroquianos e romeiros. No interior da extensa freguesia de São Francisco das Chagas surgiram no decorrer dos anos dezessete capelas novas dando margem à criação ou desmembramento de novas paróquias.⁴²

Já não se podia imaginar a vida de Canindé sem a benéfica influência dos filhos de São Francisco, quanto, em dezembro de 1921, correu a primeira notícia de uma pretensa retirada da comunidade religiosa, alegando-se como razão principal o novo encargo confiado à missão devia assumir a administração espiritual de toda a prelazia de S. José de Grajaú.

Fazia 24 Anos que os filhos de São Francisco haviam encetado o árduo apostolado em Canindé. Tanto os missionários como os paroquianos sentiam a despedida, e estes em particular porque, após Deus e São Francisco, era aos Capuchinhos que deviam o progresso espiritual e cívico verificado desde 1898. O que tornava a separação menos dolorosa eram os recentes resultados obtidos:

“Em 1922, distribuímos cerca de 80.000 comunhões. Consolando-nos porque deixamos Canindé com o pensamento de ter, em 1922, coroado o 25º ano da existência com 80.000 comunhões, quando nos primeiros anos, como dizem os velhos, eram poucos milhares”.⁴³

No domingo dos Ramos de 1923, diante da Casa de São Francisco houve a despedida dos últimos Capuchinhos que ainda se achavam em Canindé. Frei Matias o derradeiro a deixar a Paróquia, como fora um dos primeiros que em 1898 haviam povoado a Casa de São Francisco, sentiu-se tão emocionado que não pôde falar, entregando por escrito a despedida!

“Peço desculpa ao povo se sair sem falar, porque estou muito comovido pela carinhosa demonstração que quer me fazer. Diga que abençoo a todos, em nome de Deus, e imploro sobre todos as mais copiosas bênçãos do céu. Meu maior desejo é poder ver e abraçar todos no céu. Rezarei sempre para este fim. Rezem também por mim”.⁴⁴

Os canindeenses não olvidaram as últimas palavras do seu ex-vigário Frei Matias. Logo que tiveram notícia do falecimento deste em 1946, trataram de trasladar o corpo do maior cura d'almas de Canindé para o último repouso em terras de São Francisco, onde no meio de seus antigos paroquianos, aguada o dia da ressurreição.

Quanto à gestão dos Capuchinhos em Canindé, repetimos o que Augusto Rocha afirmou, poucos meses antes de sua morte:

“Forte provincial a administração dos Missionários Capuchinhos, que podemos igualmente, com inteira justiça, considerar o período de ouro da igreja de São Francisco de Canindé”.⁴⁵

⁴¹ Tombo Canindé 3 fl. 60.

⁴² Ibidem fl. 60v.

⁴³ Tombo Canindé 3, fl. 61

⁴⁴ Rocha – Notas p. 296s; Nembro p. 99s; ACM 1, pp. 1-3.

⁴⁵ NA. FRANC. XXX p. 83s; Rocha-Notas p. 296s: existia apenas a 4ª parte do prédio atual da casa São Francisco.

⁴⁶ AN. FRANC. XXX, PP. 471S E 661.

⁴⁷ Ibidem p. 471.

⁴⁸ Ibidem p. 498.

⁴⁹ Ibidem p. 499.

- ²⁰ Nembro p. 193.
²¹ Atas da Confr. Das Dores p. 76.
²² APCL 4 p. 2; AGMS/H 67 Rel. Part. C. 68, D. 13.
²³ *Ibidem* D. 58.
²⁴ APCL 4 C. 9 p. 2.
²⁵ *Ibidem* C. 7 p. 2.
²⁶ AGMC / H 67 Rel. Part. C, D. 3.
²⁷ *Ibidem* I DD 91, i D 24 datado de 9-3-1908, Rocha_Serroni p. 11ss.
²⁸ Nembro p. 262.
²⁹ *Ibidem* p. 311 do ano de 1918.
³⁰ Cisne p. 133; AGMC H 67 (ma.) Rel. Prt. D. D. 58; APCL 4, 1 (Storia di Canindé) 1905, cap. 7 flo. 8.
³¹ APCL, 4, 1. (Canindé) cap. 8 fl. 9; AGMC H 67 (ma) Rel. Part. B. D. 25.
 São Francisco... A 4354 – 7
³² Veja as Medidas adotadas contra eventuais abusos havidos no superiorado de Frei Cirillo (Santuário-jornal 1915-1918).
³³ AGMC H 67 (ma) Frei Cirilo D. 55, F. 30.
³⁴ AGMC H 67 G, 50.
³⁵ AGMC 7 A, 5 p. 3.
³⁶ AGMD. 7 A, 9 p. 9. “Ação Social dos Capuchinhos” veio em linhas gerais elaborado do arquivo capuchinho.
³⁷ Álbum ilustrado p. 85.
³⁸ *Ibidem* p. 87ss.
³⁹ *Ibidem* p. 90
⁴⁰ *Ibidem* p. 91
⁴¹ *Ibidem* p. 92. Por ocasião da festa de S. Francisco de 1916, chegava Dom Manuel da Silva Gomes, pela primeira vez, a automóvel. Tombo Canindé 4 fl. 118.
⁴² Bérnago pp. 430-447; Tombo Canindé 4 fl. 18, 94v – 97; Álbum ilustrado pp. 109-129; APCL, 4 C. 1 (Canindé) p. 1.b
⁴³ AGMC H67 Rel. Part. G. D. 7. Carta ao Pe. Superior Geral de 30-1-1923, Nembro p. 334ss.
⁴⁴ Álbum ilustrado p. 94s.
⁴⁵ Rocha-Santuário p. 40.

X

O NOVO SANTUÁRIO – BASÍLICA

Desde que Francisco Xavier de Medeiros, em 1796, entregou as obras do Santuário, faltando apenas o soalho e a segunda torre, passam 60 anos em silêncio e sem termos notícia sobre qualquer serviço de construção ou de reforma. A partir de 1860, o Santuário merece os cuidados de artistas e cronista, recebem janelas envidraçadas, a restauração do altar-mor e novos altares laterais, arcadas do corpo da Igreja para os corredores laterais, estas pela soma fabulosa de 41:650\$8000 ¹ e um gradil de ferro para o patamar no valor de 8.367\$800. ² Por último, Frei Matias empreendeu algumas reformas modernizando o Santuário, em 1903, abrindo arcadas na capela-mor, instalada a iluminação a acetileno e decorando os altares. ³

Contudo, o templo bem cuidado não podia esconder certos defeitos da construção primitiva, nem o tamanho satisfazia ao número crescente de romeiros. Daí o arrojado plano de Frei Matias que, em 1910, deveria torna-se realidade: a reforma geral da igreja de São Francisco, segundo os projetos do arquiteto italiano Antônio Mazzini e com a devida autorização de Dom Joaquim José Vieira.

Terminada a festa de São Francisco de 1910, a igreja de Nossa Senhora das Dores foi instalada como matriz provisória, recebendo a 17 de outubro de 1910, informa Augusto Rocha ⁵ do seguinte modo:

“Foram demolidas as tortuosas paredes laterais, que tanto afetam o antigo templo, substituídas por outras e enlanguescendo-o mais, subidas as torres à altura de 28 mts igualadas estas que se ressentiam de grande defeito, sendo uma mais larga que a outra; construídos diversos altares, abertas arcadas suntuosas na nave do Santuário; levantada à cúpula ou zimbório no centro, enfim uma reforma completa ou antes uma reconstrução, aproveitando-se pouca coisa da antiga igreja”. ⁶

A nova construção apresenta, no seu conjunto, magnífico aspecto, embora manchando de alguns erros necessários e impostos pela tirania do espaço e pelo zelo

econômico de Dom Joaquim; pois os Capuchinhos pretendiam levantar um Santuário de dimensões maiores que comportasse as massas de fiéis, ao menos durante as festas comuns.

Dificuldades de toda a sorte embarçaram as obras da construção a começar pela falta de braços de que se queixa Frei Matias, em 1911, falta esta que o arquiteto Mazzini procurou compensar com o emprego de métodos técnicos e máquinas de maior eficiência; O rompimento da guerra mundial de 1914 trouxe grande carestia dificultando a aquisição do material de construção. ⁷ Não admira, pois, que D. Joaquim no seu relatório ⁸ censure a morosidade das obras de construção, uma vez que fora informado sem imparcialidade sobre as obras simultâneas do açude “Salão”, a cuja frente se achavam ao lado de Mazzini outros empreiteiros e peritos, não impedindo portanto a inspeção e direção do Santuário em construção. ⁹

Imaginemos a imensa mole de materiais transportados em dorso de jumentos de lugares que variam entre 10 e 60 km. Por isso, foi necessário construir em Canindé fornos e caieiras para preparar tijolos, telhas e cal. ¹⁰ Os trabalhos protraíram-se até cerca do fim de 1915. Em 2 de maio de 1915, quando o Ceará presenciava a mais terrível seca, foi provisoriamente bento e aberto ao público o Santuário por Frei Cirilo de Bérgamo, então vigário de Canindé. Trasladata a imagem milagrosa em procissão empolgante ao seu novo trono, Frei Marcelino, de Milão proferia um de seus sermões mais comoventes, “fazendo bela e sublime comparação entre a saudade do povo cearense para com o Santuário Franciscano e a pungente recordação dos cativos em Babilônia, lembrados do famoso templo de Jerusalém”. ¹¹

Contrastando com o humilde casario da Cidade, o Santuário, construído em forma de cruz latina, aponta com as esbeltas torres e a majestosa cúpula para o alvo da peregrinação terrestre que é a pátria celeste, ao passo que o sagrado recinto do templo com os painéis alusivos à vida evangélica de São Francisco e o harmonioso grupo do pintor Jorge Kau, inspiram aoromeiro a confiança no milagroso Padroeiro do Santuário e a saudade da comunhão dos Santos na vida eterna.

Posto que o novo Santuário de São Francisco se destine à maior glória de Deus e ao culto do Taumaturgo Seráfico, não deixa de pregar alto e bom som os merecimentos de seus construtores capuchinhos que, em pleno sertão, realizaram tão admirável obra de arte.

No decorrer dos anos, o imponente templo pedia a indispensável decoração, para a qual, em 1926, foi contratado o pintor alemão Jorge Kau, recomendado pela Sociedade de Arte Sacra e depois de consultados outros mestres italianos e espanhóis quanto ao orçamento; como estes cobrassem o triplo e aqueles o duplo da soma estipulada por Jorge Kau, deu-se preferência ao pintor alemão que orçara a obra de arte em 60:000\$000.

Não faltaram críticas através da imprensa de Fortaleza, tanto à morosidade do trabalho, como à pretensa falta de competência do Mestre. O tempo se incumbiu de justificar o processo observado por Jorge Kau na execução dos maravilhosos painéis. Para dar uma ideia do imenso trabalho, basta citar o tamanho das principais figuras como sejam os santos em redor da imagem milagrosa, de 1,75 mts cada, e dos anjos da boca da cúpula que medem 2,15 mts cada um. ¹² A decoração, que contribuiu muito para condigna celebração do Ano Franciscano de 1926, figura há um tempo como recordação mais duradoura do 7º Centenário da morte de São Francisco.

Não foi apenas o vigário de Canindé que se interessou pelo embelezamento da Basílica. Quando Frei Lucas, em 1927, viu passar as suas bodas de prata sacerdotais, os paroquianos o surpreenderam com a oferta de um vitral engastado na fachada do templo. Em 1945, o cronista de Canindé menciona a colocação de outros vitrais da autoria de Henrique Moser, destacando o harmonioso conjunto da capela do Santíssimo, criada no mesmo tempo com a construção de majestoso de mármore. Destarte os fiéis encontram dentro da Basílica um lugar reservado que convide à adoração de Jesus Sacramentado. ¹²

Durante a gestão de Frei Aurélio Baeumker, 1944-1947, inaugurou-se o novo coro da Basílica, “obra suntuosa de perfeito acabamento em cimento armado e marmorite, projetada pelo construtor Francisco Campos em cooperação com o engenheiro Frederico Draenert... Não se pode faltar com os mais francos aplausos à atual administração da Casa de São Francisco” diz “O Povo”, diário de Fortaleza.¹⁴

Sob a administração de Frei Valfredo Tepe (1952-1955), houve os seguintes serviços de melhoramento e reforma, na Basílica: na capela-mor foram abertos dois arcos para melhor arejamento e iluminação natural; a sacristia, até então acanhada, foi alargada em forma de semicírculo, oferecendo espaço para as confissões dos homens, e as paredes internas do Santuário receberam uma barra de marmorite, dispensando-se para o futuro as frequentes pinturas a óleo.¹⁵

Limitando-nos aqui a contemplar a construção e as reformas do novo Santuário, não queremos deixar de mencionar ao menos que somas vultosas foram gastas com a aquisição de paramentos preciosos, serviços de conservação etc.

Um templo que se tornara cenário de estupendos favores celestes e Santuário regional de todo o Norte e Nordeste do Brasil não podia deixar de merecer também a benevolência especial do supremo Representante de Cristo na terra. Graças ao vivo interesse de Dom Manuel da Silva Gomes, 1º Arcebispo de Fortaleza, a Santa Sé promoveu o Santuário de São Francisco das Chagas à categoria de Basílica Menor, justamente em 1925, quando completava 150 anos, desde a fundação da primitiva capela de Canindé.¹⁶

¹ LLRR 5 fl. 1v

² LAMR fl. 8v . O orçamento do gradil, feito em Canindé, se elevava a 11: 621\$500.

³ Rocha- Santuário p. 16s; Nembro p. 104.

⁴ Tombo Canindé 4, fl. 97v.

⁵ Rocha Santuário p. 20.

⁶ A Altura das torres é de 32 ms e a cúpula cerca de 40 ms. Nembro p. 104. Rocha é inexacto. Pois continuava a diferença na largura das naves laterais que os capuchinhos de certo teriam afastado se as paredes laterais tivessem sido derrubadas. De fato, Frei Silvério de Calvairate, OFMCap. Como testemunha ocular confirmou ao autor que “tortuosas paredes” não foram demolidas.

⁷ ACM 4, p. 3 (carta de Frei Matias); Rocha-Santuário p. 21; Testemunho de Frei Silvério de 8-1-1958; AGMC, H67 2 Rel. Part. E (6-2-1912) D. 14.

⁸ Vieira Cf. penúltimo documento do apêndice.

⁹ Testemunho de Frei Silvério, o qual cita como mestres pedreiros competentes Luís Rosa e Luís Fabiano.

¹⁰ ACM, 7 A 5, fl. 3. A reconstrução custou 250:000\$000 (Album fl. 87). Quanto à pretensa chuva solicitada pelo mesmo orador sacro, como recompensa do novo santuário, dizem as testemunhas oculares sobreviventes que antes da inauguração caiu uma chuva fina, não, porém depois da cerimônia. Assim declara o Sr. Macário. Retifica-se, pois, o equívoco ocorrido na primeira edição desta brochura, p. 94.

¹¹ Santuário jornal n° 6, maio de 1915; Rocha-Santuário p. 21; Tombo Canindé 4, fl. 113.

¹² RSA 1926 p. 59s; O Nordeste n° 1172 (1926).

¹³ RSA 1945 p. 49.

¹⁴ RSA 1947 p. 61.

¹⁵ RSA 1952 p. 128 e ano de 1954 p. 39.

¹⁶ Cf. os capítulos PRIVILÉGIOS... E 7º CENTENÁRIO...

XI

FRANCISCANOS EM CANINDÉ

Quando da renúncia dos Capuchinhos, Dom Manuel da Silva Gomes dirigiu-se ao provincialado franciscano de seu Estado natal baiano convidando ao Superior Provincial Frei Damião Klein para assumir em Canindé o apostolado tão próprio aos filhos de São Francisco. Ao ensejo da festa anual do Taumaturgo Seráfico de 1922, chegaram a Canindé Frei Damião e o definidor provincial Frei Matias Teves, enquanto um terceiro membro da província franciscana de Santo Antonio, Frei Casimiro Brochtrup¹ viera acompanhar a Dom Manuel na visita pastoral de Canindé, Paramoti e Caridade.²

1. Aceitação dos Franciscanos

Embora a província franciscana de S. Antonio, sucessora da primitiva custódia homônima de 1585 e quase extinta no século XIX, contasse apenas 21 anos de restauração e menos de 80 sacerdotes para 12 conventos espalhados entre a Bahia e a Paraíba e outros três conventos com a missão dos Índios Mundurucus na Prelazia de Santarém ³, os três representantes do provincialado não puderam negar a Dom Manuel o justo pedido, feito em nome de São Francisco. Desta vez, o Superior Geral de Roma Frei Bernardino Klumper deferiu o requerimento dos franciscanos alemães do Brasil, enquanto idêntico pedido feito em 1897 encontrara obstáculos na cúria generalícia. ⁴

Iria, pois, realizar-se em 1923, pela Segunda vez a aspiração dos canindeenses, formuladas em 1796, de terem os franciscanos como guardiães do Santuário, desde que os filhos da mesma província de S. Antonio, de 1758 em diante, haviam desobrigado o povo canindeense, por ensejo de seus petítórios.

As relações entre os Capuchinhos lombardos, ex-guardiães do Santuário e os Franciscanos, durante toda a gestão destes, têm sido as mais cordiais possíveis, tendo os Franciscanos gozado da hospitalidade de seus irmãos barbadinhos em Fortaleza até a fundação do convento de Nossa Senhora das Dores em 1930, toda vez que visitavam a capital cearense; como também os Capuchinhos têm recebido a precedência na pregação de missões tanto no Santuário como no interior da paróquia de Canindé, para assim continuarem de algum modo o seu abençoado ministério entre os ex-paroquianos.

Como os paroquianos e os romeiros estivessem muito familiarizados com o hábito de São Francisco, a escolha dos franciscanos feita por Dom Manuel foi bem acertada, tratando-se da mesma Ordem Seráfica, da qual os Capuchinhos formam um ramo mais novo surgido há 4 séculos, ao passo que o Patriarca de Assis fundou a sua Ordem Franciscana ou dos Frades Menores há 750 anos.

Entretanto os novos guardiães do Santuário nunca haviam lidado no sertão, desconhecendo, pois os problemas e as dificuldades decorrentes das secas inevitáveis. As mesmas crises porque haviam passado os Capuchinhos durante anos a fio, repetiam-se durante a gestão franciscana. Igualmente, o número dos sacerdotes de início não superava quatro, enquanto a paróquia era mais extensa do que hoje e a única montaria o cavalo ou o burro, atualmente substituído pelo jipe. Os seis padres da comunidade franciscana canindeense do incipiente ano de 1972 que parecem fora de proporção a uma freguesia cujos limites diminuíram com vários desmembramentos, são na realidade poucos à vista dos romeiros ao menos três vezes mais numerosos do que em 1923. ⁵

2. O Apostolado franciscano

Andou bem avisada a Província franciscana mandando a Frei Lucas Vonnegut como primeiro representante definitivo para desempenhar os cargos de Superior da Casa São Francisco e Vigário de Canindé; pois, tendo exercido o paróquiato, durante vinte anos, em Pernambuco, Sergipe e na Bahia, este religioso de gênio alegre conquistou em breve a confiança e simpatia dos paroquianos canindeenses. Introduzido, durante semanas, por Frei Matias de Ponteranica, o novo vigário Frei Lucas tomou posse da paróquia aos 26-3-1923. ⁶

Chegaram em abril os primeiros cooperadores franciscanos Frei Estevão Roettger, Frei Paulo Kleinken e Frei Maurício Mellage, este substituído em novembro de 1923 por Frei Nicácio Kipshagen, completando a comunidade, em princípios de 1924, Frei Policarpo Cornelius e Frei Paulino Ramalho. ⁷

O primeiro cuidado dos Filhos de São Francisco foi dispensado às associações religiosas tanto da sede como das capelas, resultando daí a colaboração dos melhores elementos no apostolado leigo, particularmente na catequese, que desde alguns anos também conta com a

benéfica ajuda de uma Irmã Missionária da Imaculada Conceição, segundo consta do novo contrato, celebrado entre a Cúria de Fortaleza e a Congregação das Religiosas.

Em 1924, o então Superior Provincial Frei Eduardo Herberhold fundou, a convite de Frei Policarpo, a Sociedade aloisiana para meninos, preparando o terreno para em 1933 surgir a mais nova das associações canindeenses, a Congregação Mariana masculina a qual hoje conta 220 filhos de Maria, mantendo uma escola noturna gratuita e uma sociedade beneficente mariana, criada sob a direção de Frei Valfredo Tepe.⁸

A Sociedade Vicentina tomou um incremento descomum sob a orientação de Frei Lucas e do Presidente Sr. Raimundo Rodrigues Alcoforado, fundando novas conferências em várias capelas da paróquia e levantando uma sede própria em Canindé. O refiro espiritual faz parte do programa anual dos bons Vicentinos, cujo número no tempo de maior florescimento se elevou a 900.⁹

De raro sucesso foi o Ano Franciscano, celebrado em comemoração ao 7º Centenário da morte de São Francisco. O acúmulo de trabalhos que a preparação e organização custaram, teve a sua abundante recompensa pelos resultados espirituais obtidos entre paroquianos e romeiros.

O que, porém tem garantido o progresso religioso da paróquia e das romarias é a cura d'almas regular, perseverante e sistemática. Quantos esforços físicos se requerem da parte dos Franciscanos para o fiel desempenho do paroquiato: só as viagens a cavalo em 1924 somavam 8.400 km e, em 1925, 9.000 km.¹⁰ Tais viagens se fazem periodicamente às 30 capelas da paróquia e aos enfermos, todas às vezes, que solicitam os socorros espirituais. Desde que o motociclo, em 1935, e mais tarde o jipe substituíram o cavalo, os Padres Cooperadores de Canindé podem servir melhor aos 50.000 paroquianos e ajudar ainda na Basílica. Sem o emprego dos meios de comunicação modernos, os curas d'almas não poderiam atender a todas as necessidades espirituais de sua grei. Pois o movimento atual da paróquia e da Basílica chegou ao dobro de 1923, beirando as comunhões anuais as 200.000.

Durante a novena e a festa de São Francisco de 1936, contavam-se 6.000 comunhões, enquanto hoje passa de 70.000, cabendo aos homens quase a metade.¹¹ Esses Algarismos não salientam apenas os esforços dos Franciscanos, mas igualmente a boa vontade dos paroquianos e dos romeiros.

O rápido incremento das romarias exige dos Franciscanos de Canindé a atualização da assistência religiosa que de fato se conseguiu com a missão permanente introduzida em 1927, com o grande número de confessores contratados por ensejo da festa de São Francisco e com a organização minuciosa do culto religioso nos dias de grande concurso peregrino.

Ao lado de seu sagrado ministério os sacerdotes de Canindé se veem obrigados a preservar as festas religiosas, reprimindo escândalos públicos como p. ex., a jogatina que sempre de novo tenta profanar as piedosas tradições da nossa gente.¹²

A paróquia de São Francisco perdeu, no decorrer dos anos, várias capelas e boa parte de sua primitiva extensão, com a criação de novas freguesias como em 1947, ao ser fundada a de Madalena¹³, e com os novos limites de Canindé com os do Choró e de Aratuba em 1955, passando a capela de Ipueiras dos Targinos para esta.¹⁴ Todavia o número das capelas continua o mesmo, a saber: trinta, visto que, nos últimos anos, se têm construído algumas novas, sendo as mais recentes e espaçosas as do Morro Branco e de Paramoti, levantadas por Frei Diogo.

As visitas pastorais e as missões, efetuadas periodicamente têm contribuído para renovar o espírito de fé entre os paroquianos, enquanto a desobriga anual conta geralmente com um confessor extraordinário para ajudar nas capelas do interior.

Reconhecendo o zelo apostólico dos Franciscanos, Dom Manuel da Silva Gomes confiou-lhes, em 1928, a paróquia de Canindé para sempre ou, conforme reza o cânon, "adnutum Sanctae Sedis".¹⁵

Os paroquianos de Canindé, por sua vez, têm dado mostras de sincera gratidão para com seus guias espirituais, declarando-se solidários ao Vigário Frei Lucas e aos Padres Cooperadores, quando em 1928 um jornaleco de Fortaleza espalhou calúnias contra os religiosos¹⁶; foi em homenagem póstuma a Frei Aurélio Baeumker que o governo municipal de Canindé impôs o nome do falecido guardião à Praça do Convento; e quando dos festejos do tricentenário da Província de S. Antonio em 1957, a Câmara Municipal de Canindé, atendendo unânime ao apelo do Vereador Francisco Magalhães Karam mandou um voto de louvor ao Provincialado Franciscano do Recife, pelo meritório apostolado dos Frades Menores em Canindé.¹⁷

3. Os Guardiões franciscanos e suas realizações

Um dos primeiros trabalhos de maior envergadura que os Franciscanos, durante a gestão de Frei Lucas, empreenderam foi a construção de um convento para as Missionárias da Imaculada Conceição, chegando o mesmo a ser habitado pelas Irmãs em agosto de 1927.¹⁸ Como o orfanato Sta. Clara consistisse de um conjunto de várias casas adquiridas aos poucos e entre si ligadas, nele houve apenas os reparos indispensáveis, como o nivelamento dos soalhos.¹⁹

O abastecimento de água, as oficinas e a usina elétrica mereceram em 1924 as atenções do ecônomo Frei Nicácio, até que resolveu tudo a contento das duas comunidades religiosas.²⁰

Em 1927, Frei Odilon Gelhaus assumindo o cargo de ecônomo, salvou o patrimônio de São Francisco da situação crítica e construiu novas capelas para a Santa Clara e a fazenda S. Paulo²¹, enquanto na basílica rebaixou o piso da capela-mor para destacar mais o altar-mor.²²

O segundo guardião Frei Adalberto Kirschbaum, eleito aos 25-4-1929, demorou pouco tempo em Canindé, renunciando, em janeiro de 1930, e entregando o cargo a Frei Capistrano Niggemeyer, o qual mudou a tipografia para outra ala, reformou a cisterna e criou mais um salão de estudo no colégio S. Antonio.²³

Em 1932, tomou posse como guardião e vigário da paróquia Frei Bonifácio Mueller, renunciando, porém após um ano, devido à tremenda estiagem que dificultou a manutenção dos colégios e das fazendas de gado e encheu Canindé de vítimas da seca. O novo guardião Frei Francisco Ewers limitou a sua atividade a alguns melhoramentos na portaria do convento e no S. Antonio. Em 1934 instalou-se o noviciado para Irmãos da Ordem na Casa São Francisco.²⁴

Empossou-se, em 8-2-1935, o novo guardião e vigário Frei Pacífico Wiesmann, a quem sucedeu em 1937 como guardião e ecônomo Frei Menandro Rutten, tendo melhorado bastante a produtividade da fazenda São Paulo, durante os três anos e meio de sua gestão; modernizou ainda a praça da basílica, com algum auxílio da municipalidade²⁵ e adquiriu para a usina elétrica um gerador novo garantindo luz boa a todos os fregueses de Canindé.²⁶

Frei Amadeu Laumann, empossado como guardião e ecônomo em janeiro de 1941, realizou vários melhoramentos no Educandário Santa Clara e na Casa São Francisco.²⁷

Frei Aurélio Baeumker, eleito guardião em outubro de 1944, construiu o coro da basílica e deixou muita benfeitoria na Casa São Francisco²⁸, principiando em 1946 as obras do novo Educandário Santa Clara. Após a morte repentina de Frei Aurélio em 1947, entrou como guardião Frei Agostinho Tepe; continuando a construção do Santa Clara, cuidou também da Casa São Francisco e da fazenda São Paulo.²⁹

Frei Walfredo Tepe, irmão mais moço do antecessor, foi eleito guardião em janeiro de 1952, terminando a instalação do Santa Clara, fazendo os melhoramentos da basílica,

descritas no capítulo “Patrimônio”, levantando um posto médico e o abrigo dos romeiros e deixando ainda principiada a construção da nova casa dos milagres.³⁰

Frei Diogo Hauptmann, empossado como guardião e ecônomo em janeiro de 1955, dedicou suas atenções à construção da casa dos milagres, à nova usina elétrica e à melhor exploração das fazendas, segundo relata minuciosamente o capítulo “Patrimônio”³¹, cabendo a Frei Wenceslau Wallerus, eleito em janeiro de 1961, a instalação do juvenato para Irmãos Franciscanos e a construção das novas oficinas e do prédio novo da clausura conventual inaugurado em setembro de 1963, em substituição à parte mais antiga da Casa de São Francisco, levantada em 1877 e geralmente chamada “Casa da Caridade”.

De 1964 a 1970, encontrava-se à frente da Comunidade Franciscana Frei Antonio Kraienhorst; de 1970 a 1973 Frei Adimar Colaço, e a partir de 1973 Frei Antonio Dantas.

Se deixarmos de referir os trabalhos dos outros Franciscanos, quer sacerdotes, quer irmãos, é porque a crônica os conserva no anônimo como geralmente acontece entre os Frades Menores acostumados a escreverem a sua história na areia. Reconhecemos, porém que sem a cooperação de toda a comunidade religiosa, não teríamos o harmonioso desenrolar da complicada administração da Casa São Francisco e da Paróquia de Canindé, onde cada qual desempenha um serviço indispensável e embora subtraído aos olhos do mundo tanto mais merecedor de figuras no livro da vida eterna.

¹ A biografia de Frei Casimiro apareceu sob o título “Entre os Mocambos do Recife” da autoria de Frei Matias Teves, Salvador, 1948.

² Tombo Canindé, 4 fl. 174 e verso.

³ O apostolado desenvolvido pelos Franciscanos entre os Mundurucus na prelazia de Santarém é descrito no livro de Artur Burcks “Sinos à margem do Cururu” / Edit. Vozes / Petrópolis.

⁴ O Definitório provincial, reunido em Dezembro de 1922, aceitou oficialmente a oferta de D. Manuel, nomeando Frei Lucas primeiro superior da Casa S. Francisco (RSA 1923, I pp. 14-18). O contrato definitivo foi assinado por ambas as partes em 1926, tendo sofrido várias modificações, no correr dos anos. Assim deixaram de serem reunidos numa só pessoa os cargos de Superior e Vigário da paróquia, a partir de 1937; o ensino profissional foi extinto em 1935; o Educandário Santa Clara, pelo contrato celebrado em 1959 entre a Cúria e as Irmãs, recebeu a sua administração própria (APR maço de Canindé).

⁵ RSA 1941 p. 227.

⁶ Tombo Canindé 5, fl. 5.

⁷ Álbum Ilustrado p. 98s.

⁸ *Ibidem* p. 104ss; Tombo Canindé 5, fl. 7v; Atas da Congregação Mariana de Canindé fl. 1s com data de 15-8-1933; Atas da Sociedade Beneficente Mariana de Canindé fl. 1s de 9-5-1954.

⁹ Soc. Vic. pp. 1-6.

¹⁰ RSA 1925 p. 72 e ano de 1927 p. 43.

¹¹ Crônica OFM. fls. 17 e 124v.

¹² RSA ano de 1959 p. 55.

¹³ Tombo Canindé 5 fl. 128.

¹⁴ Tombo Canindé 6, fl. 59; APR maço de Canindé, carta de 18-4-1955.

¹⁵ Gilles in RSA 1940-1941 p. 111s. O documento da entrega da paróquia data de 6-2-1928. – APR maço 40 “paroeciae apostolicae”.

¹⁶ Crônica OFM fl. 1.

¹⁷ APR maço “Tricentenário”.

¹⁸ RSA ano de 1927 p. 102.

¹⁹ RSA ano de 1932, p. 52s.

²⁰ APR maço de Canindé, relatório de Frei Nicácio.

²¹ Crônica OFM fl. 2v.

²² RSA ano de 1929 p. 113.

²³ Crônica OFM fl. 3v, 4 e 6.

²⁴ *Ibidem* fls. 8-11.

²⁵ RSA ano de 1937, p. 130.

²⁶ RSA ano de 1939, p. 48.

²⁷ Crônica OFM fl. 39.

²⁸ *Ibidem* fl. 50.

²⁹ *Ibidem* fl. 78.

³⁰ *Ibidem* fl. 86v, 94, 96v, 97v, 102 e 104. Sagrado bispo, em 1967, D. Walfredo rege a diocese de Ilhéus-BA, desde 1970.

³¹ *Ibidem* fl. 111v, 112v, 118v, 126v.

XII

O PATRIMÔNIO DE SÃO FRANCISCO E SUA ADMINISTRAÇÃO

1º O Patrimônio

Terminada, em 1796, a construção do Santuário de Canindé, o patrimônio do Padroeiro aumentou a tal ponto que o Pe. João José Vieira, nomeado capelão de São Francisco em 1798, pouco tempo depois chegou a exercer também as funções de administrador dos bens da igreja.¹

A primeira doação historicamente provada remonta a 1787 quando o capitão Antonio Alves Bezerra ofereceu a São Francisco das Chagas a fazenda Santa Rosa que abrangia meia légua de terra.² Em 1801, o Pe. Vieira recebeu em Baturité a escritura de doação do sítio Araticum como oferta de Francisco do Rego Barros. Este sítio foi mais tarde permutado pelo de Bastiões, sito na Serra de Baturité.³

Quanto à doação da fazenda Salgado, ignora-se a época exata por não ter sido encontrada a respectiva escritura.⁴ Há quem considere esta doação anterior à de Sta. Rosa, dado “o testemunho do procurador Manuel Luís de Magalhães que, em 1867, requerendo, no juízo competente, as demarcações das terras do Salgado, declarou que São Francisco as possuía mansa e pacificamente, cerca de cem anos”.⁵

O fato de ter-se realizado a demarcação, sem a menor reclamação, parece demonstrar a veracidade da asserção do procurador, aliás, cidadão respeitável e honesto, embora tal afirmação entre em colisão com o episódio tradicional dos três proprietários que, por volta de 1775, teriam negado o chão para a construção da Igreja de São Francisco. Pois Salgado fora desmembrado de Renguengue, razão por que os antigos localizavam o Santuário tanto numa como noutra fazenda. Os que tentam conciliar a afirmação de Manuel Luís de Magalhães com a doação do terceiro proprietário sobrevivente de Renguengue alegam que o cômputo de cem anos permite uma diferença para menos, podendo a doação datar de mais ou menos 1775 e ter ocasionado o desmembramento de uma légua de terras da fazenda primitiva de Renguengue dando origem ao Salgado, em cujos limites ficam a Igreja e a Cidade de Canindé.⁶

Dentro da Cidade de Canindé, o patrimônio abrange as igrejas, os conventos com os respectivos educandários e oficinas, a Casa dos Milagres, com as dependências adjacentes, o abrigo e as demais casas dos romeiros, a Casa Paroquial etc.⁷

O que, porém representa valor mais avultado são as esmolas em tempos normais oferecidas pelos romeiros que vêm a Canindé “satisfazer os seus compromissos religiosos, trazendo ex-votos, ofertas pecuniárias e objetos de valor”.⁸ Graças a esses donativos é que têm sido empreendidas obras importantes por conta do patrimônio de São Francisco.

6. Administração do Patrimônio

A administração dos bens de São Francisco, durante o primeiro século do Santuário, estava sob a vigilância do governo civil, cabendo a gerência até 1812, ano de sua morte, ao Pe. João José Vieira. Em 1804, prestando contas ao ouvidor geral de Fortaleza, o Padre acusou um saldo de 998\$595 do exercício de 1802 a 1803, enquanto nas fazendas do padroeiro se presumiam 180 reses além de 4 cavalos.⁹ Falecendo em 1812, o Pe. João José Vieira deixou um déficit de 776\$050, “pelo que foram sequestrados os seus bens, salvaguardando-se assim os direitos de São Francisco”.¹⁰

Seguiram na administração do Patrimônio os seculares José Mendes da Cruz Guimarães, de 1812 a 1818; Joaquim Marques Viana, de 1819 a 1827, sendo a escrita desse período tão irregular que não se sabe se houve outros administradores até 1827; Manuel Barbosa Cordeiro, de 1827 a 1854, terminando com desfalque; Manuel Luís de Magalhães, de 1854 a 1868, alcançado em 1859, mas depois bem sucedido na gerência, pois, em 1861, apresentava um saldo de 2:328\$059 encerrando a sua administração em 1868 com o saldo de

15:712\$205 e deixando o Santuário com novos altares laterais e o relógio da torre, já encomendado ¹¹, cujas despesas cobriu com o major José Barbosa Cordeiro; Jerônimo José de Almeida Jr., de 1868 a 1871, terminando com o desfalque de 4:000\$000 e entregando o cargo à Confraria de São Francisco, de então avante incumbida da administração, a qual confiou o cargo de procurador ao capitão Manuel Luís de Magalhães conservando-o até 1887 e recebendo dele o saldo final de 18:647\$824. Revezaram-se em seguida José Jacinto Mendes Machado, Tenente Coronel João Pinto Damasceno e Coronel Antonio Martins Jr., até que em 1888, o capitão Clementino Finéas Jucá assumiu a procuradoria e a administração dos serviços de restauração da matriz, seguindo-se a inauguração do Santuário reformado, em setembro de 1890. ¹²

Com a separação do Estado da Igreja, consequência remota da queda do império brasileiro, a prestação de contas do patrimônio ficou unicamente obrigatória para com a autoridade diocesana, a qual também chamou a si a orientação e vigilância sobre a irmandade de São Francisco, reformando o compromisso de 1870 e aprovando-o por portaria de 19-12-1892.

Enquanto o governo civil fiscalizava a administração da Confraria de São Francisco, aplicava-se muito dinheiro do patrimônio nas seguintes construções: Igreja de Nossa Senhora das Dores, Casa da Caridade, Casa dos Milagres, reforma do Santuário e até obras que competiam à municipalidade como um açude, estradas etc. razão porque Dom Joaquim reclamava a aplicação das esmoladas às finalidades próprias.

Na qualidade de supremo Pastor espiritual do Ceará e ainda autorizado por escrito da Santa Sé de 4-4-1892, o mesmo Bispo destinou algumas importâncias ao Seminário diocesano de Fortaleza. ¹³

De 1891 avante, exerceram o cargo de tesoureiro José Rabelo Cordeiro da Cruz, até 1893; João Pinto Damasceno, de 1893 a 1894; José Rabelo Cordeiro da Cruz de 1894 a 1895 e Francisco Liberato Bezerra Borges, de 1895 a 1896, quando D. Joaquim José Vieira nomeou uma comissão para administrar o patrimônio de São Francisco, a qual era composta do vigário Pe. Manuel Cordeiro da Cruz, Pe. Luís de Sousa Leitão e o capitão Clementino Finéas Jucá. Já em 1898, essa comissão foi revezada tendo à frente o 1º capuchinho de Canindé, Frei Davi de Desenzano.

Sobre o movimento financeiro da administração capuchinha informa o quadro abaixo. ¹⁴

Anos	Receitas	Despesas	Saldos	Déficit
1898	12:268\$240	17:474\$160		5:205\$220
1899	91:052\$935	50:900\$450	40:152\$485	
1900	51:483\$508	113:652\$270		62:178\$289
1901	52:290\$508	37:257\$074	15:033\$434	
1902	61:497\$000	28:423\$180	33:073\$820	
1903	53:110\$900	47:212\$100	5:898\$800	
1904	59:282\$200	55:738\$400	3:543\$800	
1905	66:493\$900	51:300\$900	15:193\$000	
1906	98:029\$100	82:971\$800	15:057\$300	
1907	100:445\$300	100:848\$300		403\$000
1908	71:036\$800	70:362\$500	674\$300	
1909	93:641\$700	84:628\$600	9:013\$100	
1910	194:900\$800	190:219\$700	4:681\$100	
	1.005:533\$364	930:989\$434	142:321\$139	67:786\$509

Entre as despesas extraordinárias, figuram a reforma completa da Casa de São Francisco, a construção e instalação do Colégio S. Antonio, a reforma (1903) e reconstrução do Santuário, de 1910 em diante, a permuta do sítio Araticum pelo dos Bastiões gastando o patrimônio ainda 23:000\$000, a instalação das oficinas da Casa de São Francisco e da luz elétrica pública em Canindé. Também as despesas correntes com a manutenção da Casa de São Francisco, do Colégio S. Antonio e do orfanato Santa Clara se elevavam a somas vultosas.¹⁵

De 1911 até 1923, constam apenas os rendimentos anuais do cofre, sem sabermos das respectivas despesas, oscilando as receitas entre 9:084\$480, no ano da estiagem de 1915, e 170:985\$600 no ano de 1922, excepcionalmente bom, enquanto a média anual dos rendimentos orçava em 95:000\$000.¹⁶

A irregularidade das receitas, resultante das secas, é que torna a administração, por si já muito complicada, mais difícil.

Os Franciscanos, durante os 50 anos de sua administração, têm lutado com as mesmas dificuldades que os confrades barbadinhos, destacando entre as obras empreendidas nesse tempo a construção do novo prédio do Educandário Santa Clara¹⁷, do Abrigo dos Romeiros com capacidade de receber mais de 400 romeiros e inaugurado durante a gestão de Frei Valfredo Tepe¹⁸ e da Casa dos Milagres, principiada por Frei Valfredo e terminada sob a administração de Frei Diogo Hauptmann, contando o prédio, o salão dos ex-votos, a capela do painel, vários compartimentos para a secretaria da paróquia, serviço de alto-falantes etc. e por baixo o bebedouro para os romeiros.¹⁹ O mesmo Guardiã Frei Diogo dedicou-se muito à exploração racional das fazendas do patrimônio empregando tratores, arados e o serviço de irrigação, por meio de cacimbões; completando ainda a obra de seu antecessor Frei Valfredo, no Abrigo dos Romeiros, Frei Diogo instalou nesse outras 20 cozinhas, 10 banheiros, 10 sanitários e uma grande caixa d'água.²⁰

Frei Wenceslau Wallerus principiou, em 1962, a construção de novas oficinas e no lugar das antigas a instalação de um juvenato franciscano para formação de Irmãos da Ordem Seráfica. Mas todas essas obras foram realizadas com a bênção e aprovação do Exmo. Sr. Arcebispo, Dom Antonio de Almeida Lustosa e com a generosa ajuda dos romeiros, convencidos da escrupulosa aplicação de suas esmolas pelos religiosos administradores. Com o intuito de isentar os religiosos da administração do patrimônio de São Francisco, Frei Wenceslau efetuou em 1969 o levantamento dos bens do mesmo patrimônio.²¹

Em outubro de 1970, o Sr. Arcebispo D. José Delgado nomeou o primeiro administrador secular na pessoa do Sr. Juarez Coutinho. Este até o presente cumpre as obrigações a contento de todos, estudando também as possibilidades de um centro de treinamento agro-pecuário para filhos de lavradores.²²

¹ APEC – OTDP fl. 86s.

² APSF col. Testamentos n° 1.

³ Leitão pp. 48-53. Araticum ou Lameirão.

⁴ Rocha-Santuário p. 26; Leitão p. 47.

⁵ Leitão p. 48.

⁶ Leitão p. 47s. Frisamos aqui de novo que a tradição dos três proprietários de Renguengue carece de qualquer fundamento histórico, sendo a lenda favorecida pelo desaparecimento da primitiva escritura do Salgado.

⁷ Leitão p. 53. Rocha-Santuário p. 27.

⁸ Vieira Cf. penúltimo documento do apêndice.

⁹ Leitão p. 53s. Não constam administradores anteriores ao Pe. João José Vieira.

¹⁰ Rocha-Santuário p. 29.

¹¹ Barbosa Cordeiro fl. 25v; Rocha-Santuário p. 32. Consta um conserto do relógio em 1894 segundo LLRP fl. 64.

¹² Rocha-Santuário pp. 30-34; Studart 1° Centenário pp. 101-104.

¹³ Vieira Cf. penúltimo documento do apêndice.

¹⁴ Rocha-Santuário p. 36. A gestão de Frei Davi principiou, em julho de 1898.

¹⁵ *Ibidem* p. 37.

¹⁶ *Ibidem* p. 41. Por volta de 1919 Frei Silvério de Calvairate construiu o açude de São Paulo, cobrindo metade das despesas do cofre de São Francisco e metade dos cofres públicos (comunicação de Frei Silvério ao autor).

¹⁷ Cf. o capítulo “O Educandário Santa Clara”.

¹⁸ RSA ano de 1954 p. 39.

¹⁹ RSA ano de 1956 p. 178 e ano de 1958 p. 65.

²⁰ RSA ano de 1958 p. 65.

²¹ Suplemento da Crônica franciscana de Canindé fl. 1-34. (ms).

²² Livro dos Capítulos conventuais de Canindé fl. 6r & v. (ms).

XIII

O COLÉGIO SANTO ANTONIO ¹

Oficialmente fundado por Dom Joaquim José Vieira aos 4 de outubro de 1898, o Colégio Sto. Antonio começou a funcionar em princípios de 1899. Segundo os estatutos publicados em 1900, o fim do estabelecimento visava à educação de meninos pobres e ao cultivo de vocações para a vida eclesiástica ou religiosa ², dividindo-se o ensino em dois cursos denominados “Colégio Apostólico” - o primário, e “Seminário Menor” - o secundário. ³

Absolvido o curso primário e dando o aluno sinais de vocação sacerdotal ou religiosa, passava para o Seminário Menor; no caso contrário, era entregue ao seu responsável ou ao juiz de órfãos.

Rezava o artigo 10 dos estatutos: “No seminário Menor, a educação será apropriada à carreira clerical e dada no espaço de quatro anos, e os alunos vestirão batina”. ⁴ Os seminaristas aprovados nos exames finais do 4º ano ingressavam no Seminário Maior de Fortaleza, cursando filosofia e teologia à custa do Santuário de São Francisco ou tomavam o hábito da Ordem Capuchinha. ⁵

Os alunos pensionistas, aceitos no Colégio Apostólico, pagavam a mensalidade de 40\$000, submetendo-se ao mesmo regulamento dos demais alunos.

O colégio previa também um externato para estudantes de humanidades, pagando estes a mensalidade de 5\$000 por aula que frequentassem, salvo se sua pobreza fosse reconhecida para receber grátis a instrução.

O ano letivo começava a 7 de janeiro, terminando aos 31 de outubro. ⁶

1- Gestão capuchinha

O primeiro diretor do Colégio S. Antonio foi Frei Agostinho de Carpignano, tendo como auxiliares os confrades professores e alguns mestres seculares. Em 1899, a matrícula subiu a 50 alunos, sendo, porém 60% externos. ⁷ Mal haviam passado dois anos completos de ensino primário, quando sobreveio a tremenda seca de 1901, obrigando os Capuchinhos a transferir o colégio provisoriamente para o sítio Bastiões na Serra de Baturité. Contava o internato 43 alunos. ⁸

Afinal em 1902, normalizada a situação, principiou o curso ginásial, atraindo também de 1903 em diante alunos pensionistas.

Em sua carta pastoral de 1905, D. Joaquim menciona o colégio e o abnegado trabalho dos diretores:

“... temos, na freguesia de Canindé, outro estabelecimento, compreendendo um externato e um internato, onde se ensinam primeiras letras e alguns preparatórios do curso secundário, dando-se aos alunos pobres roupa, alimento, ensino, e todo o respeitante ao caridoso fim.

Foi esta instituição fundada em 1898 e entregue à direção e cuidado dos Revmos. Capuchinhos, que não se poupam para bem desempenhar tão árdua tarefa.

Mantém-se esta casa com os rendimentos do cofre de São Francisco. Sustentou destarte o ano de 1904, 46 meninos pobres fornecendo-lhes tudo gratuitamente; e desde a fundação até o presente, tem dado abrigo a 98 internos nas mesmas condições e ministrado ensino gratuito a 90 externos, sem contar alguns que pagaram módicas mensalidades. Com bons fundamentos, esperamos ampliar esses benefícios”.⁹

Em 1907, o número dos pensionistas elevava-se a 51, o dos órfãos internos a 97 e o dos externos a 28. Mas esse rápido aumento não teria sido possível, se Frei Matias entrementes não houvesse construído a ala do colégio. Pois, cumulando desde 1903 os cargos de Superior, Vigário e Diretor do colégio, o frade dinâmico aproveitou quase todo o ano de 1905 para ampliar o prédio da Casa São Francisco, reservando para os alunos um quadrilátero do mesmo tamanho da residência conventual, ou seja, de 66 x 45 m. Quase todo o dinheiro gasto nas obras da construção revertera em benefício das vítimas da seca, que aqui encontravam trabalho e pão.¹⁰

Foi Frei Marcelino de Milão que nesse tempo emprestou ao colégio uma fama extraordinária. “Latinista da velha têmpera, físico e naturalista apaixonado, que sabe honrar a cadeira que ocupa”, escreve o Pe. José de Arimateia Cysne, caracterizando Frei Marcelino e referindo-se ao artesanato, anexado ao colégio, continua:

“O Exmo. Sr. Bispo, alma-gênio inspiradora da diretoria daquela casa, teve o alvitre felicíssimo de mandar abrir oficinas dos misteres de primeira necessidade, para nelas se exercitem os alunos, consoante a vocação e gosto de cada um.

Oferecendo aos artistazinhos os seus martelos, as suas tenazes, as suas serras e tesouras, ali se acham as tendas de ferreiro, de alfaiate, de marceneiro, de sapateiro etc. trabalhos que protegem a vida de um homem, ministrando meio honesto, honrado e relativamente fácil de manter-se uma família com conforto e decência.

Arrancados talvez à malandrice e à vadiagem lá se vê nas novas construções da Casa uma turma de pedreirinhos a manusear a colher e a trolha com desenvoltura e garbo e justificada vaidade. É um benefício imenso, imenso”!.¹¹

Aos 3-2-1909, escrevia Frei Matias ao Superior Geral haver 80 meninos que recebiam não só o ensino elementar dividido em cinco séries, como também o de artes e ofícios, tudo isso em começo promissor não contando um ano de vida; pois, em 1908, se realizara a construção das oficinas, quadruplicando o tamanho primitivo da Casa de Caridade.¹²

Entretanto, nem todos os planos educacionais vingaram em Canindé. O Seminário Menor teve que fechar as suas portas, porque a maior parte dos alunos se contentava com o curso elementar para ganhar o pão e ajudar a família. Hoje que em todo o Brasil apenas 8% dos alunos do curso primário terminam os estudos elementares, compreendemos a medida

adotada em Canindé há 60 anos. Igualmente, as estiagens tornavam difícil a manutenção do colégio, sem destacarmos a falta de professores para os vários cursos. No seu relatório de 1913, Dom Joaquim menciona os primeiros insucessos: “Finalmente foi suprimido o curso de estudos secundários, ficando só as aulas de primeiras letras e de artes e ofícios, sendo que estas pouco têm aproveitado, porque os Revdos. Capuchinhos não têm pessoal habilitado para este fim”.¹³

Entre 1900 e 1918, o colégio S. Antonio acusava uma média anual de 80 alunos, ao passo que o Orfanato Santa Clara não passava de 35. Essas cifras baixaram, durante os últimos anos da gestão capuchinha, devido às repetidas secas.¹⁴

Embora nem todo o programa traçado por Dom Joaquim chegasse a ser realizado a contento de S. Excia., não podemos negar as bênçãos que o Colégio S. Antonio espalhou sobre os seus alunos. Ao primeiro contato que Dom Manuel da Silva Gomes em 1912 teve com a paróquia de Canindé, ressaltou no termo de sua visita pastoral a obra educacional dos Capuchinhos:... “e aplaudimos sinceramente ao desdobramento da ação do Revmo. Pároco na direção do colégio dos meninos...”¹⁵

Na reitoria do colégio, prestaram seus melhores serviços Frei Abraão de Rescalda, Frei Marcelino de Milão, Frei Silvério de Calvairate, Frei Teobaldo de Monticelo e Frei Lourenço de Alcântara, contando eles com o apoio dos professores Pe. José Magalhães, Pe. José Augusto e dos seculares Augusto Rocha, José Cruz Filho, Gregoriano Cruz, Tomás Barbosa, Leôncio Xavier Macambira Jr., Pietro Domaneschi e Joaquim Moreira, os dois últimos mestres de música.

2. Gestão franciscana 1923-1967

Assumindo, em 1923, a direção do Colégio S. Antonio, os Frades Menores prosseguiram na orientação herdada de Dom Joaquim José Vieira; pois o cultivo das vocações sacerdotais e religiosas merecia o desvelo dos Padres Reitores e dos Professores, passando os concluintes do curso preparatório canindeense para o Seminário Diocesano de Fortaleza ou para o Seminário Franciscano de João Pessoa respectivamente Ipuarana, conforme a vocação de cada um. E o resultado não se fez esperar. Mais de uma dezena de ex-alunos do S. Antonio já foram ordenados Sacerdotes diocesanos¹⁶ e quase outros tantos Padres Franciscanos, ocupando entre estes os primeiros lugares o saudoso Frei Feliciano Trigueiro e Frei Juvêncio Rolim da Silva.¹⁷

À falta de mestres competentes, fechou-se, em 1935, o artesanato anexado ao Colégio. Mudada assim, em parte, a finalidade do S. Antonio e atendendo-se mais ao grave problema vocacional, foram elaborados novos estatutos do estabelecimento que recebeu a nova designação “Escola Diocesano-Seráfica”.¹⁸

A partir de 1926, a frequência média era de 90 alunos, aos quais se dava plena liberdade de escolherem a vocação, embora muitos desistissem da primitiva vontade de seguir a carreira eclesiástica. Assim constavam, em fins de 1955, 23 concluintes do curso preparatório, dos quais 8 desistiram da vocação sagrada, 8 resolveram abraçar a vida franciscana e 7 a vocação sacerdotal.¹⁹

A manutenção do colégio exigia grandes sacrifícios, nas épocas de estiagens; entretanto, tudo se fazia para evitar o fechamento embora temporário. Ainda a seca de 1958 obrigou os Dirigentes da Casa São Francisco a fecharem os dois educandários de S. Antonio a fecharem os dois educandários de S. Antonio e Santa Clara, no mês de setembro, seguindo os alunos do último ano para a Escola Apostólica S. José de Tianguá.²⁰

O prédio do S. Antonio sofreu, no decorrer dos anos, várias reformas e adaptações, satisfazendo as exigências dos tempos.

Os Padres Reitores franciscanos que se revezaram a partir de 1923 são estes: Frei Lucas Vonnegut (1923), Frei Paulo Kleinken (1923), Frei Policarpo Cornelius (1925), Frei Florentino Gerbig (1926-1929), Frei Irineu Kuth (1929-1937), Frei Oto Stohldreier (1938-1939), Frei Tomás Kockmeyer (1939-1944), Frei Agostinho Tepe (1945-1947), Frei Sigismundo Kruells (1947-1951), Frei Marcelino Cantalice (1952-1953), Frei Mansueto Wollny (1953-1954), Frei Luciano Maciel Pinheiro (1962-1964), Frei Moisés Rocha d'Almeida (1964-1965), Frei Aduino Ribeiro da Silva (1965-1967).

É impossível adivinhar a soma de trabalhos e responsabilidades que a direção de uma escola vocacional apresentava, dia por dia. Estendemo-nos sobre esse assunto no último capítulo ao tratar do Jubileu áureo da Escola Diocesano-Seráfica, terminando aqui com o testemunho que o ex-aluno Prof. Edmilson Pinheiro publicou em Fortaleza, sob a epígrafe “A Voz da Gratidão”: O tradicional colégio, desde os velhos tempos dos abnegados Capuchinhos até a sábia orientação dos Padres Franciscanos, tem educado para a vida dezenas de gerações de moços que em nossos dias ocupam, com brilhantismo, posição de destaque na sociedade.²¹

Em vésperas de completar 70 anos de benéfica existência, o Colégio de S. Antonio cerrou as suas portas como tantos outros seminários do País.

¹ O nome primitivo do Colégio Sto. Antonio era “Colégio Apostólico” e “Seminário Menor de S. Francisco das Chagas de Canindé”.

² ECAS p. 3.

³ ECAS p. 4.

⁴ ECAS p. 5.

⁵ ECAS p. 6.

⁶ ECAS pp. 7-8.

⁷ Nembro p. 106; NA FRANC. XXX, pp. 470 e 661.

⁸ Nembro p. 208; AGMC – H67 Cart. A. D. 19.

⁹ Vieira, Dom Joaquim José, CARTA PASTORAL, Fortaleza 1905 p. 13.

¹⁰ AGMC / H67 (Ma) 2 Rel. Part. C. D. 50; Nembro p. 207.

¹¹ Cysne, Pe. José de Arimateia, O COLÉGIO DE CANINDÉ in “Álbum Imperial” S. Paulo, 20-4-1908, pp. 132-134.

¹² AGMC / H67, 2. Rel. Part. C. D. 58.

¹³ Vieira Veja “Relatório”, penúltimo documento do Apêndice.

¹⁴ APCL, C. 1, Canindé p. 4; veja abaixo “7º Centenário da morte de S. Francisco” o final “Jubileu áureo da Escola Diocesana-Seráfica de Canindé”.

¹⁵ Tombo Canindé 4, fl. 100, com data de 10-10-1912.

¹⁶ “O Nordeste” de 2-10-1948 publicou os seguintes nomes de ex-alunos ordenados sacerdotes diocesanos a partir de 1913: Pes. Manuel Alves Feitosa, Manuel Soares Neto, Francisco de Assis Monteiro, Azarias Sobreira, Geminiano Bezerra, José Ferreira Lobo, Francisco Ferreira Lima, Raimundo Pinto, Otávio Mesquita, Heitor Vieira Cavalcanti, Francisco Sales, Paulo Almeida, João Lobo, José Hélio Ramos, João Linhares, Manuel Gomes, José Bezerra, Edmilson Lopes e Antenor Nunes Pimentel, Cônego José Alves de Lima, e o Mons. Eurico Magalhães.

¹⁷ Seguiram o mesmo ideal seráfico os ex-alunos de Canindé: Fr. Helmut Gress, Fr. Carlos Almeida Pereira, Fr. Elias Santiago Leite, Fr. Clóvis M. Lima (+), Fr. Cleto Marques, Fr. Leônidas N. Meneses, Fr. Arnaldo Mota e Sá, Fr. Sigismundo F. Gomes, Fr. Adimar Colaço, ex-Guardião de Canindé.

¹⁸ Dom Antonio de Almeida Lustosa aprovou os estatutos em 9-1-1945. – APR, Pasta de Canindé.

¹⁹ RSA ano de 1956 p. 179.

²⁰ RSA ano: 1959 p. 55.

²¹ “O Povo”, diário de Fortaleza de 22-9-1947. O Prof. Pinheiro foi aluno de Canindé, desde 1927.

XIV

JUVENATO SÃO JOSÉ

O irmão franciscano que, a exemplo de São Francisco, não é sacerdote professa a mesma regra e leva a mesma vida de pobreza, castidade e obediência que seus confrades ordenados. São justamente os irmãos que mais contribuem para a observância da vida religiosa porque se dedicam especialmente à atividade dentro das comunidades, ao passo que os sacerdotes exercem o sagrado ministério em geral fora dos conventos. Daí a suma importância dos irmãos para a vida regular.

À sombra do santuário de São Francisco das Chagas medraram numerosas vocações seráficas. Durante muitos anos, a Província Franciscana de S. Antonio manteve em Canindé o noviciado para os irmãos da Ordem, até que em 1956 abriu o Juvenato São José para aspirantes à vocação religiosa, sob a orientação de Frei Ernesto Rode, OFM. Desde então não tem faltado candidatos que nesta sementeira experimentam as suas santas aspirações.

Ao atual Reitor do Juvenato Frei Pedro Barreto, OFM agradecemos os seguintes dados estatísticos:

Em 1968 houve 24 juvenistas

» 1969	» 16	»
» 1970	» 13	»
» 1971	» 14	»
» 1972	» 15	»
» 1973	» 16	»

Entraram na Ordem 3 aspirantes, continuando os estudos em Ipuarana 5, em Pesqueira 8, em Canindé 17.

Como não se pode contar com o número suficiente de candidatas à vida religiosa devidamente instruídos, o Juvenato se destina a ministrar tanto a instrução elementar como a formação espiritual a rapazes de 18 anos acima e ainda atrasados nas primeiras letras. ¹

¹ RSA ano 22 n° 1 Das Nossas Comunidades-Canindé p. 73s. Crônica OFM fl. 132v. e fl. 162v. – Livro dos Capítulos conventuais de Canindé fl. 11.

XV

EDUCANDÁRIO SANTA CLARA

Organizado o colégio S. Antonio, Frei Matias de Ponteranica cuidou de fundar um orfanato para meninas aproveitando também para esta obra de caridade cristã as esmolas do Santuário do São Francisco. Os princípios desse educandário foram bem modestos; pois adquiridas algumas casas sitas confronte à Casa de São Francisco, instalou-se nelas em 1908 o orfanato Santa Clara, sob a direção de D^a Raimunda. ¹ O regulamento do estabelecimento visava em particular à instrução religiosa das meninas, sem descuidar das matérias comuns do curso primário.

Em 1912, a casa contava 27 órfãs dirigidas por D^a Joaquina Pimenta. ² Sentia-se a necessidade de mais rigor e disciplina no governo do orfanato, razão por que Dom Manuel da Silva Gomes, ao ensejo de sua primeira visita pastoral a Canindé, indicou as Irmãs Terceiras Capuchinhos de São Francisco de Assis como educadoras próprias para a direção da casa.

1. Gestão das Irmãs Capuchinhas 1913-1923

O missionário Capuchinho Frei João Pedro de Sexto S. João junto com as primeiras religiosas, Irmã Inês de Santa Quitéria, Irmã Clara de Canindé, Irmã Isabel de Canindé, Irmã Madalena de Canindé e Irmã Verônica de Canindé procedera em Belém do Pará à fundação

de uma nova Congregação, sob o título de “Irmãs Terceiras Capuchinhas de São Francisco de Assis”. Era o dia 18 de dezembro de 1904. Figurando como finalidade principal da fundação a instrução cristã da juventude, vinha a propósito o novo encargo que lhe fazia Dom Manuel. Aos 27-2-1913, chegavam a Canindé as primeiras irmãs chefiadas pela Superiora Madre Escolásticas.³

Como o orfanato dependesse unicamente das generosas esmolas dos romeiros, o número das matrículas variava muito, diminuindo consideravelmente em consequência das estiagens e oscilando entre vinte⁴ e 69.⁵ Até 1918, houve tanto internas como externas, constando de então até 1923 apenas internas.⁶

Com a retirada dos Padres Capuchinhos, também as irmãs rescindiriam seu contrato, saindo às últimas três de Canindé aos 19-1-1924⁷ e prosseguindo o seu abençoado apostolado na Prelazia de Grajaú. Canindé não esquecerá os benefícios recebidos das abnegadas educadoras Capuchinhas, congregação hoje muito espalhada tanto no Norte como no Sul do País, elevando-se o número das religiosas a quase 400 entre professoras e noviças.

2. Gestão das Missionárias da Imaculada Conceição

Aos 26-11-1923, chegaram a Canindé as primeiras irmãs de outra Congregação religiosa brasileira, vindas de Santarém do Pará⁸; eram a Madre Clara Eller e as Irmãs Paula, Agostinha e Gabriela, que até 19-1-1924 deveriam ambientar-se, sob a orientação das últimas Irmãs Capuchinhas.

Fundada em Santarém do Pará por Dom Frei Amando Bahlmann, OFM, DD. Prelado-Bispo de Santarém e Madre Maria Imaculada de Jesus Tombrock, a Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição festeja como seu natalício o dia 8-12-1910; contando mais de 300 religiosas em duas províncias brasileiras, ficou a Congregação fiel ao seu primitivo apostolado missionário nas Prelazias de Santarém e Óbidos, dedicando-se também à enfermagem e à instrução da juventude feminina em quase todos os Estados do Norte e mantendo conventos na América do Norte, na Alemanha e nas missões da África e da Ilha Formosa-China, com o número total de aproximadamente 600 irmãs.

O contrato celebrado entre Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza e a Superiora Geral Madre Maria Imaculada de Jesus Tombrock, e datado de 8-2-1926, ficou em vigor durante 33 anos, garantindo às Irmãs o necessário para a sua manutenção material e espiritual e ainda uma gratificação pecuniária conforme o número de religiosas ocupadas no Santa Clara, enquanto a Congregação se obrigava 1º a ministrar às órfãs o ensino e a educação, seguindo o programa de ensino do Estado, inclusive as matérias da escola doméstica; 2º a confeccionar, lavar e consertar o vestuário do colégio S. Antonio e a roupa do Santuário; 3º a conservar em Canindé dez Irmãs, enquanto o número das órfãs não passasse de 60, cabendo à Superiora a admissão destas.

Por motivos superiores, o orfanato transformou-se, no decorrer dos anos, em simples educandário, embora continuasse a aceitar uma ou outra órfã. Assim era natural que também o contrato sofresse uma alteração, o que de fato se deu a 4-3-1959.

O prédio do Santa Clara sofreu transformações e ampliações em 1924 e 1941 até que, a partir de 1946, foi substituído por construção nova que em tudo satisfaz às exigências da arquitetura moderna.⁹

Enquanto o número das internas em 1924 se elevava a 45 alunas, até 1957 subiu a cem, orçando as externas de 1924 a 1957 em 8 e 75 respectivamente.¹⁰

Como em 1961 fosse estabelecido o noviciado no Santa Clara, contando 12 noviças e 6 postulantes, o internato teve que sofrer forçosamente uma considerável baixa, ficando em 41 alunas, inclusive órfãs e pensionistas, ao passo que o número das externas passou para 143. Igualmente trouxe o ano de 1961 a introdução do curso profissional para moças e

senhoras da Cidade, contando com a ajuda de uma verba federal arranjada pelo Deputado José Martins.¹¹

Atendendo a uma real necessidade da população canindeense, a escola profissional Santa Clara ganhou o prédio atual, ao lado do educandário. Sob a competente direção da Irmã Silvina, as paroquianas aprendem grátis corte, costura, arte culinária, confeitaria, decoração do lar, lavar, engomar, bordado a máquina e à mão, tricô, flores, crochê, pintura, enfermagem, puericultura, higiene, religião, moral cívica.

Mantém-se o curso com a ajuda da paróquia e a venda dos produtos, além da contribuição de algumas alunas. Oito professores e uma religiosa ministram as aulas às 45 cursistas.¹²

Em 1966, surgiu o Clube das Mães, como organização paroquial, com o curso de 3 meses de aprendizagem para senhoras casadas.

Em 1973, principiou, sob os auspícios da paróquia, um curso de arte culinária para empregadas contanto 7-10 participantes que recebem ensino gratuito.

O Educandário Santa Clara, como tal, deixou de funcionar cedendo o lugar aos citados cursos e adaptando grande parte de seu edifício ao Hospital-Maternidade Regional São Francisco, inaugurado em 1972.

Encerrando o movimentado histórico do Santa Clara podemos afirmar que a bênção de São Francisco lhe tem valido, nas várias fases do apostolado já cinquentenário em favor da juventude feminina de Canindé.

¹ APCL 4. C. 1 Canindé p. 4.

² ACM Canindé 5 fl. 3, segundo uma carta de Frei Matias de 30-6-1912.

³ *Ibidem*; To. Prata fl. 1; Nembro pp. 106 e 221; An. Rel. pp. 38-43. Em Belém, as Irmãs apenas haviam recebido o hábito religioso, seguindo logo para o Prata-Maranhão.

⁴ To. Prata. Fl. 20.

⁵ *Ibidem* fl. 29.

⁶ *Ibidem* fl. 12, 20 e 29.

⁷ *Ibidem* fl. 54; Nembro p. 223.

⁸ Goldmann pp. 114 e 154; Na. Rel. 188-193; Cinquentenário p. 95ss.

⁹ Crônica ESCL.

¹⁰ Livro de matrículas dos respectivos anos; Na. Ref. p. 189.

¹¹ As demais notas foram fornecidas por gentileza das Irmãs, mas infelizmente sem indicação das fontes e das respectivas páginas.

¹² Santuário Jornal de 1-1-1964 relata que a 22-12-1963 houve a inauguração do prédio novo destinado ao curso profissional.

XVI

HOSPITAL-MATERNIDADE REGIONAL SÃO FRANCISCO

Os multisseculares centros de piedade cristã, como Roma, Santiago de Compostela, Jerusalém e outros, desde os primórdios da peregrinação mantinham hospital para os romeiros enfermos de qualquer nação, provendo também as necessidades espirituais por intermédio de capelães políglotas para atenderem a cada doente, na língua materna. Criaram fama mundial os célebres hospitais e irmandades do Espírito Santo, ainda hoje sobreviventes em vários países da Europa.

Desde mais de um século que se sentia em Canindé a necessidade de um hospital. A Confraria de São Francisco teria encontrado um atualíssimo campo de caridade cristão na assistência aos romeiros enfermos ou acidentados. Mas a realização da ideia protelava-se em virtude de muitos outros empreendimentos não menos urgentes.

O guardião Frei Walfredo Tepe (1952-1955) construiu um hospital, que depois serviu à LBA. O vigário Frei Olivério Lima deu um novo passo, instalado provisoriamente uma maternidade no mesmo prédio. Mas como a LBA reclamasse o prédio, o novo vigário Frei Lucas Dolle, em 1967, adaptou a casa na Praça Cruz Saldanha que hoje serve de museu. Afinal em 1972, inaugurou-se o definitivo Hospital-Maternidade Regional São Francisco instalado no antigo Educandário Santa Clara. Para custear as enormes despesas o vigário Frei Lucas contou com a generosidade da Misereor e de outras entidades caritativas da Alemanha, com o auxílio da Prefeitura Municipal de Canindé e um bom saldo do mês de Maria de 1972, enquanto o Sr. Arcebispo D. José Delgado cedeu o prédio por um prazo de dez anos. A obra funciona sob o título: Sociedade Hospitalar São Francisco de Canindé. ¹

O hospital que conta 50 leitos dispõe de uma equipe de três médicos, 18 enfermeiras e algumas Religiosas Missionárias da Imaculada Conceição. Realizou-se, portanto o sonho mais que secular do Hospital São Francisco.

¹ Crônica OFM fls. 154.

XVII

CANINDÉ CULTURAL

Da escola nascida à sombra da Igreja católica, a cultura cristã recebeu, no Brasil, o maior incremento. Onde quer que se erguesse uma capela missionária, entre os índios, surgia também infalivelmente a escola. A primeira escola dos franciscanos remonta, quanto se saiba, a 1538 quando Frei Bernardo de Armenta abriu internatos entre os Carijós de Mbyaçá-Sta. Catarina. Raiou uma era áurea com a instalação da Custódia de S. Antonio, em 1585; pois cada uma das 21 missões franciscanas dispunha de uma escola ou até de um internato como p. ex., em Olinda e Una. ¹

Ensino

Um dos primeiros vigários de Canindé, o Pe. Manuel Tomás Rodrigues Campelo foi por sinal inspetor de ensino elementar. Côncio de ser responsável pelo progresso cultural, o pároco requereu várias vezes à criação de uma cadeira de gramática latina, motivando seu pedido com o vivo interesse que a mocidade canindeense devotada à educação literária. ²

Os professores do curso primário que escaparam ao ingrato anonimato dos anais são: Raimundo Ferreira Gomes ^{2b} e Zacarias Vieira da Costa, 1852; João Tomásio de Araújo, 1869; e Manuel do Nascimento Moreira, 1871.

Desde que a Igreja do Brasil se livrou das peias do josefinismo, Dom Joaquim José Vieira cuidou que certa quantia do patrimônio de São Francisco se aplicasse à manutenção de uma escola, cujo mestre vinha a ser o próprio capelão da irmandade, a saber, de 1892 a 1894, o Pe. Raimundo Teles de Sousa e, de 1895 a 1898, o Pe. Luís de Souza Leitão. A respeito desse ensino dizia o regulamento elaborado por Dom Joaquim ³, referindo-se ao capelão:

§ 7 “Instalar em sua casa ou em qualquer prédio de São Francisco um externato em que ensinará preparatórios a dez alunos, em dias úteis da semana,

durante três horas, exceto o Sábado, conforme o programa observado e seguido no Seminário de Fortaleza.

- § 8 Convidar, no caso de grande concorrência de alunos em número nunca inferior a vinte, pessoa habilitada para auxiliá-lo, de acordo com o Bispo diocesano, mediante gratificação que lhe será marcada. Serão preferidos os moços que tiverem dedicação pelo estado sacerdotal”.

Um dos motivos principais que moveram D. Joaquim a chamar os Capuchinhos foi à fundação de um colégio com orfanato e artesanato, visando igualmente ao cultivo das vocações eclesiásticas e religiosas. Ao lado dos educadores capuchinhos e franciscanos nunca faltaram os professores seculares, filhos da terra. Além de boa porção de padres diocesanos e religiosos, iniciaram seus estudos no colégio S. Antonio muitos Professores, Médicos, Advogados, Militares e até Poetas, Jornalistas e Historiadores.

Não satisfeito com os resultados obtidos no S. Antonio, Frei Matias de Ponteranica fundou ainda a escola paroquial, a escola noturna do Círculo Católico Pio X e o orfanato Santa Clara. ⁴

Música

O cultivo da música desfrutou em Canindé grande entusiasmo, desde o século passado. A banda de música era famosa e tão apreciada que à ocasião da Festa de São Francisco de 1894 recebeu a bela remuneração de 1:500\$000 ; seu maestro naquele tempo era João Moreira da Costa, a quem D. Joaquim impunha as obrigações contidas no art. 63 do regulamento “:

“O contrato relativo ao Mestre da música não excedente a três contos de réis, além de o obrigar a fazer toda a Festa de São Francisco, o sujeita a ensinar a música aos que tiverem dedicação; a ensinar peças novas e variadas, todos os anos, e organizar uma orquestra apropriada às solenidades da Igreja, preferindo músicas sérias para o coro e executadas por vozes de homens”.

Maestros como Miguelão, Nonato, Josias Gondim e Pietro, este italiano e trazido por Frei Matias, continuam vivos na grata memória dos canindeenses, superando, porém a todos pela perseverança e dedicação João Sobral.

Os vários coros de Canindé nem sempre foram tão felizes como a banda de música. Entre os regentes destacaram-se Frei Francisco de Sesio e, nos últimos anos, Frei Feliciano Trigueiro e Frei Luciano Pinheiro, tendo este também organizado uma orquestra de cordas que chegou a executar obras clássicas da música sacra.

Círculos culturais

A vida cultural de Canindé recebeu grande impulso com a abertura do colégio S. Antonio pelos Capuchinhos que reunia jovens talentosos como Cruz Filho, Augusto Rocha, Tomás Barbosa e Mozart Pinto os quais souberam movimentar a camada intelectual,

fundando o “Grêmio Literário Afonso Celso”⁷, ambos dirigidos pelo fundador Presidente Cruz Filho e pelo secretário Augusto Rocha.

Em moldes acentuadamente religiosos surgiu, anos depois, o Círculo Católico, organização que nascera no Recife sob a orientação do Pe. Guilherme Vassen, C. M. e de Frei Matias Teves, OFM, tendo em Canindé vivido fases de brilhante atividade.⁸

Imprensa

O que, porém de modo especial progrediu, nas primeiras décadas deste século, foi à imprensa canindeense.

Aos 7 de julho de 1903, liam os canindeenses seu primeiro jornal literário, noticioso e artístico O CANINDÉ cuja publicação foi resultado do esforço de três redatores: Cruz Filho, Augusto Rocha e Tomás Barbosa, associando-se-lhes em 1905 Mozart Pinto. Que soma de trabalho exigia o lançamento de um jornal, uma vez que não existia tipografia em Canindé! Recorreu-se primeiro à gráfica de “O Município” de Baturité, depois à do “Jornal do Ceará” em Fortaleza, e por último à Empresa Econômica da capital cearense. Aos 3 de agosto de 1906, O CANINDÉ passou a representar na imprensa o “Grêmio Literário Afonso Celso” de Canindé.⁹

O IDEAL, nascido aos 8 de dezembro de 1906, restringiu-se a ser órgão do clube “Amor Eterno”, de circulação mensal e impresso na Empresa Econômica de Fortaleza. Foram seus diretores Benigno Pereira e Clóvis Pinto.¹⁰

Aos 23 de junho de 1905, estreou o SERTANEJO, sob a direção de Mozart Pinto e Tomás Barbosa.¹¹

O CORREIO DE CANINDÉ surpreendeu os canindeenses aos 6-8-1911, fundado que fora Frei Matias e tendo como redatores Cruz Filho e Augusto Rocha. O 1º número trazia, além de um artigo de apresentação, os dados biográficos de D. Joaquim Antonio de Almeida, Bispo de Natal, e de Dom Frederico Costa, Bispo de Manaus em homenagem e recordação de sua visita ao orfanato e à nova tipografia inaugurada na Casa de São Francisco, presentes os dois ilustres Prelados.¹²

As mesmas oficinas gráficas de São Francisco lançaram, a 22 de junho de 1913, o novo semanário A IMPRENSA, mantido pela Casa de São Francisco e redigido por Cruz Filho, enquanto a direção do estabelecimento tipográfico naquele tempo coube a Tomás Barbosa. Apareceram ao todo trinta números deste órgão, até 11 de janeiro de 1914.¹³

O jornal canindeense que resistiu 53 anos aos vendavais do tempo foi o “SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO”, publicado desde 1º de janeiro de 1915, primeiramente como mensário e em seguida como quinzenário. Tanto a direção como a redação, desde o princípio, concentrou-se na Casa de São Francisco, tendo durante muitos anos, por diretor-gerente o Sr. Leôncio Magno de Oliveira.

Fundado como órgão da paróquia de São Francisco de Canindé, o SANTUÁRIO estendeu sua finalidade aos interesses do culto franciscano, levando como subtítulo: “Órgão oficial da Basílica de Canindé”, sem se descuidar do rico noticiário nacional e internacional. A tiragem quinzenal orçava em 9.000 exemplares, cabendo ao município de Canindé 1.250 assinaturas, deixando de circular, em janeiro de 1968.¹⁴

Aos 25 de maio de 1929, saiu a lume o primeiro número do CORREIO DO INTERIOR, publicado em Canindé e tendo como Diretor o Dr. José A. de Barros Leal, como redator Eduardo Gomes de Matos e como gerente José Geraldo. Existe no Arquivo Público do Estado do Ceará um exemplar do 1º número impresso sobre pano.¹⁵ Afinal em fins de 1929, apareceu o “O ECHO”, jornal do povo, de propriedade de R. Martins e impresso na Empresa Gráfica Cearense de Fortaleza.¹⁶

De circulação restrita, merece ainda menção o BOLETIM DO CÍRCULO CATÓLICO, órgão daquela associação canindeense.¹⁷

Embora os órgãos enumerados, com exceção do SANTUÁRIO, tenham levado existência efêmera, não deixam de dar testemunho da vida intelectual canindeense bem acentuada, numa época que sabia estimar os valores culturais do próprio ambiente, merecendo destaques neste sentido “O CORREIO DE CANINDÉ, A IMPRENSA e o SANTUÁRIO”.

A seguir transcrevemos um artigo da IMPRENSA de 4-10-1913: oferecendo uma idéia de como se encaravam certos problemas há 60 anos.

“NOTAS FUGACES”

Ele veio de longe, dos sertões altos de S. João do Rio do Peixe, no Estado da Paraíba do Norte... Apoiado às muletas frágeis, vencendo as areias ardentes, transpondo as duras charnechas, com uma imensa desventura nos olhos tristes e uma radiosa esperança no coração, viu, numa clara manhã de alegre sol, brancas e fulgindo no azul, as torres prestigiosas de São Francisco de Canindé.

Fugira o aleijadinho às mãos sábias dos médicos, que lhe quiseram amputar a perna chagada, num hospital do Recife, e viera, vingando as ásperas charnechas, sentar-se à sombra magnânima do templo prestigioso e unir a sua voz, numa ardente súplica rimada à confusa voz de outros náufragos da vida, – cegos, leprosos e aleijados – que a mesma ingrata vaga dos negros destinos humanos lançara e fraternizara nos mesmos estreitos palmos de terra. E ali no burburinho tumultuoso dos pregões festivos, no profuso rumor das multidões complexas, implorando a caridade das turbas felizes, o bando sinistro dos desgraçados, para quem a vasta noite da vida não tem esperança de aurora, procura chamar a atenção indiferente dos ditosos e estranhos para a sua imensa desventura sem remédio...

A festa de São Francisco de Canindé reúne a mais variada coleção de tipos sociais. São vastas ondas humanas que afluem, sôfregas, a presenciar os festejos celebérrimos do grande Santo dos doces milagres.

E o folclorista, curioso e deslumbrado, vê abrir-se ante os seus pasmos olhos de psicólogo amador uma estranha flora da emoção do vago sentimento da rude alma popular. E’ a parte dolorosa da poesia do povo. São rudes almas de poetas que dizem cantando a sua imensa desdita. Pontecendo os brados alegres, surtem como tristes ais doloridos, essas vozes mendigas de desgraçados sem lar que cantam e que imploram:

Meu irmão me dê uma esmola,
Que eu lhe peço, é por amor
Pelo cálice, pela hóstia
Que hoje se levantou! . . .

E as multidões param assombradas, diante desses poetas maltrapilhos, e as moedas caem sonoras nas bacias minúsculas de folha de flandres, acompanhadas pela aflita voz implorativa que agradece em ingênuas rimas sinceríssimas:

A quem me deu sua esmola,
Deus acrescente seu bem;
Que de um produza dez,
Que de dez produza cem...

Vai nessas rimas toda a psicologia desses simples, toda a sua arte de mover, com as angustiadas estrofes, o duro coração humano:

Quando Deus andou no mundo,
A São Pedro disse assim:
Quem não quer pobre na porta,
Também não me quer a Mim...

A luta amarga pela vida lhes ensinou, a eles, que nunca viveram os caminhos amáveis do coração e os meios ardilosos de prender e comover a fugitiva caridade das turbas:

Meus irmãos, me deem uma esmola,
Por Jesus de Nazaré,
Por São Francisco das Chagas,
Padroeiro do Canindé...

E ele, esse poeta de treze anos que viera pelos duros caminhos sertanejos, das longes terras da Paraíba do Norte, erguia também, no confuso tumulto das cantigas trêmulas, a sua fina voz de criança, dizendo toda a infinita amargura da sua triste primaveras sem botões:

Meus irmãos, me deem uma esmola,
E queiram me proteger,
Que eu perdi minha saúde,
Não tenho mais que perder...
Perdi os gostos da vida;
Vivo triste até morrer...

Aquela voz de mendigo justificava perante a desatenta caridade humana o seu amargurado e angustiioso pedido em versos ingenuamente impressionadores:

Meus irmãos, me deem uma esmola;
Tenham dó do meu penar
Que eu perdi minha saúde,
Não posso mais trabalhar.

Se eu tivesse minha saúde,
Como todos têm a sua,
Não ia de porta em porta,
Pedindo esmola na rua,
Comendo fora de horas...
Ai meu Deus, que sorte crua!...

E as moedas, os níqueis, os cobses caíam, choviam na bacia de folhas de flandres estendida à caridade dos transeuntes e, de novo, a triste voz magoada se elevava, sonora e agradecida:

A quem me deu sua esmola,
Deus o leve num andor,
Acompanhado de anjos,

Circulado de fulô...
 Nossa Senhora o proteja
 Quando deste mundo for...

“É uma vasta classe, digna do estudo de um amador perspicaz, essa classe dos mendigos – possuindo o seu argot particular, mantendo a sua solidariedade, também a sua rivalidade feroz de oficiais do mesmo ofício”.

Museu de Artes Populares

Desde há muito, se sentia em Canindé a falta de um museu, dadas as interessantes esculturas e quadros que entre os ex-votos deixam de ser devidamente apreciados. Em 1972, o Vigário Frei Lucas Dolle instalou modesto museu, na casa que servira de maternidade (Praça Cruz Saldanha). Além dos objetos ali reunidos, realizam-se nessa casa de cultura exposições periódicas de artes populares, como sejam produtos artísticos de autores como Bibi, Francildo, Lisboa, D^a Lili, D^a Benedita, incentivando entre a população o fino gosto pelas artes e estimulando a criatividade dos talentos da própria zona.

Canindé está tomando um aspecto cultural mais elevando, em virtude das esculturas expostas em várias artérias e praças.

¹ Vat. p. 68.

^{2a} APEC 25 e 12 com data de 5-6-1848. 2b) APMC 1º liv., fl. 9v.

³ Vieira p. 10.

⁴ APCL 4 C. 1, Canindé p. 4.

⁵ LLRP fl. 72.

⁶ Vieira p. 24.

⁷ Studart – 1º Centenário p. 172.

⁸ Nembro p. 260ss. Frei Matias, em 1910, procurava animar o Círculo Católico de Canindé como baluarte contra a maçonaria.

⁹ Studart – Jorn. (RIC) p. 144s; Nembro pp. 262 e 483, onde o autor confunde este órgão com o “Correio de Canindé”. Rocha – Notas p. 289.

¹⁰ Studart – Jorn. P. 161; Studart – 1º Centenário p. 186; Rocha – Notas p. 289.

¹¹ Rocha *ibidem*.

¹² Studart-Jorn. P. 181s; Studart-1º Centenário p. 212; Rocha-Notas p. 38.

¹³ Studart-Jorn. P. 190; Studart – 1º Centenário p. 220.

¹⁴ Studart-Jorn. P. 199s; Rocha-Notas pp. 22 e 38; Tombo Canindé, nº 6 fl. 74; Álbum Ilustrado p. 153.

¹⁵ Studart-Jorn. P. 155.

¹⁶ Arquivo particular do autor com 1 exemplar do 2º número.

¹⁷ ACM, Canindé 5 p. 5. Relatório de Frei Matias de 30-6-1912.

XVIII

O 7º CENTENÁRIO DA MORTE DE SÃO FRANCISCO E OUTROS JUBILEUS EM CANINDÉ

Os jubileus, que têm a sua origem na lei mosaica, convidam a cristandade a agradecer ao Criador os benefícios recebidos em certo espaço de tempo. E’ neste sentido que Canindé comemora as datas principais de sua história eclesiástica, visto que lhe assistem motivos especiais para reconhecer os grandes privilégios com que foi contemplado.

O 1º Centenário da Paróquia de São Francisco

Ao que sabemos, os fundadores de Canindé lutaram 21 anos para conseguirem com as autoridades eclesiásticas e civis, inclusive a do próprio Dom João VI, a prerrogativa de

matriz para o Santuário de São Francisco recém-construído e os foros de paróquia para toda a zona de Canindé, figurando a magna data como um dos marcos principal nos fastos da terra. Nas solenidades comemorativas do 1º centenário da freguesia, que tiveram lugar a 4 de outubro de 1917, destaca-se como ato mais significativo a sagração do Santuário-Matriz, efetuada na antevéspera da festa. ¹ Dom Manuel da Silva Gomes, querendo participar da alegria dos canindeenses e aumentá-la, presidiu às belas cerimônias, coroando os esforços dos construtores do imponente templo com a rara distinção da sagração, enquanto os paroquianos agradeciam ao céu os benefícios decorrentes da criação da freguesia, entre os quais ressaltam a constante assistência religiosa e o culto franciscano cada vez mais arraigado.

Ano Franciscano

Os festejos do centenário da paróquia canindeense serviram de preparação remota ao 7º Centenário da Morte de São Francisco; pois a sagração do Santuário formava o primeiro passo para a sua elevação à categoria de Basílica, ponto culminante desse jubileu franciscano EM Canindé. Solidários com toda a Ordem dos Frades Menores, os religiosos de Canindé resolveram celebrar, de 1926 a 1927, um “Ano Franciscano”, em homenagem ao seu Fundador, elaborando para esse fim um rico programa que mereceu a benévola aprovação e o ativo apoio do Sr. Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes; S. Excia. propôs e ofereceu a sua colaboração pessoal em obter da Santa Sé Apostólica a elevação do Santuário à dignidade de Basílica, o que realmente foi concedido por letras apostólicas de 30 de novembro de 1925 ², quando completava 150 anos, desde que principiara a construção do primitivo templo às margens do rio Canindé.

Entrementes os franciscanos de Canindé cuidavam de aformosear o templo de São Francisco com painéis alusivos à vida e morte do Santo, contratando o pintor Jorge Kau, o qual, vindo em abril de 1926 de Munique, desincumbiu-se brilhantemente do encargo. Ainda hoje, passados quase 50 anos, fica o romeiro extasiado perante os artísticos quadros que reproduzem no teto da nave a renúncia de São Francisco aos bens terrestres, o sermão aos pássaros e a estigmatização, no forro da capela-mor, a santa morte do Patriarca de Assis, por cima do Altar-mor a majestosa figura de Cristo Rei, e afinal aos lados da imagem milagrosa, quatro dos principais Santos das Ordens franciscanas. ³

Inaugurado solenemente o Ano Franciscano a 2 de agosto de 1926, festa de Nossa Senhora dos Anjos ou de Porciúncula, vulgo “Perdão de Assis”, começou uma série de romarias bem organizadas pelas Fraternidades terciárias de Barurité, Maranguape, Fortaleza, Paraíba etc. contando esta com a presença de Dom Moisés Coelho, então Bispo de Cajazeiras, Dom Joaquim de Almeida, Bispo resignatário de Natal, muitos sacerdotes seculares, vários franciscanos, e entre estes como orientador e animador Frei Martinho Jansweid, como também de muitas representações da Ordem Terceira Franciscana da Paraíba. Tais peregrinações ficaram inesquecíveis pelo seu pronunciado espírito de piedade e disciplina, edificando tanto aos romeiros avulsos como à população de Canindé. ⁴

O auge do Ano Franciscano coincidiu com a data magna dos canindeenses. Aos 2 de outubro de 1926, Dom Manuel procedeu à sagração do Altar-mor do Santuário. No intuito de emprestar à solenidade um esplendor descomum, fizera S. Excia. acompanhar-se dos Sufragâneos Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Dom José Tupinambá da Frota, Bispos de Crato e Sobral, respectivamente. ⁵ Ouçamos uma testemunha contemporânea narrar o desenrolar do programa festivo.

“Ao romper da aurora do 4 de outubro, data duplamente gloriosa para o Canindé, comemorativa da passagem triunfante de São Francisco em 1226

e da liberdade dos escravos deste município em 1885, a filarmônica local saudou este dia radiante...

Às 9 horas realizou-se a missa pontifical celebrada pelo Exmo. Sr. Arcebispo e assistida dos sólios pelos Exmos. Srs. Bispos do Crato e Sobral e 25 sacerdotes. Ao evangelho, D. Manuel pregou extenso sermão, explicando aos fiéis como deve ser feito o culto de São Francisco, leu a bula do S. Padre OP XI, elevando o Santuário do nosso Padroeiro à categoria de BASÍLICA MENOR, e mostrando também as vantagens espirituais dessa honrosa distinção eclesiástica... Às 16 horas percorreu as ruas e praças de nossa urbs a soleníssima procissão de encerramento das festas, acompanhada por umas 20.000 pessoas, desfilando o imponente préstito religioso, durante duas horas, que levou em triunfo as veneráveis imagens de São Francisco, Nossa Senhora das Dores, S. Antonio, S. José e da Imaculada Conceição, tendo à frente as insígnias da Basílica, que ficarão expostas perpetuamente no altar-mor.

Após a grandiosa procissão, teve lugar o solene Te Deum e bênção do Smo. Sacramento, celebrados em ação de graças pela feliz realização do Centenário”.⁶

O 1º Centenário do Município de Canindé 1846-1946

Embora o dia 29 de julho represente uma efeméride do calendário civil de Canindé comemorando a criação do município, incluímos aqui o centenário do maior evento da história política canindeenses, dadas as amigáveis relações que unem os governos civil e eclesiástico e a parte religiosa do programa a lembrar aos munícipes a gratidão para com o Doador de todos os bens. Dom Antonio de Almeida Lustosa, M.D. Arcebispo de Fortaleza, prestou assistência pontifical à missa solene de ação de graças e pronunciou o panegírico.⁷ Sob o governo municipal do Prefeito Sr. José Bastos Macambira, quando do jubileu, lançou a Imprensa oficial do Ceará uma pequena polianteia intitulada “O Município de Canindé no Centenário de sua Criação” estampando além de rico material fotográfico o histórico de Canindé da autoria de Augusto Rocha; o decreto nº 360 de 29-7-1846 que elevava a povoação de Canindé à categoria de vila; uma ligeira apreciação de São Francisco de Canindé, escrita pelo Mons. Quinderé e o artigo final intitulado “Rui Barbosa e Canindé” da brilhante pena de Cruz Filho.

Jubileu Áureo da Escola Diocesano-Seráfica de Canindé 1898-1948

Um jubileu de repercussão mais limitada, mas igualmente motivo para agradecer à divina Providência, foi o cinquentenário da Escola Diocesano-Seráfica São Francisco de Canindé, comemorando a 4 de outubro de 1948. Em lugar do programa observado no jubileu áureo, resumimos o que escreveu o saudoso ex-aluno Frei Feliciano Trigueiro*:

“Cinquenta anos são passados desde que os filhos do glorioso Patriarca de Assis empreenderam esta obra gigantesca que é a manutenção dum colégio em pleno sertão cearense. Fundado como simples escola primária, elevado, mais tarde à categoria de estabelecimento de ensino secundário e finalmente organizado em escola diocesano-seráfica, o nosso colégio, tendo

como finalidade essencial a formação de futuros ministros de Deus, nem por isso deixou de preparar elementos outros de reconhecido valor e projeção social na vida pública cearense e até mesmo de outros Estados”.

Falando de sua experiência de aluno como também de educador, ressalta Frei Feliciano a luta de seus colegas no magistério:

“Quantas vezes as dificuldades amontoadas tentaram incutir o desânimo nesses corações abnegados que teriam recuado não fora a fé viva e o amor entranhado à causa de Deus e da juventude cearense. E por isso o jubileu é, antes de tudo, um grande dia de recordação e gratidão. É o dia em que se rememoram todas aquelas figuras austeras ou serenas dos que fundaram, sustentaram e continuam a manter de pé este instituto de educação, cultura, moralidade e piedade. Gratidão acima de tudo a Deus, Nosso Senhor e ao seu glorioso servo, nosso bem-aventurado Pai São Francisco, que até hoje nunca desampararam aos seus operosos filhos”.

Feitos os elogios aos principais confrades reitores, Frei Feliciano estende o reconhecimento dos alunos aos benfeitores da Escola Diocesano-Seráfica:

“Mas nesta homenagem de gratidão não fiquem esquecidos também os guardiães e administradores que, com sua generosidade, acudiram aos desejos e empreendimentos dos reitores; entre todos, seja mencionado aqui o nome de Frei Aurélio Baemker a quem Deus quis tão ligeiro conceder o prêmio de sua incansável dedicação. E afinal são os próprios devotos de São Francisco que têm direito a um altissonante “DEUS VOS PAGUE”; pois deles é que, em última análise, vêm os meios que possibilitam a manutenção do nosso estabelecimento. É sua gratidão pelos benefícios recebidos do grande patriarca que se converte em pias dádivas sustentadoras da obra empreendida pelos filhos de São Francisco. E assim os frutos da gratidão do povo devoto se multiplicam e revertem em benefícios espirituais, em favor do mesmo povo, concretizando-se, particularmente no grande número de sacerdotes seculares e regulares que no colégio de S. Antonio receberam as primeiras instruções e os meios de continuar seus estudos humanísticos e teológicos”.

Cinquentenário do Apostolado Franciscano em Canindé 1923-1973

A 26 de março de 1973, transcorreu quase despercebido o jubileu áureo dos Frades Menores em Canindé. A grata efeméride merece uma sincera ação de graças da parte de todos os canindeenses e dos demais devotos de São Francisco. Pois Deus quis servi-se dos religiosos para a espinhosa missão de guardiães do Santuário. Dezenas de franciscanos sacrificaram as melhores forças em prol das almas imortais.

Como recordação da meia centúria das atividades franciscanas lançou-se Segunda edição desta brochura: “São Francisco das Chagas de Canindé”.

No mesmo ano de 1973, ocorreu também o 75º aniversário da chegada dos Capuchinhos a Canindé. Pode o seráfico Patriarca, com satisfação, contemplar o que seus filhos espirituais têm realizado a bem dos inúmeros romeiros e dos 90.000 paroquianos da imensa freguesia de Canindé.

Não há crônica ou estatística que registre as bênçãos derramadas neste santuário por intermédio dos filhos de São Francisco.

Encerrando o capítulo dos jubileus, prevenimos que em 1975 a Basílica de São Francisco verá passar o bicentenário da primitiva capela fundada em 1775 pelo piedoso sargento mor Francisco Xavier de Medeiros.

¹ Tombo Canindé 4, fl. 128v. Cf., no capítulo “Privilégios”, os dizeres da placa comemorativa da sagração do Santuário.

² Tombo Canindé 5, fl. 12. As letras apostólicas aparecem também com o nome de bula. Cf. o documento no Apêndice.

³ *Ibidem* fl. 10v.

⁴ *Ibidem* fl. 12v e 13; Álbum Ilustrado pp. 16-23.

⁵ Tombo Canindé 5, fl. 14v; Álbum Ilustrado p. 30.

⁶ Santuário-jornal de 1-11-1926; Álbum Ilustrado p. 30.

⁷ RSA ano 1947 p. 60s.

⁸ “O Nordeste” de 2-10-1948 Frei Feliciano Trigueiro OFM ex-aluno “Aureo Jubileu”.

APÊNDICE – DOCUMENTÁRIO

SÚPLICA DOS HABITANTES DA POVOAÇÃO DE CANINDÉ – 1796

Senhores do nobre Senado da Câmara da Vila da Fortaleza de N. Sra. da Assunção.

Suplicamos a V. mcês. Os moradores desta Ribeira do Canindé, abaixo assinados, queiram V. Mcês. Por bem do serviço de Deus e de S.M.F., representar à mesma Senhora a necessidade e miséria em que vivemos na longitude destes sertões, cinquenta léguas, que tanto dista esta Ribeira dessa Vila, sem ouvirmos missa, senão de ano em ano, quando vem o Pároco à desobriga quaresmal, vivendo e morrendo como se fôramos hereges e a maior parte dos que enfermam sem os sacramentos da confissão e da hora da morte e igualmente muitos dos nossos filhos sem o batismo e porque nesta capitania e principalmente nesta freguesia são poucos os sacerdotes seculares e os que há são ocupados nas suas paróquias e toda esta capitania sem utilidade alguma está dando atualmente esmola às religiões de Pernambuco, rogamos a V. Mcês. queiram propor esta nossa súplica a S.M.F. e impetrar da mesma soberana Senhora o socorro para nossas necessidades para que seja servida conceder para esta nossa freguesia uma casa religiosa que dispersos pela Ribeira deste continente exercitem todos os ofícios de que tanto carecemos para o bem das nossas esmolas, e porque temos levantado à nossa custa uma boa igreja distante da matriz do forte cinquenta léguas com a invocação de São Francisco das Chagas para nela sermos enterrados, o que de antes era no campo; nenhuma outra religião nos poderá suavizar e acompanhar nos nossos trabalhos do que a do mesmo patriarca; e quando não possa ser, ao menos queremos um pároco para nos administrar os sacramentos e como temos certeza por felicidade nossa, vinda da mão da divina Onipotência, de que a mesma Senhora como tão pia e tão católica e protetora da Igreja e dos seus vassallos, há de remediar as nossas aflições e as nossas angústias a V. Mcês. recorreremos para que da nossa parte sejam servidos pôr na mesma augusta e real presença a nossa mesma necessidade do que rogam mercê. ¹

¹ Coleção Studart vol. II p. 596. Parece ser este o requerimento a que no documento seguinte se refere o Pe. Cláudio, queixoso por não lhe terem apresentado, a ele como vigário, mas sim ao religioso, cuja assinatura haviam solicitado. – Diz o copista no fim: “Segue um grande número de assinaturas” sem que ele reproduza nenhuma.

NOVAS PETIÇÕES DOS CANINDEENSES QUANTO À CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

I. 1801-1802 :

A) Exposição dos Canindeenses

“Ilmo. e Revmo. Sr. – Dizem os povos do Canindé, Curu e seus subúrbios abaixo assinados que na dita ribeira têm edificado um majestoso templo por terem vivido reduzidos à última miséria do Pasto Espiritual e com efeito há muitos anos pretendem elevar o mesmo templo a matriz pelas justíssimas causas que com o devido respeito vão apor na respeitável presença de V. Revma. Pelos itens seguintes: 1º Item: Que a dita igreja está sita em lugar decente e se acha ricamente ornada tanto no interior como no exterior para o justo fim suplicado.

2º Item: Que na dita igreja se acha colocado o Ssmo. Sacramento com toda a decência e acessórios necessários para qualquer função.

3º Item: Que à custa dos mesmos povos se conversa um administrador que elegeu o Rev. Visitador Francisco Sales Gurjão.

4º Item: Que estes miseráveis povos até o presente não ouviram a voz do seu legítimo pastor para satisfazer o preceito quaresmal tarde e fora do tempo, e outras ocasiões ficam de um ano para outro como foi à ribeira do Curu no ano de 99.

5º Item: Que estas ribeiras e serras são compostas de muitos pobres e poucos ricos; por essa razão padecem grandes incômodos na administração do sacramento do Matrimônio por não terem para pagar licenças e gastos nas viagens que necessitam fazer de 50 e mais léguas, vivendo muitos por essa razão metidos pelas brenhas à maneira de feras em atual concubinato.

6º Item: Que os povos abaixo assinados não defraudam a freguesia alguma, nem ainda a própria matriz de Fortaleza por distarem dela 50 ou mais léguas pegando suas extremas da barra do Curu para cima com suas vertentes até a serra do Machado, cabeceiras do Cangati ou para onde for justo e conveniente.

7º Item: Que as ribeiras mencionadas fazem conveniência ao seu Rev. Pároco mais de 30 bois, conhecenças do povo; avalio muitos casamentos, batizados, e muito bastantes para sustentar um novo Pároco e serem mais bem (ilegível – papel roto)...

8º Item: Que já V. Excia. Revma. por seu alto despacho mandou que, ouvido o Rev. Pároco Cláudio Alves da Costa, informasse ao Rev. Dr. Visitador; mas houve um religioso³ que subscreveu o requerimento e informação da Câmara da Vila de Fortaleza que continha a distância das léguas, e mais não quis entregar, ou por fragilidade ou por respeitos.

Estas são, Exmo. e Revmo. Sr., as justíssimas causas que alegam estes miseráveis povos assinantes, pela grande falta que experimentam na administração dos santos sacramentos, motivo por que confiam na alta proteção de V. Excia. Revma., serem atendidos e portanto pedem a V. Excia. Revma. atendendo ao exposto pelas Chagas de Jesus Cristo deferir a estes miseráveis povos com a costumada justiça, piedade e caridade que requerem para um fim tão santo. E.R. Mcê. Simão Barbosa Cordeiro, Francisco Barbosa Cordeiro,

Antonio dos Santos Lessa, Antonio Francisco dos Santos Lessa, Reinaldo Gomes Bezerra, Joaquim Inácio Vieira, Manuel Roiz Chaves etc.”.

Despacho: O Rev. Visitador ouvindo ao Rev. Pároco por escrito nos informe com o seu parecer em carta fechada. Palácio de Olinda, 18 de novembro de 1801 (segue a rubrica do Exmo. Bispo). (Seguem vários termos de 10 e 16 de fevereiro de 1802, lançados ao ensejo da visita pastoral então feita em Milagres Ceará pelo visitador do Ceará José Pereira de Castro).

B) Autodefesa do Pároco

Resposta: Ilmo. Revmo. Dr. Visitador. No dia 20 mês de março do corrente ano, me foi apresentado o respeitável e doutíssimo despacho de S. Excia. Revma. dado no requerimento dos povos de Canindé e Curu desta freguesia que V. S. agravou com a sua portaria de 10 de fevereiro que continha o mesmo requerimento, com a cláusula de que sem perda de tempo respondesse ao seu conteúdo. O que faço agora apesar de ter por legítima escusa da demora o imenso trabalho do meu ofício na presente estação. Os moradores da ribeira de Canindé e Curu e seus subúrbios com o sinistro requerimento que fizeram a S. Excia. Revma. buscam o que lhes convém e querem ter mais vizinho o seu pastor procurando desmembrar desta freguesia de N. Sra. da Assunção do Ceará Grande os termos que constam do mesmo requerimento e ficarem estes pertencendo unicamente à igreja de São Francisco de Canindé erigindo-se em nova freguesia separada desta, não só porque se não expõe a S. Excia. Revma. a verdade pura e sincera, encobre-se a intriga e razões mundanas e particulares com a mesma máscara do zelo e da religião, mas também por nos itens do mesmo requerimento se manifestar a falsidade de sua pretensão como eu vou ponderar a V. S. respondendo a cada dos ditos itens com aquela sinceridade, retidão e respeito com que deve um filial e humilde súdito.

Segue-se. Quanto ao 1º Item, exageram muitos os suplicantes em dizerem ser a igreja de São Francisco do Canindé um templo majestoso e se acha ricamente ornado, quando para o sertão é uma decente igreja, suposto que pequena e cheia de infinitos defeitos pela sua construção e material;

Ao 2º. Que o Revmo. Visitador Francisco de Sales Gurjão a instâncias do Pe. João José Vieira e alguns moradores daquele lugar de seu moto próprio sem ouvir-me antes de Ter visitado a matriz que é a da Capital permitiu a colocação do SSmo. Sacramento na dita igreja filial.

Ao 3º. Que o dito Pe. João José Vieira quando foi pelo dito Visitador nomeado administrador já era capelão daquela igreja e eu dava ao dito Pe. a 3ª parte de tudo o que rendiam aqueles direitos isto desde 1798 muito anterior ao tempo em que foi nomeado administrador, não percebendo o mesmo Padre para isto maior estipêndio dos povos e tão-somente a referida 3ª parte conforme as contas que o sobredito Pe. Capelão me dava o que posso mostrar, em todo tempo e ocasião.

Ao 4º. Bem contra a minha vontade, digo ser menos verdade o que os Suplicantes alegam a respeito de não terem sido desobrigados no ano de 1799, porquanto o Pe. Antonio José Cavalcante, hoje Capelão da Tropa da Guarnição desta praça, foi a rôgo meu do dito ano confessar e desobrigar os moradores da ribeira do Curu e porque o dito Padre não pôde passar para cima do lugar do Estreito, restando ainda para confessar e desobrigar alguns poucos moradores e 4 fazendas que eram a Conceição, Todos os Santos, Cangati o

Chinaoquê pedi ao sobredito Pe. João José Vieira os fosse confessar e desobrigar o que prontamente executou, remunerando a ambos com a 3ª parte do rendimento daqueles distribos pelo seu trabalho; pois, não tenho mostrado pelas muitas diligências que tenho feito para ter quem me ajude, suplicando a 1ª vez ao Revmo. Governador do Bispado Alexandre Bernardino dos Reis, Coadjutor, ao mesmo Revmo. Visitador Francisco de Sales Gurjão, roguei com instâncias grandes o mesmo auxílio, sendo repetidas vezes a minha súplica, o que nunca pude conseguir, por falta de sacerdotes e ultimamente recorrendo a S. Excia. Revma. se dignasse como Pai ouvir as minhas súplicas mandando-se um coadjutor o ano passado que foi de 1801.

Ao 5º. É menos verdade dizerem os suplicantes que do Canindé a esta vila são 50 e mais léguas, quando não são senão 30, e mesmo é a Serra da Uruburetama e só das cabeceiras do Curu a esta mesma vila é que são 46. O que merece, porém, Ilmo. e Revmo. Sr., uma série reflexão é dizerem os mesmos suplicantes que a longitude em que eu resido lhes fica muito distante para a celebração do matrimônio e que sendo assim que vivem muitos concubinados sem poderem por este princípio desatar-se da cruel ligadura em que vivem não se lembrando estes ou quem os aconselha que muitos destes devem recorrer à câmara episcopal de S. Excia. Revma. que dista da freguesia mais de 200 léguas, ainda quando o sacramento do matrimônio não é ex necessitate medii ad salvandum e os que vivem concubinados ou são ricos ou são pobres; se ricos, o seu poder despótico e absoluto obriga a que se oculte a verdade, e se pobres, como os bens são nenhuns nos campos e desertos acham sua morada e subsistência fugindo quando os perseguem para diferentes Capitánias pelo que zombam das leis canônicas, e ainda das do Reino, pois que as pessoas que assim vivem não lhes dá de censura o menos que lhes defiram os sacramentos como cotidianamente eu observo, nesta mesma vila, à face da igreja e também do Governo e Justiça.

Ao 6º e ao 7º. São entre si contraditórios, pois, diversos suplicantes dizem que na divisão que fazem não dependem em coisa alguma esta freguesia, quando a dividem em mais da metade tanto em terreno como em rendimento porquanto aquela parte que eles pretendem dividir é mais pingue e de maior lucro por conter em si a criação de gados, que as areias próximas ao mar pouco ou nenhum lucro dão porque se fazem incapazes de tal produção e se os povos de toda esta freguesia anualmente dão de desobriga somente 50 bois de toda a sorte, destes tirados mais de trinta que rendem aqueles me ficam ainda menos de 20, o mesmo é nas conhecenças do povo avulso, casamentos batizados e enterros, o que é muito bastante, o que não nego para sustentar um novo pároco no Canindé, porque deste sítio à barra do Curu vão 30 léguas e outras tantas à Serra da Uruburetama e às cabeceiras do mesmo Curu que nasce na Serra do Machado vão 36 léguas de distância ficando a matriz desta vila que S.ª R. tanto procura aumentar pela independência do Governo, Estabelecimento da Junta da Real Fazenda, Inspeção do Algodão e Fábrica de refinar salitre em maior (?...) é mais deplorável estado em que se possa imaginar porque só lhe fica de longitude 19 léguas e de latitude 9, resumindo estas vem a ficar em partes em menos de 5 léguas, e tanto mais se deve atender que entre tudo isto se vem cravar 3 vilas de índios que são Messejana, Arronches e Soure. Estas de nada aproveitam a esta matriz; pois, têm e conservam uma ordem do Exmo. e Revmo. Sr. D. Diogo, antecessor de S. Excia. Revma. para que os paroquianos desta matriz dos índios, onde se dá a sepultura a muitos; daqui se segue não ter rendimentos com que faça alfaias, ornamentos e vestes de que indispensavelmente precisa como poderá atestar o sobredito Revmo. Visitador Francisco de Sales Gurjão; pois, se a dita matriz pelos rendimentos das confrarias, além da fábrica não pode ocorrer a sua reedificação, não sendo bastante as muitas esmolas que tenho tirado fora mais de 200\$000 que tenho gasto de meu próprio dinheiro. Se os pobres desta freguesia não podem ser socorridos por mim na forma do Concílio, se eu nesta Vila Capital à face do Governo dos Tribunais, da Justiça superiores

e do mais respeitável povo desta Capitania não sou obrigado a sustentar-me e tratar-me com decência própria do meu caráter e ministério, V. S. considere que lhe falo em verdade de sacerdote que ainda tendo tido o rendimento o não posso fazer, e sofrendo esta divisão ficará esta freguesia ainda para os vindouros sem ter quem ocupar pelo pouco rendimento e não poder de forma alguma acudir ao reparo dela e seus indispensáveis ornamentos, e virá por fim ter a mesma sorte que têm as vilas dos índios, por não haver sacerdotes que queiram ser vigário pelo tênue rendimento e grandes misérias que padecem.

Ao 8º e último. Segundo o que acabo de expor parecerá que eu defendo a desmembração da ribeira do Canindé e Curu desta Freguesia, como parte interessada e que pretendo o meu cômodo do incômodo de outrem; porém coram Deo juro que não me importa ser ou não pároco desta freguesia para expor as razões que deixo alegadas e de fazer as invectivas dos suplicantes. Quanto ao que os mesmos suplicantes alegam a respeito de outro requerimento que dizem terem já feito sobre este assunto eu nunca fui ciente se os suplicantes fizeram ou não tal requerimento nem dele soube coisa alguma, sei na verdade que os povos daqueles distritos deveriam ser gratos aos grandes benefícios que receberam do mesmo religioso que tão indignamente procuram macular sem razão ou fundamento algum no fim do presente artigo; pois, a ele devem e ao falecido Francisco Xavier de Medeiros ter a igreja de São Francisco do Canindé. E sendo assim (ilegível...) da inata e nunca imutável justiça de S. Excia. Revma, que refletindo sobre esta matéria de tão grande consequência deferirá o que for justo. Tudo o que digo atesto debaixo da fé de pároco.

Vila da Fortaleza, 20 de abril de 1802. “**Cláudio Álvares da Costa**, Pároco da Fortaleza”.

C) Parecer do Visitador eclesiástico

“Ilmo. e Revmo. Sr. Manda-me V. Excia que ouvindo o Reverendo Pároco da Vila de Fortaleza, por escrito informe em carta fechada sobre o requerimento dos moradores do Canindé, e Curu, que vai anexo a esta e eu querendo em tudo obedecer como devo a V. Excia. no mesmo dia em que me foi entregue o respeitável despacho de V. Excia. passei a portaria que também vai junto e se bem que tive a resposta do Rev. Pároco retardada e quando já me achava na Povoação de S. João de caminho para esta Cidade a dar conta da visita, parece que me vejo contudo na necessidade de informar sobre este objeto para obedecer completamente a V. Excia. o que faço dizendo que é certo que estes miseráveis povos alguma razão têm de se queixarem, pois, segundo me informam pessoas fiéis e eu de alguma sorte tenho presenciado, pois sou seu vizinho, além do que vi quando passei pelo Curu e Serra da Uruburetama indo para visita, eles sofrem seus incômodos espirituais ou seja porque ainda não ouviram a voz de seu pastor, como justamente alegam e por isso talvez não sejam socorridos a tempo como aconteceu no ano de 99, em que ficaram muitos por desobrigar do preceito quaresmal, e só o fizeram no ano de 1800 com o Pe. João José, ou seja por viverem muito longe de sua matriz, pois dela muitos moram retirados 50 e 60 léguas, como são os que ficam para as partes da serra do Machado. Também é certo que, tirando-se desta freguesia a ribeira do Canindé e Curu, fica ela menos pingue, mas que fique de toda defraudada e reduzida à sorte das vilas de índios é exageração nascida no amor próprio, pois só a Serra da Uruburetama cuja parte principal pertence a esta freguesia em dependência de outro algum lugar. Portanto persuado-me que tirando somente a ribeira do Canindé e até sua barra (e não a ribeira do Curu até a sua barra como querem estes moradores) fica ainda muito grande a freguesia da Fortaleza, o seu pároco com que bem possa tratar-se e estes povos bem remediados com a sua pretendida freguesia na sua igreja, que me dizem ser uma das melhores do sertão. É o que posso informar a V. Excia. que mandará o que for servido.

Povoação de S. João, aos 4 de junho de 1802. De V. Excia. súdito e criado o mais humilde **José Pereira de Castro**.

Despacho: Não devo cuidar de divisão de Igreja quando espero virá com brevidade para o seu bispado o Exmo. e Revmo. Prelado a quem devem recorrer com os documentos juntos para serem deferidos, como lhe parecer justo. Olinda, 28 de julho de 1802. Estava a rubrica do governador do Bispado.

² APEC – OTDP, fl. 16v ss.

³ Parece tratar-se ou de Frei José de Sta. Clara Monte Falco, OFM cuja presença temporária em Canindé atestam os livros de batizados de S. José de Ribamar (1781-1800) ou de Frei Vital de Frascarolo, OFM Cap. (Cf. capítulo II nota 8 e capítulo III nota 5).

II. 1816

A) O Governador do Ceará apresenta a D. João VI o pedido dos canindeenses

“Satisfazendo ao que me requereram os povos das ribeiras do Canindé, Curu e Cachitoré, ponho na augusta presença de V. M. o requerimento incluso dos mesmos povos, em que pedem a criação de uma nova freguesia que tenha por matriz a igreja de São Francisco do Canindé, e por distritos as ribeiras do Canindé e de Cachitoré com todas as suas águas vertentes e o alto da ribeira do Curu, até o lugar aonde o rio Canindé conflui com o do Curu, ou segundo a expressão do País “faz barra” no rio Curu, sendo este território desmembrado da freguesia desta Vila de Fortaleza.

Os documentos juntos à representação mostram que já em 1801 os povos requereram a criação desta freguesia. E se já naquela época o honrado Visitador José Pereira de Castro, Vigário da freguesia de Aquirás, limítrofe a esta da Fortaleza, julgou necessária esta divisão, apesar de ser contra o seu próprio interesse a partida de semelhantes divisões, e apesar do que alegou o Pe. Cláudio Álvares da Costa, então vigário da Fortaleza, fazendo ver o cuidado que, segundo me consta sempre aquele vigário teve de não faltar com o pasto espiritual a seus fregueses. Se já naquele tempo, pois era necessária uma semelhante divisão, que será presentemente tendo a população tido um considerável aumento, muito mais nestes últimos tempos, em que esta vila e seus arredores se têm tornado asilo de muitas famílias fugitivas de diferentes lugares da Capitania, e sobretudo da vila de Sobral, e faltando o atual vigário tão essencialmente aos seus deveres. Constam-me que na ribeira do Canindé se acham estabelecidas vinte fazendas de gado entre grandes e pequenas de que o vigário tira anualmente de conhecenças 80 bezerros, ou 160\$000 além das conhecenças dos moradores da Povoação e mais habitantes de toda a ribeira e além de todos os batizados, casamentos e enterros. A ribeira do Cachitoré é igualmente povoada de fazendas de gado e de moradores avulsos. Não é de tanto interesse o alto da ribeira do Curu, mas a serra do Machado até agora apenas conhecida, depois que fiz abrir a nova estrada desta capital para a ribeira do depois que fiz abrir a nova estrada desta capital para a ribeira do Canindé, principia a ser muito cultivada e promete grandes vantagens pela preciosidade do seu algodão que se diz ser igual em qualidade ao da serra do Baturité, o melhor também que há no mundo. Todos os habitantes daquela ribeira e particularmente os da ribeira do Canindé cujo número é de esperar em aumento sofrem os males alegados no requerimento, em que sem dúvida nada está exagerado, antes minorado pela contemplação que em geral todos os povos [têm] pelo seu vigário, nem eu me atreveria e pôr na augusta presença de V. M. esta representação, se [não] estivesse inteiramente convencido da sua verdade e justiça. Não conheço em toda a

Capitania vigário algum que menos satisfaça os seus deveres, que o desta Capital. Tem esta freguesia quatro capelas filiais, a saber, a do Canindé, a da Santa Cruz, a do Trairi e a do Siupé, além de outras mais em Maranguape depois que declarou que a povoação e serra deste nome não pertenciam mais à freguesia de Aranches. Em cada uma destas capelas havia como é necessário um sacerdote para acudir as necessidades espirituais dos povos, mas de certo tempo em diante a demasiada ambição deste vigário e as suas repetidas questões com os referidos capelães sobre a divisão dos interesses da estola, além de outros motivos, filhos de seu gênio turbulento e irrequieto, afugentaram todos os sacerdotes de maneira que presentemente só há capelães nas duas capelas do Siupé e de Santa Cruz, achando-se os povos de Canindé há seis meses sem sacerdote ², que lhes administre os sacramentos como os suplicantes justamente e com verdade representam, sendo também verdade de que o vigário sai repetidas vezes do recinto da sua freguesia, a fim de melhor urdir as intrigas, em que sempre anda envolvido com escândalo tal que até a matriz esteve o ano passado, por espaço de três meses, fechada e sem que nela se celebrassem os ofícios divinos. Em todos estes sertões, há grande devoção com a imagem de São Francisco das Chagas da Igreja de Canindé, aonde repetidas vezes vêm de romaria muitas famílias dos sertões do Piauí, de Pernambuco, e mesmo da Bahia, de que resultam grandes esmolas, cuja aplicação eu ignoro, mas que os povos pretendem que o vigário tem convertido em sua própria utilidade, assim como também o rendimento do Patrimônio da capela, como alegam na representação, [esta] asserção talvez dê lugar o ter se escolhido um cunhado do mesmo vigário para tesoureiro destes rendimentos ou ignora-se o destino e aplicação que tem tido, constando unicamente por uma voz vaga e talvez sem fundamento que em um cofre destinado para este fim existem tão somente obrigações passadas pelo vigário, o que só se pode verificar pelos meios da Lei, ou dignando-se V. M. deferir a súplica dos povos.

Para maior clareza da pretensão dos suplicantes ponho na presença de V. M. a carta do distrito desta freguesia em que fiz notar com um traço verde a parte que os suplicantes designam para a nova freguesia de Canindé, no que seguiram a prática geralmente adotada nestes sertões de fazer semelhantes divisões pelas vertentes das águas como menos sujeitas a alterações. Entretanto eu julgo mais acertado que fiquem também pertencendo à nova freguesia todas as partes da serra da Uruburetama, denominada Santa Cruz da Uruburetama (cuja separação das planícies a que mais particularmente se dá o nome de sertão também é assaz fácil) não só por lhe ficar a povoação do Canindé mais perto do que esta vila, mas pelas relações que os cultivadores desta parte da serra têm com os criadores da ribeira do Canindé, e porque continuando o comércio desta vila a prosperar, como é de esperar, dentro em breve tempo não poderá o vigário daqui sair sem fazer grande falta aos seus fregueses aqui residentes. Pedem os povos para ser 1º vigário o Pe. Francisco de Paulo Barros, que tenho sido por algum tempo capelão da capela do Canindé se viu por fim obrigado a retirar-se a outra freguesia, pelos motivos que acima tive a honra de expor a V. M. e que se achando agora na ribeira de Banabuiu 60 a 70 léguas desta Capital, foi pelos povos de Canindé chamado para lhes dizer missa pela Páscoa do Espírito Santo e para ser seu procurador nesta pretensão em que tanto interessa o sossego das suas consciências. Este sacerdote pela sua sisudeza, conduta e bom caráter tem constantemente merecido a afeição dos povos, com que tem vivido, e é de esperar que sempre assim continue. Nada direi quanto aos seus conhecimentos teológicos por não ter tido ocasião de podê-los apreciar, mas ouvido no púlpito não difere dos outros sacerdotes do sertão. Qualquer, pois, que seja a divisão da nova freguesia que for mais de agrado de V. M. e qualquer que seja o sacerdote que V. M. se digne nomear para 1º vigário, julgo o deferimento do presente requerimento muito próprio do pio e religioso espírito de V. M. e muito digno da real munificência que eu como governador destes povos e encarregado por V. M. de lhes procurar tudo o que lhes possa ser útil me atrevo a implorar. V. M., porém lhes deferirá como for da sua real vontade. A muito alta e

muito poderosa pessoa de V. M. guarde Deus muitos anos como havemos mister. Vila de Fortaleza, 12 de julho de 1816. **Manuel Inácio de Sampaio**”.

B) O requerimento dos canindeenses

“Ilmo. e Exmo. Sr. Governador. Dizem os povos abaixo assinados, das ribeiras do Canindé, Curu, Cachitoré e suas vizinhanças, desta Capitania do Ceará Grande que, por habitarem distante de sua matriz 30, 40 50 e mais léguas, se esforçaram a erigir uma capela na povoação do Canindé dedicada ao patriarca São Francisco das Chagas à custa deles mesmos para repararem a falta do pasto espiritual que experimentavam, e dos próprios bens doaram uma légua de terras em que se erigiu a dita capela, e onde situaram uma fazenda de gados para o patrimônio da mesma, a qual se vê majestosamente erguida com o devido frontispício, duas torres, seus corredores, e fachada toda e a têm ornada com todos os paramentos necessários para a celebração do Sto. Sacrifício da Missa e também da instituição do Smo. Sacramento para se lhes acudir com o Viático estando enfermos e o têm atualmente em seu sacrário com todo o mister para sua decência, e para não haver falta contribuíram com certa porção de gados os quais estão situados nas terras do mesmo patrimônio da capela. Não obstante as pias demonstrações do catolicismo e religião que têm praticado os suplicamos contudo experimentam contínua falta de administração dos sacramentos, pois que já têm passado ano inteiro sem comparecerem com o santo preceito da confissão pascal porque os seus respectivos párocos faltos de zelo não saem ou mandam confessar os povos pelas fazendas como são obrigados pela instituição da mesma freguesia. Por estas justíssimas causas os suplicantes tentaram dividir esta freguesia para terem o consta dos documentos juntos, o que não conseguiram porque os párocos ambiciosamente não convêm para este fim, pois não se fartam de locupletar, embora padeçam os seus paroquianos a falta de cura espiritual com a razão de seus ofícios pastorais. Presentemente mais que nunca os suplicantes padecem a considerável e urgentíssima falta do bem das suas almas, pois que estão em total desamparo, fechada a capela, sem capelão, ou quem suas vezes faça, longe de sua matriz, e de outras que ao menos os socorram por caridade na importantíssima hora da morte, todos por confessar para desobrigar morrendo ao desamparo, enterrados como brutos, sem ouvirem missa, seus filhos pagãos, finalmente como ovelhas desgarradas sem pastor, pois o respectivo pároco se acha fora dos limites de sua freguesia, esquecido de suas ovelhas tristes e consternadas. Os suplicantes, de mais a mais, observam com dor o domínio do patrimônio da mesma capela o qual fizeram em detrimento de suas famílias, a fim de terem mais segura e pronta a administração dos sacramentos e do pasto espiritual, e brevemente se destruirá todo, à falta de um legítimo administrador. Nestes termos, os suplicantes recorrem a V. Excía. para que se digne lançar vistas de misericórdia sobre tantos males representando a S. Majestade Fidelíssima a necessidade, de justiça e razão dos suplicantes para obterem a divisão desta freguesia, cujos limites devem ser os seguintes: Toda a ribeira do Canindé, pelo nascente até a serra de Baturité a confinar com a freguesia do Aquirás e vindo Canindé abaixo para o rio do Curu, e extrema na barra do Cachitoré, e subindo pelo mesmo rio Cachitoré a compreender tudo quanto fica para a parte do mesmo Canindé e Curu e procurando o poente sobe pela mesma ribeira do Curu até a serra do Machado a confinar com a freguesia de Quixeramobim. Esta partilha não prejudica a freguesia de Fortaleza, porque lhe ficam três capelas filiais: Uruburetama, Trairi, Siupé além da planta da mesma vila que compreende a serra do Maranguape e em todas estas partes habitam muitos povos, e estão situadas muitas fazendas de que resulta ao pároco bastante interesse para sua subsistência. Os suplicantes têm nomeado para esta pretensão ao Rev. Francisco de Paula Barros, o qual lhes administrou sacramentos por espaço de três anos, com toda a honra, zelo, caridade e inteireza e não tem nota que o embarace a exercer o ofício

pastoral, portanto pedem a V. Excia. seja serviço atender aos suplicantes representando a S. M. Fidelíssima, não só a verdade do exposto como tudo mais que lhe for a bem. Esperam receber mercê. O capitão Julião Coelho da Silva, José Joaquim da Rocha, José da Costa, Manuel Abreu de Oliveira, Manuel Ramalho de Castro, etc”.

¹ Para melhor compreensão do assunto ler primeiro o requerimento dos canindeenses sob a letra B. Aqui se obedece à ordem observada no original do APEC-OTDP.

² Além de outros exageros merece correção a inverdade cometida quanto à pretensa falta de sacerdote em Canindé. Pois, na verdade, o Pe. Rodrigo José de Melo ocupou o lugar do Pe. Francisco de Paula Barros de dezembro de 1815 até setembro de 1818, substituindo-o ainda depois esporadicamente conforme demonstra o “Livro de contas do Patrimônio de S. Francisco” fls. 117 e 123.

1º Despacho:

Selem os documentos na forma da lei. Vila da Fortaleza, 25 de junho de 1816. Estava a rubrica do Ilmo. Sr. Governador desta Capitania, **Manuel Inácio de Sampaio**.

Verba do selo: nº 926 pagou 400 réis de selo. Fortaleza, 27 de junho de 1816.
Garcia Faria.

2º Despacho:

Serão atendidos. Vila da Fortaleza, 28 de junho de 1816. Estava a rubrica do Ilmo. Sr. Governador desta Capitania, **Manuel Inácio de Sampaio**.

III. 1816 ¹

A) Petição de Antonio José Moreira Gomes

Por Despacho da Mesa da Comca. E Ords. de 8 de maio de 1816.

CÓPIA

Senhor. Diz Antonio José Moreira Gomes Capitão-Mor das Ordenanças da Vila da Fortaleza na Capitania do Ceará Grande, que compreendendo a Freguesia daquela Vila denominada São José de Riba Mar a extensão de todo Termo, que abrange mais de quarenta léguas em quadra com todas as suas Serras e Ribeiras em que há mais de doze mil e oitocentos habitantes segundo o Mapa da população de mil oitocentos e doze há nos limites da mesma uma Ribeira denominada Canindé com uma povoação, e competente Capela, que dista da Matriz trinta léguas com a invocação de São Francisco das Chagas edificada pelos povos onde se conserva o Santíssimo Sacramento, os quais estabeleceram duas fazendas de gado em terras próprias, uma para Patrimônio dela, e outra para com o seu rendimento conservar-se o Sacramento com a decência, que convém, deixando de ser visitado por muitos Párcos, em todo o tempo que serviram pela distância de trinta léguas, falecendo, entretanto muitas pessoas sem sacramentos, e faltando quem batizasse aos recém-nascidos esperando-se que de ano a ano, ou em espaço de mais tempo aparecesse algum Sacerdote enviado pelo Pároco para fazer as desobrigas, e batizamentos, ficando assim mesmo muitas pessoas sem terem esta consolação pela rapidez com que os Comissários faziam estas diligências,

dificuldades estas, que moveram o povo a fundar a dita Capela, e constituírem o mencionado patrimônio para a qual os Párocos nunca pagaram capelão como eram obrigados, e como ordenaram os visitadores tratando somente de receberem as conhecenças exorbitantes de dois mil réis, ou um boi deixando os povos, além disso, na urgente necessidade de fazerem porção a um Sacerdote para servir ali de Capelão a fim de ter ali quem lhes administre os Sacramentos. Alegadas estas razões ao Excelentíssimo Bispo Dom Joaquim José de Azevedo Coutinho, requerida a criação de uma nova Freguesia naquela Ribeira de Canindé, o mandou tomar as necessárias informações, mas não se realizou a dita criação porque aquele Prelado ausentou-se, entretanto para a Corte de Lisboa. E porque existem as mesmas causas, e o Suplicante possuindo na dita ribeira quatro Fazendas de Gados e uma de Agricultura ² sofre os incômodos expostos; por si e como bem do Povo humildemente Suplica da Alta Grandeza de Vossa Majestade a Criação de uma nova Freguesia na mencionada Ribeira desmembrada da Vila da Fortaleza do Ceará servindo de Matriz a dita Capela de São Francisco das Chagas compreendendo o limite da mesma Ribeira de Canindé, e a Ribeira de Cachitoré, que lhe fica próxima fazendo-se a divisa desta última no lugar denominado o Serrito junto ao Rio Curu pela Estrada Real, que passa pelos fundões para a Vila do Sobral, ficando filial a esta nova Freguesia a Capela de Santa Cruz da Uruburetama, que dista perto de vinte léguas da dita Capela de São Francisco de Canindé, e mais de trinta da atual Matriz da Vila da Fortaleza, a qual ainda fica com maior número de Ribeiras, e de população, e com duas Capelas filiais uma na povoação de Ciapé que dista dela doze léguas, e outra no Trairi, distante daquela outra Capela doze léguas digo quatorze léguas, vindo desta forma a ficarem estas duas freguesias uma para o centro do sertão com mais de quatro, ou cinco mil habitantes, e outra pela Costa do Mar, e ambas com muito mais que suficiente rendimento para a sustentação dos respectivos Párocos; e só desta maneira poderão os povos receberem a tempo os socorros espirituais cuja falta lhes serve de uma grande desconolação, e o que tem merecido o paternal cuidado de Vossa Majestade, quando com a sua residência neste novo Reino de Tem Dignado dar iguais providências criando muitas, e diferentes Freguesias em todos os Bispados da América. Pede a Vossa Majestade seja Serviço atender ao expendido e assim o Mandar. E receberá Mercê.

Antonio José Moreira Gomes (Segue-se palavra ilegível)

¹ ANR secção hist. cx. 287 – doc. 52 – fls. 5v, 6v, 7v, 8v, 9v.

² O capitão-mor Antonio José Moreira Gomes que, em 1777, chegou de Portugal, doou em 1805, a lâmpada ao Santuário de São Francisco; foi assassinado, aos 23-2-1823, e enterrado na matriz de S. Francisco de Canindé (Ob. Can., iniciado aos 16-5-1819, fl. 23). Constam as fazendas do capitão-mor: Sta. Clara, Serriema e Ipuieras.

B) D. João VI pede informes sobre o requerimento acima ³

Dom João, por graça de Deus Rei do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves d'água e dalém Mar em África Senhor de Guine etc. (?) como governador e perpétuo administrador que sou do mestrado, cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mando a Vós, Reverendo bispo eleito e vigário capitular de Pernambuco ⁴ Me informeis sobre o requerimento de Antonio José Moreira Gomes no verso desta copiado, ouvindo o pároco suplicado por escrito. El-Rei Nosso Senhor o manda pelos ministros abaixo assinados do seu conselho e deputado da mesa da consciência e ordens. João Gaspar da Silva Lisboa a fez. Rio de Janeiro 25-5-1816. Joaquim José de Magalhães Coitinho as (?) escreveu. Bernardo José da Cunha Gui. Mag. Monsenhor Miranda.

**PROPOSTAS DE ANTONIO JOSÉ MOREIRA GOMES SOBRE TRIBUTOS
PAROQUIAIS. ¹**

I

Senhor

Diz o capitão-mor Antonio José Moreira Gomes que havendo representado a V. Majestade a necessidade que havia de se criar uma nova freguesia na Ribeira do Canindé, desmembrando-se da Fortaleza no Ceará foi V. Majestade, depois de mandar proceder as averiguações necessárias, servido por sua imediata resolução de 3 do corrente setembro tomada em consulta da mesa da consciência e ordens, criar a dita freguesia, sendo a matriz a capela de São Francisco que dista trinta léguas da vila da Fortaleza e por que com esta nova criação é muito necessário fixar-se uma quantia certa de conhecenças para removerem-se as contestações sempre odiosas entre os párocos e fregueses, muito principalmente porque há grande variedade nas freguesias do bispado de Pernambuco, tem o suplicante a honra de expor na Real presença de V. Majestade que sendo nos tempos remotos a matriz da vila da Fortaleza filial da de Aquiraz, de que foi desmembrada a requerimento dos povos concordaram em... desde o rio de S. Gonçalo que dista da vila dez léguas, para o sertão pagando a conhecença dobrada e de cada Fazenda de Gado em que anualmente houvessem de cinquenta bezerros para cima pagariam dois mil réis ou que se vendia regularmente por aquele preço até ao ano de 1792, em que aquela Capitania sofreu a grande seca que fez aumentar o preço do gado de maneira que tem chegado a seis e a oito mil réis e os párocos cheios de ambição não querem estar pela alternativa dos dois mil réis e exigem por força o boi; acrescendo a isto denominarem Fazenda qualquer lugar onde existem currais, alguns dos quais só servem para se recolherem algumas vacas de leite com que naqueles sertões se remedia a pobreza, ao mesmo tempo que, achando-se hoje povoadíssimos aqueles sertões, é visível o aumento de rendimento dos párocos a que os fregueses quiseram então atender quando havia poucas fazendas e era diminuto o seu rendimento, prestando-se a dar-lhes conhecença dobrada e a quantia de dois mil réis um boi pelos ir desobrigar as ribeiras distantes e sendo ocasião oportuna estabelecer-se a cômgrua na nova freguesia agora que é fundada e o suplicante tem no distrito da mesma as duas fazendas de gado e plantação por si e com o bem do povo humildemente requer a V. Majestade seja serviço fazer-lhe a graça de ordenar que nas seis léguas de circunferência da nova matriz de São Francisco de Canindé os fregueses não sejam obrigados a pagar maior conhecença que a estabelecida na constituição do bispado, visto que os habitantes daquela distância e ainda de maiores vão à dita igreja nos dias de preceito e que das freguesias (?)Gado fora daqueles, e cuja produção anual exceder a trinta bezerros pague o proprietário dois mil réis em dinheiro, como se acha estabelecido na freguesia da Vila de Campo Maior, e em outras muitas da mesma Capitania e Bispado, ficando o Pároco sem direito de exigir esta quantia em espécie, removendo-se por esta forma a Contestação, que se pode suscitar com o acréscimo, ou diminuição do preço do gado.

Pa. V. M. Se Digne de Fazer ao Supe. a Graça que Suplica.

E. R. Mcê.

Antonio José Moreira Gomes.

Dizeres à margem: Manda El-Rei N. Sr. que o Rev. Bispo de Pernambuco informe com seu parecer. Ro. Em 3-6-18. Conde de Vila Nova. Monsenhor Miranda. 2º (ilegível) deste objeto de conhecenças.

Rio, em 26 de set. de 18.

³ Ibidem – Desembargo do Paço, cx. 287 – doc. 52, referente à freguesia de S. Francisco das Chagas de Canindé – Ceará Grande 1817 (1816) fl. 5.

⁴ O bispo eleito D. Fr. Antonio de S. José Bastos, OSB e empossado como vigário capitular, em 1811, sagrou-se no Rio a 28-10-1816. Impedido de voltar a Olinda por D. João VI, faleceu no Rio em 1819 (AASBR).

¹ Desembargo do Paço – fonte: cx. 287 – doc. 52 – doc. ref. à freguesia de S. Francisco das Chagas de Canindé – Ceará Grande, 1817 fl. 4 – Arquivo Nac. do Rio – Seção hist.

II

Senhor

Diz Antonio José Moreira Gomes, Capitão mor das Ordenanças e morador na Capitania do Ceará Grande que tendo obtido de V. Majestade a graça de mandar dividir a freguesia da vila da Fortaleza, onde o suplicante reside, criando-se de novo a de São Francisco das Chagas da Ribeira de Canindé, e reconhecendo quanto se fazia necessário para evitar questões entre o novo pároco e seus paroquianos que se regulassem as benesses paroquiais desta nova freguesia assim o suplicou a V. Majestade, que houve por bem de mandar em outubro de 1817 que a mesma de consciência e ordens consultasse sobre este objeto. Mandou o Tribunal que informasse o

Reverendo Bispo de Pernambuco, que respondesse o procurador Geral das Ordens e tendo se assim cumprido mandou em 13 de novembro de 1818 que informasse o Governador da Capitania do Ceará. Não pôde então o suplicante deixar de representar àquele Tribunal que o Governador do Ceará era seu declarado inimigo, e que só por esta razão ou meteria a Ordem em si deixando de informar, ou quando informasse seria com falta de imparcialidade, e o deferimento que teve o suplicante foi que esperasse a informação do dito governador. O sucesso fez verificar a suspeita do suplicante, porque tendo decorrido mais de um ano, não consta que tenha vindo à informação e é de crer que não viesse porque a vir teria consultado o Tribunal. Toda a demora em matéria desta natureza é de sumo prejuízo àqueles povos que desejam ter toda a certeza do modo com que se deve haver com o seu pároco, evitando contestações, ódios e inimidades que delas nascem; por estes motivos, pois, recorre o suplicante à alta proteção e indefectível justiça de V. Majestade suplicando queira V. Majestade dignar-se de mandar que a mesa da Consciência e Ordens sem esperar pela informação do governador e só pela do Reverendo Bispo de Pernambuco, e resposta do Procurador Geral das Ordens passe a Consultar para que de uma vez se termine este negócio.

P.a. V. M. queira Dignar-se pela Sua Real Benevolência de Fazer ao Supe. a Graça que implora.

E. R. M.

Dizeres que se lançaram à margem: 1º Tem aviso do (ministro) secretário do Estado dos Negócios do Reino em data de 15 de novembro de 18. para se deferir como for justo.

2º Haja vista o Proc. Geral das Ordens. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 19.

3º Juntos os mais papéis, torne com esta ao Proc. Geral das Ordens. Rio de Janeiro de 1820.

4º Satisfaça-se. Rio em 26 de janeiro de 1820.

5º Junto aos papéis principais, direi. Pizarro.

6º Sr. Vão juntos. – à vista da informação e mais papéis requeridos em conformidade do despacho de 13 de novembro de 1818, direi. Pizarro (todos os despachos com os sinais em abreviaturas).

O GOVERNADOR DO CEARÁ REFERE A D. JOÃO VI SOBRE CANINDÉ¹

Senhor

Escusado. Rio, em 10 de março de 1820.

(7 rubricas)

Em cumprimento do que V. Majestade. Foi Servido Ordenar-me por Provisão deste Régio Tribunal de 19 de novembro do ano passado ouvi por escrito o Vigário da nova Freguesia de Canindé, Francisco de Paulo Barros sobre a representação do Capitão-Mor Antonio José Moreira Gomes, assim como também os seus Paroquianos por via dos dois Comandantes de distritos daquela freguesia sobre a conduta, e exigências do dito Vigário. Includas ponho na Augusta Presença de V. Majestade a resposta do Vigário, e informações dos dois Comandantes. Pelo que estes informam (que eu igualmente sei por outras vias) conhecerá V. Majestade que aqueles Paroquianos se acham perfeitamente satisfeitos com o seu novo Vigário pelo bom modo e agasalho, com que os trata, e por ter em geral diminuído as conhecenças e mais benesses, que até agora costumavam pagar. Na ocasião que aquela freguesia foi há pouco visitada pelo Visitador Antonio Gomes Coelho, estabeleceram-se de comum acordo com os fregueses os estatutos, que ele ajunta por certidão à sua resposta, os quais comparados com os desta freguesia da Vila da Fortaleza, de que existe a certidão, que inclusa ponho na Presença de V. Majestade, mostram bem quanto aqueles Povos ganharam com a criação da nova freguesia.

À vista de todo o exposto, parece estar exuberantemente deferida à súplica do Capitão-Mor Antonio José Moreira Gomes, e que sobre este objeto nada mais há a providenciar. V. Majestade, porém Mandará o que for do Seu Real Agrado.

A Muito Alta e Muito Poderosa Pessoa de V. Majestade Guarda Deus muitos anos, como havemos mister. Vila da Fortaleza do Ceará, 3 de dezembro de 1819.

Junta aos mais papéis haja vta. O Procor. G. das Ordens Rio, em 23 de fevereiro de 1820.

(3 rubricas)

Como pelos documentos juntos se mostra que o Pároco supdo. Nada tem inovado do uso, e costume sobre a cobrança dos seus direitos em prejuízo dos seus fregueses, e pelo contrário, não só se tem conformado com eles, mas com os Capítulos de Visitas, por convenção dos Povos; nada resta a providenciar em consequa.

Vão juntos. Do que requer o Sup., cuja súplica se deve indeferir. Pizarro.

¹ ANR seção de história – Doc. 52 fl. 3 e verso.

CARTA DE DOM LUÍS ANTONIO DOS SANTOS ¹

Palácio Episcopal do Ceará, 28 de novembro de 1870

Ilmo. Exmo. Sr.

Em resposta ao ofício que me dirigiu V. Excia. em data de 25 do corrente pedindo-me para informar se dei o meu assentimento ao projeto de lei nº 69 que contém artigos do compromisso da Irmandade de São Francisco das Chagas de Canindé, tenho a honra de declarar a V. Excia. que por provisão expedida, durante minha ausência, pelo Rev. Cônego Vigário Geral e Governador do bispado Hipólito Gomes Brasil, foi aprovado na parte espiritual o sobredito compromisso e bem assim todos os mais submetidos à Assembleia Provincial na legislatura proximamente finda; sendo certo segundo a prática até hoje adotada que os projetos de lei sobre compromissos de irmandade não entram em discussão sem preceder a provisão de aprovação do poder espiritual. Reitero a V. Excia. os protestos de minha estima e alta consideração. Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Sr. Desembargador. João Antonio de Araújo Freitas Henriques.

Presidente da Província.

+ Luís, Bispo do Ceará

¹ APEC 89b.

RELATÓRIO PAROQUIAL DE 1872 ¹

Exmo. Sr.

À vista da Circular dessa presidência de data de 16 de abril pp. em que se me pede informação sobre o estado e necessidade mais urgentes da matriz, capelas e cemitérios desta freguesia, tenho a honra de informar o seguinte: Primeiro que o estado da igreja matriz é assaz lisonjeiro, devido à boa direção que se há procurando dar às rendas do patrimônio do Santo Padroeiro;

Segundo que outro tanto não se pode dizer a respeito das capelas porque duas que há tempos existem nas povoações de Caiçara e São Gonçalo da Serra do Machado, lugares estes, aliás, importantes por causa de sua não pequena população, estão em mau estado e especialmente esta última que não possui sequer um ornamento com que celebrar se possa o S. e agosto Sacrifício da Missa.

Quanto, porém a cemitérios existem dois nesta Vila, dos quais um está inutilizado desde que nele se fizeram inumações de pestíferos e o outro que está servindo não se ressentir por ora de necessidade alguma urgente. Além destes, deve-se notar que existem mais três cemitérios, dois nas povoações acima referidas e o outro numa pequena povoação denominada Serra Branca os quais todos estão em péssimo estado porque tendo sido feitos a madeiras e estas se tendo naturalmente estragado com o tempo estão servido de pastagem dos animais. É o quanto se me oferece informar a V. Excia. em cujo zelo e profunda sabedoria espero as mais prósperas e sábias providências.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Sr. João Wilkens de Matos.
 DD. Presidente da Província
 Vila de Canindé, 5 de junho de 1872.
 Vigário Pedro Álvares de Araújo.

¹ APEC, 91.

RELATÓRIO DE FREI CASSIANO SOBRE CANINDÉ ¹

Ilmo. e Exmo. Senhor Presidente.

Tenho a subida honra de comunicar a V. Excia. que a chegada a esta vila dos missionários capuchinhos trouxe a calma e tranquilidade no espírito exacerbado dos seus habitantes. O benefício da Santa Missão influiu poderosamente no ânimo deles para que deixassem as caprichosas exigências e se desiludissem dos desrazoados preconceitos que os ocupavam; felizmente testemnharam mais uma vez sua docilidade à palavra do Evangelho, seu respeito à autoridade; não houve mais a menor perturbação da ordem pública, apesar de se aglomerarem milhares de pessoas a fim de assistirem aos atos das missões; as obras projetadas na igreja de São Francisco estão sendo executadas sem que haja a menor divergência, ou contradição, auferindo parte do povo, destes trabalhos, meio oportuno de subsistência nas atuais críticas emergências de uma seca que ameaçava ser desoladora.

Os trabalhos espirituais da missão têm-me, Exmo. Sr., privado de explorar como desejo e conforme V. Excia. me recomendou, um terreno conveniente em proximidade da vila para a construção de um açude; e mesmo nas circunstâncias atuais e com a pequena quantia que V. Excia. mandou pôr à nossa disposição, parece-me inconveniente abrir mão de uma obra desta ordem; os povos, Exmo. Sr., ainda vão se remediando com seus pequenos recursos, sabendo porém que há serviço público, em massa acudiriam e em breve esgotar-se-ia a pequena verba, sem contudo poder-se esperar a conclusão da obra, a qual por conseguinte ficaria baldada juntamente com os povos. À vista disso, Exmo. Sr., julguei mais oportuno tomar a direção dos trabalhos da igreja de São Francisco e manter assim a confiança nos fiéis e a ordem entre os cidadãos, aguardando mais propícia ocasião para tratar do açude.

É quanto tenho de levar ao alto conhecimento de V. Excia. em desempenho de minha missão; queira entretanto V. Excia. mandar suas ordens e aceitar os nossos protestos da mais subida consideração.

Deus guarde a V. Excia.
 Vila de Canindé, 12 de julho de 1888.
 Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Antonio Caio da Sa. Prado.
 M. D. Presidente da Província do Ceará.
 O Missionário Capuchinho.
 Frei Cassiano de Comachio.

D. JOAQUIM JOSÉ VIEIRA ORIENTA SOBRE A TRASLADAÇÃO DAS IMAGENS. ¹

I. Palácio Episcopal do Ceará, em 20 de abril de 1888.

Ilmos. Srs. – O deplorável fato que se há dado nessa freguesia do Canindé, por ocasião da projetada trasladação das Imagens, e dos utensílios necessários para a administração dos Sacramentos da Igreja Matriz para a Capela de Nossa Senhora das Dores; e a persistência dos desordeiros no propósito de promoverem novo conflito na hipótese de nova tentativa de transferência, levaram-me à extrema necessidade de proibir o exercício do culto religioso na referida Igreja de São Francisco no intuito de cortar novos desacatos e inconveniências nos lugares de que os amados diocesanos cujos sentimentos religiosos são proverbiais, melhor esclarecidos e mais refletidos não só conhecerão o erro que praticaram, senão que prestarão livre concurso à realização do piedoso e louvável desejo dessa Mesa Regedora enquanto esperamos uma solução pacífica e honrosa para os crentes da Santa Religião que temos a felicidade de professar, convém que VV. SSas. Suspendam as obras começadas, em ordem a restabelecer-se a necessária calma e desejada harmonia. A meu ver não deve a Mesa Regedora desanimar-se, e sim esperar a realização das obras por algum tempo, que espero não será longo. Nesta mesma data dirijo uma portaria ao Revd. Pároco, pela qual ordeno a definitiva transferência da Matriz para a Capela de Nossa Senhora das Dores, onde se exercerão as funções paroquiais; queiram, pois VV. SSas. Entregar ao mesmo Revd. Pároco as alfaias e mais utensílios necessários para a administração dos Sacramentos naquela Igreja de São Francisco e todos os seus pertences sob a guarda da Irmandade de que são VV. SSas. os representantes. Restabelecida a paz e não havendo perigo algum de novos conflitos e incorrências, poderá a Irmandade entender-se com o Revd. Pároco para efetuar a trasladação das Imagens, e então recomeçarem-se as obras interrompidas. A vida do Glorioso São Francisco das Chagas doi um compêndio de todas as virtudes cristãs, sobressaindo a todas, além da pobreza voluntária, a mais profunda humildade e a mais ardente caridade para com Deus, e para com o próximo. Tal deve ser a norma de conduta daquele que se alistar sob sua gloriosa bandeira: – prudência e caridade para com o próximo, constância e perseverança nos atos religiosos de sorte que seja Deus louvado e glorificado pelas virtudes de seus fiéis adoradores. Assim seja – Deus Guarde a VV. SSas.

+ **Joaquim, Bispo Diocesano**

¹ APEC, 102.

¹ Registro da correspondência havida entre o Bispo do Ceará e a Confraria de São Francisco das Chagas de Canindé, fl. 1s.

II. Palácio Episcopal do Ceará, em 18 de junho de 1888.

Ilmos. Srs. Com profundo desagrado temos o ofício que nos dirigiu essa Mesa Regedora, em data de dois do corrente, narrando o deplorável fato da resistência oposta pelo Revd. Pe. Joaquim Cordeiro da Rocha à trasladação das Imagens da Igreja de São Francisco das Chagas para a de Nossa Senhora das Dores, e pedindo-nos providência adequada à emergência. Sem queremos entrar na apreciação da prudência ou precipitação com que se houve essa Mesa Regedora, não se assegurando previamente da sinceridade de ânimo dos opositoristas à trasladação das Imagens, acreditamos que o fato foi inopinado conforme o exposto em seu precitado ofício. Digno de louvor foi o procedimento da Mesa Regedora desistindo da procissão em vista do propósito, embora irracional, do Rvd. Pe. Joaquim; pois em todo caso convém evitar-se toda a violência possível e qualquer conflito desagradável. Não sendo de absoluta necessidade a mudança das Imagens, para que se façam as obras de reparos na Igreja de São Francisco, pode a Irmandade providenciar de modo que sejam elas guardadas na Sacristia ou noutro qualquer compartimento da mesma Igreja com a decência conveniente a objetos consagrados ao culto. Feito isto, e achando-se a Mesa Regedora legalmente constituída e competentemente autorizada a fazer as despesas, poderá,

se julgar conveniente, dar começo às obras de reparos, que aprovamos por julgá-las de utilidade, e conveniência para o maior brilhantismo do culto religioso. Havemos, porém por muito recomendado a Irmandade de São Francisco das Chagas proceda com mais prudência e caridade em ordem a evitar exaltação dos ânimos e todo e qualquer conflito. Deus Guarde a VV. SSas.

+ **Joaquim, Bispo Diocesano**

DOM JOAQUIM SUSPENDE A ELEIÇÃO DA MESA REGEDORA ¹

Dom Joaquim José Vieira, por mercê de Deus e da Santa Sé apostólica, Bispo do Ceará &. Tendo Nós por conveniência da boa administração dos bens de São Francisco das Chagas, Padroeiro da freguesia do Canindé, resolvido adiar a Eleição da Mesa Regedora da Irmandade do mesmo Orago que deveria funcionar no ano compromissal de 1896 a 1897. Havemos por bem pela presente portaria nomear nova comissão composta de cinco membros, a qual se encarregará de administrar os supra mencionados bens, ficando a mesma comissão com todos os direitos e deveres consignados no compromisso da Irmandade para as suas Mesas administrativas. Esta comissão se comporá de pessoas que por esta mesma portaria nomeamos, a qual é o seguinte: – Coronel Antonio Martins da Silva Júnior, Tenente Coronel João Pinto Damasceno, Major José Cordeiro da Cruz Filho, Capitão Clementino Finéas Jucá e Joaquim Cordeiro de Magalhães, os quais se reunirão, no dia cinco de outubro do corrente ano, e elegerão dentre si um para Presidente da Comissão, o qual fará as vezes do Juiz da Mesa administrativa; de sorte que perante esta Comissão prestará a atual Mesa que finda seu mandato em outubro do corrente ano, as suas contas que deverão ser oportunamente remetidas ao Rvm. Monsenhor Vigário Geral do Bispado para os devidos fins – Nomeamos para Tesoureiro o Major José Rabelo Cordeiro da Cruz que prestará a devida fiança. – Os demais empregados como o Revd. Capelão, Procurador, Escrivão & continuarão no exercício de suas respectivas funções, salvo ulterior deliberação da Comissão de acordo com a autoridade Eclesiástica. Esta Comissão não poderá funcionar com menos de três membros e suas deliberações terão valor igual às das Mesas administrativas. Esperamos que os ilustres Cavalheiros fiéis Cristãos, por Nós nomeados de boa mente aceitarão a Comissão e prestarão seus serviços à Santa Religião, que por graça de Deus professamos. Dado e passado nesta Cidade de Fortaleza e Câmara Episcopal, sob Nosso Sinal e selo de nossas armas, aos 27 de julho de 1896.

+ **Joaquim, Bispo Diocesana**

¹ *Ibidem* fl. 15v – 18.

DOM JOAQUIM ORDENA A ENTREGA DOS BENS DE SÃO FRANCISCO

Palácio Episcopal do Ceará, em 11 de novembro de 1896.

Ilmo. Sr. De volta de nossa viagem à Capital Federal para onde fomos tratar de negócios desta Diocese, foram-nos entregues diversos papéis, entre os quais um ofício dessa ex-Mesa Regedora, a nós dirigido em data de 11 de outubro último, e outro do ex-Juiz José Salustiano de Góis endereçado ao Rvd. Pároco dessa freguesia, no dia 21 do mesmo mês, pelos quais viemos, a saber, que essa ex-Mesa Regedora até ao presente não fez entrega dos

bens e documentos pertencentes a São Francisco das Chagas ao mesmo Rvd. Pároco, e que continua a administrar os ditos bens, não obstante haver terminado seu mandato; exige ainda essa ex-Mesa Regedora uma ordem legal de acordo com a lei orgânica da Confraria, para então fazer a dita entrega. Nestas condições sem queremos apreciar os fundamentos de uma tal resolução, nos limitamos a ordenar terminantemente a essa ex-Mesa Regedora faça pronta entrega dos bens e de todos os documentos pertencentes a São Francisco das Chagas dessa Vila ao Rvd. Pároco respectivo. Satisfeita destarte a exigência dessa ex-Mesa Regedora, esperamos que nossa ordem será pronta e fielmente cumprida, a fim de que o Rvd. Pároco por sua vez satisfaça o que temos determinado sobre este assunto. Agora faremos algumas cruéis reflexões sobre as queixas formuladas – por essa ex-Mesa, que se considera ofendida em seu melindre, por havermos adiado a eleição da nova Mesa que deve funcionar no ano compromissal de 1896 a 1897. Se tivéssemos má vontade contra essa ex-Mesa Regedora, poderíamos ter tomado outras resoluções, quando o Senhor Doutor Elpídio José de Carvalho e Souza lhe fez gravíssimas acusações, pelas quais insta ainda; no entanto nenhuma medida tomamos que pudesse magoar essa ex-Mesa Regedora. Por motivos poderosíssimos, que serão conhecidos oportunamente, adiamos a eleição da nova Mesa; e isto quando essa ex-Mesa tinha terminado o seu mandato; não há, pois, justo motivo de queixa. Muito acertadamente procedeu essa ex-Mesa deixando de promover a eleição da nova Mesa; pois, se tal fizesse incorreria nas penas cominadas no respectivo compromisso; o que trazia desgostos a nós e à Irmandade. Em resumo esperamos que essa ex-Mesa Regedora cumprirá seu dever fazendo a entrega supramencionada ao Rvd. Pároco, para que este possa desempenhar-se da incumbência que lhe fizemos a tal respeito. Deus Guarde e abençoe essa ex-Mesa Regedora.

+ **Joaquim, Bispo Diocesano**

RELATÓRIO DE DOM JOAQUIM SOBRE CANINDÉ (1913)

Cópia de uma cópia existente nos documentos do Barão de Studart (Instituto do Ceará)

“CANINDÉ

Desde longa data, que se não tem podido determinar com certeza quando começaram os fiéis desta Diocese a fazer votos ao Altíssimo, interpondo perante o Divino Trono o valimento do Seráfico São Francisco das Chagas, Padroeiro da Matriz de Canindé; conhecidas, mas não averiguadas pela autoridade competente, algumas graças especiais que se dizia terem sido alcançadas por intercessão de São Francisco, a pouco e pouco, foi crescendo o número de devotos romeiros que vinham ao Canindé satisfazer os seus compromissos religiosos, trazendo ex-votos e ofertas pecuniárias e objetos de valor. Estes rendimentos a princípio eram administrados por particulares até que em 1870 se constituiu uma Irmandade, sob a invocação de São Francisco das Chagas, a qual assumiu a administração e gerência do patrimônio e outros bens do Padroeiro. Em 1886, achando-nos em visita Pastoral no Canindé, tivemos ocasião de observar que o compromisso desta Irmandade era muito defeituoso; entretanto aguardando ensejo para uma reforma nos limitamos a aconselhar o emprego dos dinheiros existentes em melhoramentos e reparos da Matriz; o que teve começo em 1888, depois de muitos embaraços e dificuldades criadas por caprichos de pessoas, aliás, boas, que se julgaram ofendidas em seu amor próprio, posto que

infundadamente. Passada esta tempestade, formulamos outro compromisso, que aprovamos por Portaria de 18 de dezembro de 1892, ficando **ipso facto** de nenhum efeito o de 1870.

Este último compromisso não teve aprovação civil, nem dela precisava para ter inteiro vigor, pois que já se tinha dado a lei da separação do Estado da Igreja.

Muitas obras se fizeram no Canindé as expensas do Cofre de São Francisco, sendo as mais notáveis – a Igreja de Nossa Senhora das Dores, sita na mesma vila; uma casa inacabada, destinada a servir de casa de misericórdia e uma casa para ex-votos. Além destas despesas, a Irmandade, julgando-se com direito de dispor dos bens de São Francisco a seu talante, gastou não pequena soma com estradas, açudes e outras obras que deviam ser feitas pela Municipalidade. Consideráveis quantias foram empregadas em reparos e melhoramentos da velha Matriz e na aquisição das alfaías, etc..

Mas, como a despeito de tamanhos dispêndios, sobrava todos os anos alguma quantia mais ou menos avultada, aplicamos partes dessas sobras em favor do Patrimônio Diocesano. Isto fizemos, não só em virtude do direito que nos assistia como Bispo, como ainda em virtude de autorização especial que nos foi concedida pela Santa Sé em o Rescrito de 4 de abril de 1892 que nos permitia aplicar em favor do Seminário, as sobras das Irmandades, etc.

É bem de ver-se, porém, que os rendimentos do cofre de São Francisco não dependiam da Irmandade, que tinha empregados, cuja única ocupação era receber os respectivos ordenados.

Por último, de tal modo procedeu a Mesa Regedora do ano compromissal de 1895 a 1896, que nos determinou a dissolver a Irmandade de São Francisco de Canindé por Portaria de 3 de agosto de 1897, nomeando então uma Comissão composta do Rvd. Pároco Manuel Cordeiro da Cruz, o Rvd. Capelão Pe. Luís de Souza Leitão e do Capitão Clementino Finéas Jucá.

A Irmandade quis resistir à nossa Ordem, porque pretendia dispor à sua vontade dos dinheiros de São Francisco, o que não pôde conseguir conquanto desse prejuízo ao respectivo patrimônio. Organizada a Comissão, tratamos de arrecadar o que havia, aplicando o saldo na compra de apólices da dívida pública, que atualmente se eleva ao número de 120, dando os juros anuais de seis contos de réis. Estas apólices se acham em poder do Superior da casa de São Francisco. No dia 4 de outubro de 1898, celebramos com o Rvd. Superior da Missão do Maranhão, Frei Reinaldo de Paúllo, um contrato por quinze anos, obrigando-se os Padres a fornecerem pessoal competente e necessário para o magistério de um externato de primeiras letras, bem como para um internato de meninos pobres exclusivamente, aos quais deviam ser ministrados não só o ensino de primeiras letras, mas também o de artes e ofícios, e mesmo o ensino secundário de alguns preparatórios indicados no mesmo contrato; esta última parte foi observada, por algum tempo produzido bom resultado, pois que alguns moços que ali começaram à custa do cofre de São Francisco, devendo três deles receber o presbiterato no dia 30 de novembro do corrente ano, ficando outros a continuar seus estudos. Finalmente foi suprimido o curso de estudos secundários, ficando só as aulas de primeiras letras e de artes e ofícios, sendo que estas pouco têm aproveitado, porque os Rvds. Capuchinhos não têm pessoal habilitado para este fim, de sorte que grande parte das despesas que se fazem com o custeio do Colégio de Canindé não são compensados com bons resultados.

As obras da Matriz também não caminham como era de esperar-se: o Dr. Mazzini arquiteto contratado para dirigi-las, tomou outra empreitada de construção de um açude, de sorte que se distrai do cumprimento dos deveres que contraiu por ocasião de celebrar o contrato.

Não mais direi a este respeito porque V. Excia. Rma. tendo estado em Canindé, teve ocasião de ver tudo com seus próprios olhos, dispensando-nos assim de dar mais explicações, exceto as seguintes:

Além das 120 apólices supramencionadas, há mais as seguintes verbas pertencentes ao patrimônio de São Francisco: no Banco Inglês que funciona nesta capital quarenta e cinco contos duzentos e dois mil e quinhentos réis (45:202\$500), sendo quarenta e um contos de capital e o resto de juros vencidos: esta quantia está depositada no mesmo banco, já em nome de V. Excia. Rma.; um vale postal pelo Dr. Antonio Epaminondas da Frota, em data de 5 de janeiro de 1910, na importância de dez contos de réis (10.000\$000); que com os juros vencidos perfaz a quantia de 11:416\$000; e mais um vale passado pela casa Albano, em data de 4 de fevereiro de 1911, na importância de 4:682\$200 que com os juros de 5% já vencidos, perfazem a soma de 7:207\$080. Devem-se descontar 200\$000 que foram pagos em abril, havendo assim uma diferença para menos.

Possui o patrimônio de São Francisco três sítios, muitas terras, casas, animais de trabalhos, gado etc., além dos rendimentos do cofre deste ano, que devem exceder em muito às despesas. Pedimos ao Rvd. Frei Matias nos apresentasse um minucioso relatório sobre o estado da casa e de todos os pertences de São Francisco; por onde V. Excia. Rma. ficará ao corrente de tudo que há. Cumprimos um dever de justiça, declarando que o Rvd. Frei Matias de Ponteranica, pároco e Superior da Casa de São Francisco, tem trabalhado esfordamente a bem do estabelecimento, e se melhor não tem feito, é porque a respectiva administração é complicada e embaraçada, por serem muitos e variados os seus misteres”.

NOTA do Relatório com que o Exmo. Sr. D. Joaquim José Vieira passou o governo da Diocese ao Exmo. Rmo. Sr. D. Manuel da Silva Gomes.

Fortaleza, 2 de fevereiro de 1913.

(Ass.) + **Joaquim, Bispo resignatário do Ceará**

LETRAS APOSTÓLICAS QUANTO À NOVA BASÍLICA DE CANINDÉ

PIO P. P. XI para perpétua memória. Por carta gratíssima do Arcebispo de Fortaleza, soubemos que, na cidade de Canindé, da Arquidiocese de Fortaleza, existe um Santuário dedicado a São Francisco de Assis, frequentado pelos fiéis e clero não só da Arquidiocese e do Estado do Ceará, mas de outros Estados setentrionais do Brasil. A este Santuário acodem, já individualmente, já em turmas, à maneira de peregrinos, cidadãos de todas as classes, até de regiões longínquas a implorarem a intercessão de São Francisco, todos os anos, principalmente, nos meses de setembro até novembro.

Este Santuário, sob a jurisdição do Arcebispo de Fortaleza, está entregue aos cuidados dos Frades Menores da Ordem de São Francisco que, sob o governo de um superior próprio, se ocupam diligentemente no exercício do sagrado ministério. Além disto, os mesmos Frades Menores dirigem uma escola apostólica, anexa ao Santuário para formação de alunos de ordens sacras e juntamente um dos dois orfanatos constituídos para educação de órfãos de um e outro sexo, em prédios aptos e contíguos ao Santuário. Os fiéis, porém, que pia e devotamente afluem continuamente ao dito templo não só concorrem generosamente com os seus donativos para o decoro e magnificência do Santuário, de forma que se encontra largamente provido do necessário e conveniente, mas também ajudam e providenciam abundantemente a sustentação das mesmas casas de caridade. Por isso, como o atual

Arcebispo da arquidiocese de Fortaleza, traduzindo plenamente os desejos de seu clero e de seu povo, dirigiu-nos instantes súplicas para que honrássemos a Igreja ou o Santuário mencionado com o título e privilégios de «BASÍLICA MENOR». Nós seguindo os passos dos nossos predecessores e tendo em grande apreço o aumento de decoro das igrejas, anuímos livre e espontaneamente a estas preces. Assim, consultado nosso venerável Irmão Antonio Vico, Cardeal da S.I.R., Bispo Portuense e de São Rufino, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com nossa apostólica autoridade, por força das presentes letras e de um modo perpétuo ELEVAMOS A IGREJA OU SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, sita na Cidade de Canindé, no território da Arquidiocese de Fortaleza, AO TÍTULO E DIGNIDADE DE “BASÍLICA MENOR” e lhe concedemos todos os privilégios e honras, que, segundo o costume, competem às Basílicas Menores de Roma. Ficam revogados todos os decretos em contrário. Isto concedemos determinando que as presentes letras sejam e permaneçam firmes, válidas e eficazes e que produzam e obtenham todos os seus efeitos e aproveitem àqueles a que interessam ou interessar possam, agora e para o futuro, e assim decretamos e definimos e fica anulado, desde agora, e sem valor tudo quanto sobre isto for atentado em contrário, por qualquer e com qualquer autoridade, ciente ou ignorantemente. Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 30 de novembro de 1925, 4º ano do nosso Pontificado.

S. Cardeal Gasparri Secretário de Estado.

¹ AAS 1926 (XVIII p. 129s; RSA 1926 p. 92s.

ÍNDICE DE PESSOAS

Os nomes dos Franciscanos são assinalados com asterísco (*).

Siglas de Ordens religiosas:
C.M. – Lazaristas; O.C. – Carmelita;
O.S.B. – Beneditino; S.J. – Jesuíta; S. – São; Stª – Santa; Stº – Santo.

Agostinha, Irmã 129. (*) Alcântara, Frei Benjamim Soares de 126.
Alcântara, Frei Lourenço de 125.
Alcoforado, Raimundo Rodrigues 109.
Almeida Jr., Jerônimo José de 117.
Almeida, D. Joaquim Antonio de 142.
(*) Almeida, Frei Moisés Rocha de 126.
Almeida, Pe. Paulo 125.
Alves, José Balisa 53.
Andermatt, Frei Bernardo de 91.
(*) Antonio, Stº 29.
Araújo, Pe. Antonio Gomes de 31, 32.
Araújo, João Tomásio de 133.
Araújo, Pe. Pedro Álvares 76, 87, 163.
(*) Armenta, Frei Bernardo de 133.
Assis, Pe. Francisco Serafim de 73.
Assunção, Bernardina da 59.
Augusto, Pe. José 125.
(*) Baeumker, Frei Aurélio 7, 106, 111, 113, 145.

(*) Bahlmann, D. Frei Amando 129.
Barbosa, Dr. Homero 32.
Barbosa, Rui 144.
Barbosa, Tomás 125, 135.

(*) Barreto, Frei Pedro 127.
Barros, Pe. Francisco de Paula 72s, 154, 157.
Barros, Francisco do Rego 115.
Barroso, Gustavo 74.
Bastos, Dom Frei Antonio de São José 159.
Benedita, (artista) 140.
(*) Benedito, São 33.
Bento XV 68.
Bérgamo, Frei Cirilo de 80s, 91, 98ss, 104.
Beserra, Antonio Alves 115.
Beserra, Firmino Bispo 51.
Beserra, Pe. Geminiano 125.
Beserra, Pe. José 125.
Beserra, Reinaldo Gomes 149.
Bibi (artista) 83, 140.
(*) Bierbaum, Frei Irineu 90.
Borges, Francisco Liberato Bezerra 118.
Brás, Wenceslau 67, 68.
Brasil, Cônego Hipólito Gomes 87, 163.
Brasil, Tomás Pompeu de Sousa 37.
Brignano, Frei Abel de 78.
(*) Brochtrup, Frei Casimiro 107.
(*) Burgt, P. Stephan van de 90.

Calvairate, Frei Silvério de 81, 100, 104, 119, 124.
Campelo, Pe. Manuel Tomás Rodrigues 52, 73ss, 133.
Campos, Francisco 106.
Canindé, Irmãs Clara, Isabel, Madalena e Verônica de 128.
Cantalice, Frei Marcelino 126.
Carpignano, Frei Agostinho de 80, 91, 122.
Carvalho, Alexandrino Raimundo 44s.
Castellanza, Frei Roberto de 95.

- Castro, Pe. José Pereira de 71, 149, 153.
 Castro, Manuel Gomes de 74.
 Castro, Manuel Ramalho de 157.
 Catânia, Frei Serafim de 74.
 Cavalcanti, Pe. Antonio José 150.
 Cavalcanti, Pe. Ernesto José 75.
 Cavalcanti, Pe. Heitor Vieira 125.
 Chaves, Ernâni Gonçalves 54.
 Chaves, Manuel Rodrigues 149.
 Cisne, Pe. José de Arimateia 97, 123.
 Coelho, Cônego Antonio Gomes 73, 85.
 Coelho, Dom Moisés 142.
 (*) Coimbra, Frei Henrique de 29.
 Coitinho, D. Joaquim de Azevedo 158.
 Coitinho, Joaquim José Magalhães 159.
 (*) Colaço, Frei Adimar 113, 125.
 Comachio, Frei Cassiano de 45, 50, 77s, 94, 164.
 (*) Conceição, Frei Apolinário da 29.
 Cordeiro, Francisco Barbosa 149.
 Cordeiro, Manuel Barbosa 117.
 Cordeiro, D^a Maria da Natividade Barbosa 79.
 Cordeiro, Simão Barbosa 39, 149.
 Cordeiro, D. Frei Timóteo 19, 83.
 (*) Cornelius, Frei Policarpo 7, 81s, 109, 126.
 Costa, Pe. Cláudio Álvares da 39s, 71, 147, 148, 152s.
 Costa, Dom Frederico da 127.
 Costa, João Moreira da 125.
 Costa, José Teles da 157.
 Costa, José Vieira da 54.
 Costa, Pe. Pedro da 14.
 Costa, Zacarias Vieira da 74, 133.
 Coutinho, Juarez 120.
 Couto, Mons. Francisco 31.
 Cristo 2, 4, 5, 12, 26s, 37, 39.
 Cruz, Gregoriano 125.
 Cruz, José Cordeiro da 91, 118, 166.
 Cruz, José Joaquim da 79.
 Cruz, José Rabelo Cordeiro da 118.
 Cruz, Pe. Manuel Cordeiro da 77ss, 88, 92, 118.
 Cruz-Filho, José 125, 135.
 Cruz-Filho, José Cordeiro da 168.
 Damasceno, João Pinto 117, 166
 (*) Dantas, Frei Antonio 113.
 Dantas, Manuel José da Rocha 33.
 Dante 28.
 Delgado, D. José 120, 132.
 Desenzano, Frei Davi de 79s, 90ss, 94, 99, 118.
 Diniz, Dioclésio Soares 82.
 (*) Dolle, Frei Lucas 82s, 132, 140.
 Domaneschi, Pietro 125, 135.
 Draenert, Frederico 106.
 Eller, Madre Clara 129.
 Escolástica, Madre 128.
 (*) Ewers, Frei Francisco 112.
 Feitosa, Pe. Manuel A. 125.
 Félix, Francisco 33.
 Fernando, Dom 29.
 Ferreira, Antonio Dias 31, 33, 37.
 (*) Firmo, Frei José de Santana 31.
 Fraga, Clementino 51.
 Francildo (artista) 140.
 Frascarolo, Frei Vital de 32, 42, 149.
 Freire, Pe. João Crisóstomo de Oliveira 73.
 Freitas, Pe. José Joaquim da Silva, C.M. 76.
 Frota, Epaminondas da 174.
 Frota, D. José Tupinambá da 143.
 Gabriela, Irmã 129.
 Gasparri, Cardeal 70, 173.
 (*) Gellhaus, Frei Odilon 7, 81, 112.

- Geraldo, José 128.
 (*) Gerbig, Frei Florentino 126.
 Giotto 29.
 Girão, Raimundo 29.
 Goethe 29.
 Gois, José Salustiano de 167.
 Goldmann, M.^a 129.
 Gomes, Antonio José Moreira 72, 85, 157ss, 160.
 Gomes, João Batista Ferreira 32.
 (*) Gomes, Frei Sigismundo Feitosa 125.
 Gomes, Pe. Manuel 125.
 Gomes, Dom Manuel da Silva 67s, 70, 80, 100, 106, 107, 108, 111, 124, 128s, 141s, 172.
 Gomes, Raimundo Ferreira 133.
 Gondim, Josias 135.
 (*) Gress, Frei Helmut 125.
 Guidi, Mons. 90.
 Guimarães, José Mendes da Cruz 116.
 Guimarães, Manuel Mendes da Cruz 74.
 Gunkel, Hermann 58.
 Gurjão, Francisco de Sales 150ss.
- (*) Haerke, Frei Teodoro 7, 82.
 (*) Hauptmann, Frei Diogo 50, 111, 113, 119.
 Helena, St^a 59.
 Henriques, João Antonio de Araújo Freitas 163.
 (*) Herberhold, Frei Eduardo 51, 109.
 Hoepfner, Adherbal 55.
 (*) Hypólito, D. Frei Adriano 6.
- (*) Ilha, Frei Manuel da 33.
- (*) Jaboatão, Frei Antonio de St^a Maria 29, 32, 33, 35, 41, 59, 64, 66.
 (*) Jansweid, Frei Martinho 142.
 Jerônimo, São 59.
 Jesus, Pe. Manuel Antonio Martins de 75.
- João V, Dom 32.
 João VI, Dom 72, 141, 153, 159, 161.
 Jucá, Clementino Finéas 88, 117s, 166.
 (*) Jungwirth, Frei Tarcísio 103.
 Karam, Francisco Magalhães 111.
 Kau, Jorge Ilustr. 105.
 (*) Kiemen, Frei Matias C. 29.
 (*) Kipshagen, Frei Nicássio 7, 81, 109, 112.
 (*) Kirschbaum, Frei Adalberto 7, 112.
 (*) Klein, Frei Damião 107.
 (*) Kleinken, Frei Paulo 7, 81, 109, 126.
 (*) Klumper, Frei Benardino 107,
 kobler, A. S.J. 27.
 (*) Kockmeyer, Frei Tomás 126.
 Koetting, Bernhard 65.
 (*) Kohnen, Frei Mansueto 29.
 (*) Kraienhorst, Frei Antonino 82, 113.
 (*) Kruells, Frei Sigismundo 126.
 (*) Kuth, Frei Irineu 126.
- (*) Lauer, Frei Aloísio 90.
 (*) Laumann, Frei Amadeu 113.
 Leal, José A. de Barros 137.
 Leão, Alexandre Ugolino de Sousa 75.
 Leão XIII 97.
 Lear 37s, 50.
 Leitão, Pe. Luís de Sousa 25, 37, 39, 41s, 44, 50, 79, 86s, 92, 115s, 133.
 (*) Leite, Frei Elías Santiago 125.
 Leonissa, Frei Clemente de 77.
 Lessa, Antonio dos Santos 38s, 41.
 Lessa, Antonio Francisco dos Santos 149.
 Lessa, Joaquim dos Santos 41s, 49s.
 Lili, (artista) 140.

- (*) Lima, Frei Clóvis Moreira 125.
 Lima, Pe. Francisco Ferreira 125.
 Lima, Côn. José Alves de 125.
 (*) Lima, Frei Olivério 82, 132.
 Linhares, Pe. João 125.
 (*) Linn, Frei Osvaldo 82.
 Lisboa (artista) 140.
 Lisboa, Antonio Francisco 30.
 (*) Lisboa, Frei Cristóvão Severim de 29.
 Lisboa, João Gaspar da Silva 157.
 (*) Lisboa, Frei Marcos de 6.
 Lôbo, Pe. João 125.
 Lôbo, Pe. José Ferreira 125.
 Lopes, Pe. Edmilson 125.
 Lustosa, Dom Antoni de Almeida 37, 119, 125, 144.
 Luz, Tomé Pereira da 54.
- Macambira, José Bastos 144.
 Macambira Jr., Leôncio Xavier 125.
 Machado, Diogo de 29.
 Machado, Jerônimo 39, 41.
 Machado, José Jacinto Mendes de 117.
 Maciel, Antonio 39.
 Magalhães, Mons. Eurico 125.
 Magalhães, Joaquim Cordeiro 166.
 Magalhães, Pe. José 125.
 Magalhães, José Barbosa Cordeiro (citº
 Barbosa Cordeiro) 25, 34.
 Magalhães, Manuel Luís de 115, 117.
 Malegno, Frei João Maria de 91.
 Mar, Francisco Mendonça 41.
 Maria, Frei Manuel de Jesus O.C. 37.
 Maria Sma. 47.
 (*) Marques, Frei Cleto 125.
 Martinengo, Frei Alfredo de 52, 81, 100.
 Martins, Álvaro 25, 37s, 86.
 Martins, José 130.
 Mártires, Frei Sebastião dos O.C. 35.
- Matos, Eduardo Gomes de 137.
 Matos, João Wilkens de 163.
 Mazzini, Antonio 68, 102, 171.
 Medeiros, Francisco Xavier de 25, 37, 38s, 40s, 60, 146, 152.
 (*) Mellage, Frei Maurício 7, 81, 109.
 Melo, Pe. Alexandre Correia Araújo de 45, 77.
 Melo, Pe. Rodrigo José de 72. 154.
 Mendonça, Cônego Antonio Pinto 75.
 Mendonça, Pe. Joaquim da Costa 31.
 (*) Menezes, Frei Leônidas N. 125.
 Mesquita, Pe. Otávio 125.
 Milão, Frei Marcelino de 96, 105, 123s.
 Miranda, Luís 88.
 (*) Monte Falco, Frei José de Stª Clara 37, 39, 149.
 Monteiro, Pe. Francisco de Assis 125.
 Monteiro, Antonio W. Magalhães 82.
 Monticelo, Frei Teobaldo 124.
 Moreira, Joaquim 125.
 Moreira, Manuel do Nascimento 133.
 Mororó, Pe. Gonçalo 73.
 Moser, Henrique 106.
 (*) Mueller, Frei Bonifácio 7, 81, 112.
- Nembro, Frei Metódio da 32, 52, 61, 88, 90s, 93, 95, 97, 101, 122s, 129, 135.
 (*) Neyer, P. Paschalis 28.
 (*) Niggemeyer, Frei Capistrano 7, 81, 112.
- Oliveira, João Francisco 75.
 Oliveira, Leôncio Magno de 136.
 Oliveira, Manuel Abreu de 157.
 Oliveira, D. Quintino Rodrigues de 143.
 (*) Ortmann, Frei Adalberto 30.

- (*) Palácios, Frei Pedro 41.
 Passos, Antonio de Barros 59.
 Paula, Irmã 129.
 Paúllo, Frei Reinaldo de 91s, 171.
 Paz, Sebastião Maria da 53.
 Penha, Frei Vidal da Cf. Frascarolo.
 Perdigão, D. João da Purificação Marques 75.
 Pereira, Benigno 136.
 (*) Pereira, Frei Carlos Almeida 125.
 Pereira, Pe. Pedro de Abreu 76.
 Peveranza, Frei Mansueto 80.
 Pimenta, D. Joaquina 128.
 Pimente, Pe. Antenor Nunes 125.
 Pinheiro, Edmilson 126.
 (*) Pinheiro, Frei Luciano Maciel 126, 135.
 Pinto, Clóvis 136.
 Pinto, Mozart 135.
 Pinto, Pe. Raimundo 125.
 Pio XI 69, 70, 14.
 Pio XII 69.
 Pisogne, Frei Serafim de 91.
 Pombal, Marquês do 14.
 Ponteranica, Frei Matias de 45, 80, 81, 86, 91, 93ss, 99ss, 102, 104, 109, 124, 134s, 172.
 Pordeus, Ismael A. 30, 33, 37.
 Prado, Antonio Caio da Silva 166.
 Quinderé, Mons. José 88, 144.
- (*) Ramalho, Frei Paulino 7, 109.
 Ramos, Pe. José Hélio 125.
 Rebouças, André 38.
 Reis, Pe. Alexandre Bernardino 150.
 (*) Remédios, Frei Bartolomeu dos 37.
 Rescalda, Frei Abraão de 124.
 Ribeiro, Antonio 54.
 Rocha, Augusto 37, 42, 45, 50, 85s, 93, 97, 101s, 104s, 115ss, 118, 125, 135.
- Rocha, Pe. Joaquim Cordeiro da 87, 165s.
 Rocha, José Joaquim da 157.
 (*) Rode, Frei Ernesto 127.
 (*) Roettger, Frei Estêvão 7, 81, 109.
 (*) Roewer, Frei Basílio 41, 59.
 Rolim, Frei Antonio 62.
 (*) Rosário, Frei Domingos do 31.
 Rosas, Alberto Gentil de Albuquerque 51ss.
 (*) Rutten, Frei Menandro 7, 112.
- (*) Sá, Frei Arnaldo Mota e 125.
 Sales, Pe. Francisco 125.
 Salgado, Camilo 51.
 (*) Salvador, Frei Vicente do 29, 33, 48.
 Samarate, Frei Daniel de 91.
 Sand, Pe. Guilherme van der, C.M. 76.
 Sampaio, Manuel Inácio 72, 155, 157.
 Sampaio, Manuel Vieira de Lemos 58.
 (*) Santana, Frei Inácio de 31.
 (*) Stª Catarina, Frei Melquior de 29.
 (*) Stª Maria, Frei Antonio de 60.
 (*) Stª Maria, Frei Manuel de 31.
 Stª Quitéria, Irmã Inês de 119.
 (*) Stª Teresa, Frei José de 31.
 Santos, Antonio dos 35.
 Santos, Pe. José Laurindo dos 76.
 Santos, D. Luís Antonio dos 75, 162s.
 São João, Frei João Pedro de Sexto 99, 128.
 (*) São Luís, Frei José de 31.
 (*) São Paulo, Frei Manuel de Stª Maria e 37.
 (*) São Raimundo, Frei Roque de 31.
 (*) São Sebastião, Frei José de 31.

- (*) São Vicente, Frei Manuel de 31.
 (*) Schneider, Frei Cláudio 82.
 Segura, Mons. Turfbio Vila Nova 22.
 Seixas, D. Romualdo Antonio 73.
 Sésio, Frei Francisco de 135.
 (*) Silva, Frei Adauto Ribeiro da 126.
 Silva Jr., Antonio Martins da 166.
 Silva, Francisca Alves da 53.
 Silva, Francisco Domingos da 74.
 Silva, Pe. José Joaquim Coelho da 75.
 Silva, Julião Coelho da 35, 157.
 (*) Silva, Frei Juvêncio Rolim da 125.
 Silvina, Irmã 130.
 (*) Sinzig, Frei Pedro 30, 33, 50, 52, 62.
 Soares Neto, Pe. Manuel 125.
 Sobral, João 135.
 Sobreira, Pe. Azarias 125.
 Sousa, Elpídio José Carvalho de 167.
 Sousa, Pe. Manuel Ribeiro de 75.
 Sousa, Pe. Raimundo Teles de 78, 133.
 (*) Stanikowski, Frei Edgar 81.
 (*) Stohldreier, Frei Oto 7, 125.
 Studart, Barão de 39, 71, 117, 135, 147.
 (*) Tepe, Frei Agostinho 113, 126.
 (*) Tepe, D. Frei Walfredo 50, 106, 109, 113, 119, 132.
 (*) Teves, Frei Matias 107, 135.
 Tiago, São 59.
 (*) Todi, Frei Jacopone de 86.
 Tombrock, Me. Maria Imaculdada de Jesus 129.
 (*) Trigueiro, Frei Feliciano 7, 125, 135, 144s.
 Uchoa, Pe. Manuel Sulpino 75.
 Vassen, Pe. Guilherme, C.M. 135.
 (*) Vat, Frei Odulfo van der 29, 32, 133.
 Veja, Lope de 28.
 Veracruz, Paulo 50.
 Verdeixa, Pe. Alexandre Francisco Cerbelon 74.
 Verdelo, Frei Paulino de 91.
 Viana, José Marques 116.
 Vico, Cardeal Antonio 173.
 Vieira, Pe. João José 31, 32, 42, 71, 115s 150.
 Vieira, Joaquim Inácio 149.
 Vieira, Dom Joaquim José 50, 61, 77, 86ss, 90, 92ss, 97, 102, 118, 121s, 124s, 133s, 164ss, 167ss.
 Vieira, Maria do Carmo 37.
 (*) Vonnegut, Frei Lucas 7, 81, 106, 109, 111, 126.
 (*) Wallerus, Frei Wenceslau, 113, 119s.
 Wambra 27.
 (*) Wiesmann, Frei Flaviano 82.
 (*) Wiesmann, Frei Pacífico 7, 81, 112.
 (*) Willeke, Frei Venâncio 29, 33, 41, 59s, 64.
 (*) Wollny, Frei Mansueto 7, 126.
 Xisto IV (Papa) 32.
 (*) Zurek, Frei Hipólito 90.

FONTES HISTÓRICAS DE CANINDÉ

Canindé é uma terra mística que encanta as pessoas de fé, porque existe nesta terra um grande mistério do amor e da misericórdia de Deus, que se manifesta através dos milagres e das curas, das bênçãos e das graças operados por São Francisco das Chagas. Na intimidade vivida diariamente com este mistério cresce a cidade que acolhe doentes e sofredores, devotos e romeiros do Brasil inteiro, mas sobretudo do Nordeste sofrido e chagado, mas também teimoso na esperança e solidário na fé.

As crianças e os jovens de Canindé somente vão amar sua terra natal em profundidade, quando conhecerem bem suas raízes de fé e de devoção, a história do Santuário de São Francisco das Chagas pesquisada e contada pelos mais velhos.

Escolhi umas fontes históricas e pedi ao professor de português do Colégio Menino Jesus e da Escola Profissional Capelão Frei Orlando, José Narcélio Agostinho Bastos, que elaborasse uma versão escolar destas fontes, para que os alunos pudessem estudar num português atual estes escritos antigos e pudessem se identificar com o destino desta terra maravilhosa seguindo a Jesus no jeito de São Francisco.

Frei João Sannig – OFM
Santuário-Paróquia de São Francisco das Chagas
Arquivo Paroquial - Praça da Basílica, s/n, Centro - Canindé-Ceará
CEP: 62.700-000 – Site: www.santuariodecaninde.com